

Ana Maria Chiarini

IMIGRANTES E ITALIANI ALL'ESTERO:  
OS DIFERENTES CAMINHOS DA ITALIANIDADE EM SÃO PAULO

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Departamento de  
Antropologia do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas  
da Universidade Estadual de  
Campinas

*Este exemplar corresponde  
à redação final da dissertação  
defendida e aprovada pela  
Comissão julgadora em 16/07/92*

Orientador:  Guillermo Raúl Ruben

JUNHO/1992

C431i

17190/BC

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

Ao Agostinho e à Mãe

**Agradecimentos:**

Ao Guillermo pela orientação e pela presença do mestre, de perto ou de longe, há vários anos.

Ao Pi, ele bem sabe o porquê.

Ao pessoal da Casalbuono pela acolhida simpática.

Ao professor Roberto Cardoso de Oliveira pelas sugestões atentas e valiosas na qualificação.

A FAPESP, à ANPOCS e ao CNPQ pela concessão de bolsas para a realização do curso de mestrado e para a pesquisa.

Ao assessor da FAPESP pela leitura e comentários cuidadosos.

## INDICE

INTRODUÇÃO .....	1 - 7
CAPITULO I	
1.1. Os italianos na literatura .....	1
1.2. Um histórico da italianidade .....	4
CAPITULO II	
2.1. Algumas observações sobre o trabalho de campo .....	22
2.2. O despertar: uma visualização do campo da italianidade .....	29
2.3. Comunidade silenciosa, imigrantes e <i>italiani</i> <i>all'estero</i> : uma descoberta empírica .....	42
2.4. A fragmentação da italianidade .....	55
CAPITULO III	
Introduzindo os estudos de caso .....	68
3.1. A União Beneficente Amigos de Casalbuono: o primeiro estudo de caso .....	72
3.2. O <i>Circolo Italiano</i> : o segundo estudo de caso .....	90
CAPITULO IV	
4.1. As identidades na teoria .....	108
4.2. De volta ao campo .....	122
CONCLUSÃO .....	145
ANEXOS .....	151
BIBLIOGRAFIA	

## INTRODUÇÃO

Segundo o censo de 1980, no Brasil residiam 98790 italianos, sendo 60280 habitantes do estado de São Paulo. Essa população, que não corresponde nem a um terço do contingente de 1900<sup>1</sup>, no entanto, tem presença marcante. Durante os cem anos de imigração e ainda hoje, mantém espaços em que o valor "italianidade" é exaltado, apesar do contato direto e contínuo com brasileiros e outros estrangeiros.

Associações regionais, culturais e de bairro, além de órgãos de comunicação e oficiais, constituem-se em núcleos que dialogam (muitas vezes em português) com a Itália real, proveniência comum de todos, e com uma Itália imaginária, terra de ninguém, onde os desencontros e diferenças se revelam. Estes núcleos, que denominei de agentes da italianidade, produzem e reproduzem discursos sobre o que é ser italiano hoje, tendo se tornado focos de ressonância de vozes distintas no interior de uma colônia fragmentada.

O objetivo principal deste estudo é analisar como se elabora

<sup>1</sup> O censo de 1920 aponta a existência de 558405 italianos no Brasil, sendo que 71% moravam em São Paulo. Segundo estimativas apresentadas por Angelo Trento, em Do Outro Lado do Atlântico - Um Século de Imigração Italiana no Brasil, em 1900, existiam 540 mil italianos residentes no país e, em 1902, 600 mil.

e se reformula a noção de italianidade na cidade de São Paulo, na última década, período de modificações estruturais importantes na Itália e em sua posição no contexto mundial. Constata-se, no Brasil, a introdução de um discurso preocupado em transmitir uma imagem desenvolvida e moderna do país de origem, por parte, em especial, dos representantes do governo e empresários italianos, que colide polarmente com as imagens consolidadas durante o período migratório, provocando conflitos instigantes para a investigação.

É importante enfatizar que, através das informações obtidas e entrevistas realizadas no interior de tais agentes, registrando os mecanismos de produção e reprodução de uma noção étnica, como processo particular, é possível estabelecer um diálogo com a questão identitária, sem dúvida, o pano de fundo da pesquisa.

Os dados, interpretações e dúvidas acumulados durante o trabalho de campo e o contato com a bibliografia foram sistematizados na dissertação, enfatizando a história e a totalidade do universo empírico e, apenas num segundo momento, particularizando a análise por meio de estudos de caso. Pode-se dizer que o percurso traçado no texto corresponde, de certa forma, àquele feito por mim na abordagem do tema, mantendo a identidade como preocupação basilar. O contato com a história da imigração e com a literatura existente sobre italianos foi o passo inicial, seguido pela reconstrução do campo da italianidade e pela seleção de alguns agentes. Portanto, o texto espelha as etapas do trabalho numa linha quase temporal, que só não se concretiza devido ao esforço de sistematização dos últimos meses,

à circularidade e ao constante retorno a algumas questões, descaracterizando uma seqüência gradativa de envolvimento.

A pesquisa se coloca numa perspectiva metodológica entre uma tradição sociológica marcada pela ênfase na totalidade e o olhar mais intimista e particularizado da Antropologia. Não me limitei à fixação de uma visão micro ou macro do campo e utilizei recursos e técnicas dos dois tipos de abordagem. Tal postura foi intencional desde os primeiros contatos com a colônia, dadas suas próprias características. Considerando a fragmentação e os conflitos do universo empírico e minha proposta de estudar a italianidade num momento histórico importante, concluí que uma perspectiva metodológica um tanto tensa seria a mais adequada. É óbvio que uma análise puramente quantitativa e macroscópica da questão não vinha ao caso numa pesquisa antropológica, mas centrar o foco em um estudo de caso detalhado seria, com certeza, uma visão parcial da italianidade. Além disso, o que foi chamado com freqüência de "despertar" é um momento marcado por uma dimensão institucional bastante forte que fez questão de registrar. Essa tensão, proposital, entre estudo de caso e contexto também foi a responsável por uma utilização pouco exaustiva de certas técnicas e métodos comuns em estudos antropológicos como a história de vida ou a análise situacional, que foram empregadas, mas não exploradas ao limite.

Três observações referentes à linguagem e à terminologia devem ser feitas antes que o conteúdo e a divisão dos capítulos da dissertação sejam especificados.

Ao me referir ao "campo da italianidade", refiro-me

simplesmente à totalidade mencionada no parágrafo anterior. Trata-se apenas de uma definição empírica.

Os termos "noção" e "conceito" são utilizados de forma diversa. Já que o estudo tem uma preocupação empírica mais direta, relacionada à italianidade, e faz referência à questão teórica da identidade, decidi pelo emprego dos dois termos. "Noção", nesse contexto, corresponde à representação nativa da italianidade e "conceito" insere-se na tradição da disciplina.

A última observação diz respeito à transcrição das entrevistas. É importante lembrar que as falas foram transcritas, obviamente não obedecendo uma transcrição fonética, tentando captar a maneira como foram ditas. Minha preocupação não foi acentuar marcas típicas da fala dos brasileiros (como a ausência do "s" no plural), também comuns entre os imigrantes, mas registrar, em especial, os sons característicos como o "on" ao invés de "ão" ou a interferência de palavras italianas.

Quanto à estrutura da dissertação, no primeiro capítulo, analiso a produção literária sobre a imigração italiana no Brasil e localizo minha pesquisa dentro deste campo, tentando mostrar de que forma utilizei vários títulos e em que aspectos avanço naquilo que já foi estudado. Assim, nesta parte do texto, traço os paralelos e as diferenças entre a pesquisa e a produção, tanto antropológica quanto historiográfica, sobre os italianos propriamente ditos.

Baseando-me nas informações obtidas a partir deste material, apresento uma discussão histórica da italianidade, o que tem grande importância no contexto do estudo uma vez que me proponho

a analisar a reformulação da noção, em processo nos últimos anos. O caráter dinâmico, múltiplo e histórico da identidade é a premissa da qual parte a pesquisa e essa *démarche* ao longo de mais de cem anos de imigração é fundamental para enfatizá-lo e permitir o entendimento da efervescência atual e suas ressonâncias. As transformações, pequenas ou acentuadas, por que passou a imagem italiana nas fazendas de café, no auge do movimento operário do início do século, durante o fascismo, após a Segunda Guerra Mundial e na década de 1980 demonstram a total inexistência de um cerne identitário sólido e fixo.

No segundo capítulo, explicitando a produção e os problemas do trabalho de campo, construo a etnografia da vida italiana na cidade de São Paulo e apresento um mapeamento dos diversos agentes contatados ou conhecidos. Os contrastes entre *italiani all'estero* e imigrantes e entre comunidade e colônia, expostos no texto, foram uma descoberta empírica significativa na dinâmica dessa identidade em reformulação. A auto-promoção, o individualismo e a importância dada aos títulos honoríficos, temas bastante tratados nas entrevistas por emergirem espontaneamente, traduzem a segmentação do circuito.

Duas vertentes da questão identitária, sugeridas nos primeiros meses da pesquisa, associadas à dicotomia "imigrantes X *italiani all'estero*", que perpassa todo o universo empírico, me levaram à seleção dos estudos de caso. A opção pela Associação Beneficente Amigos de Casalbuono, formada por imigrantes de uma cidadezinha próxima a Salerno, e pelo *Circolo Italiano*, clube de elite que agrega italianos de várias regiões, me pareceu dar

conta de uma vertente identitária local e outra nacional-universalista. A esfera oficial, a via principal pela qual a nova italianidade é colocada no circuito, também foi privilegiada pela pesquisa através de contatos com o Consulado, o *Istituto Italiano di Cultura* e o *Istituto per il Commercio Estero* (ICE).

No capítulo IV, fazendo uma revisão bibliográfica sobre a questão identitária, tento mostrar a trajetória do conceito, em suas expressões mais significativas para a Antropologia e para minha reflexão, desde a sua generalização na disciplina até os últimos anos. Sem dúvida, a discussão que envolve o conceito é o substrato sobre o qual se desenvolve o estudo e, apesar de não ter pretensões de resolvê-la, é necessário enfrentá-la de alguma forma. Os localismos e a unidade italiana idealizada, além da situação atual da Itália e dos descendentes, dispostos a reivindicarem a cidadania e a empreenderem a viagem de seus parentes às avessas, acenam para uma italianidade em reformulação, mas, ao mesmo tempo, implicam rachaduras existentes na velha noção e naquela que se apresenta como nova. Tal falta de solidez e sustentação percebida no campo pode contribuir, de um ângulo particular, para o debate antropológico, além de abordar um tema que considero fundamental atualmente: a introdução pela chamada "nova ordem mundial" de relações inéditas entre os povos, atravessando a reivindicação do local e a consolidação da transnacionalidade.

Neste ponto, antes de iniciar o capítulo I, gostaria de fazer uma observação rápida quanto à história particular do

estudo. Em 1987, durante um período de 5 meses na Itália, comecei a pesquisa bibliográfica, conheci algumas sedes de associações e refleti, ou vivenciei, questões importantes. Mas, de certa forma, o texto já vinha sendo preparado há tempo por causa de minha origem familiar. Casos tristes ou engraçados sempre foram marcantes, especialmente nas presenças de meu pai e minha avó, e, sem dúvida, formaram uma base da qual parti. A experiência emigratória, por tecer uma complicada rede de relações e alterar de maneira definitiva a vida daqueles que partiram, inscreve-se no cotidiano e através dos laços, e conflitos, de família chega até as gerações seguintes. Tudo o que ouvi durante a pesquisa ressoou em meu arquivo pessoal, estabelecendo comparações, tirando provas ou, mesmo, impondo preconceitos. Ainda que nada disso esteja explícito no texto, ocupa grande parte das entrelinhas e ultrapassa o escrito em riqueza e interesse.

## CAPITULO I

### 1.1. Os italianos na literatura

A primeira fase da imigração, delimitada pela maioria dos estudiosos entre 1876 e 1902, foi amplamente investigada pelos historiadores. As causas da diáspora, as longas viagens e as condições de vida em terras brasileiras são importantes focos de análise e foram temas quase esgotados pelos estudiosos. Michael Hall, em "*The Origins of Mass Immigration in Brazil, 1871-1914*", dedica um capítulo aos italianos de São Paulo e desenvolve a investigação nesses termos. Zuleika Alvim, no seu Brava Gente!, trabalhando com obras e documentos italianos, mostra quem eram os primeiros imigrantes, antes de saírem de suas terras, e suas formas de resistência (fora dos padrões clássicos) no cotidiano das fazendas de café.

A fase posterior, que chega até a década de 1920, traz consigo a mobilização política, o anarquismo, a organização sindical e inúmeros trabalhos sobre o início do movimento operário. O livro de Sheldon L. Maram, Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro, 1890-1920, é exemplo de um título que trata do período.

A partir daí, o assunto começa a rarear, sem dúvida, em função da queda da imigração italiana e da integração aparentemente rápida ao contexto brasileiro. Faz-se referência a estrangeiros e italianos nas décadas de 1930 e 1940, ao fascismo e às suas influências, em estudos sobre o Estado Novo. Alguns dos que analisaram este período da história tiveram que se deter na

questão, como é o caso de Alcir Lenharo (1986) e Angela M. C. Gomes (1982), enquanto um trabalho mais antigo de José A. Rios (1959) aprofunda especificamente o fascismo e o nacionalismo entre os imigrantes.

Quanto ao pós-guerra, há escassez de literatura, com exceção de títulos que se referem a épocas anteriores e se estendem até dias atuais. Constantino Ianni (1972), no famoso Homens sem Paz, utiliza-se de documentos oficiais italianos e atas de congressos de emigração, além de recolher depoimentos e fazer uma viagem num navio com um grupo de emigrantes, na década de 1950. Franco Cenni (1975) apresenta um grande panorama da italianidade com um estilo um tanto laudatório, numa publicação que marca os cem anos da vinda para o Brasil.

Já sendo parte de uma literatura antropológica sobre o assunto, Eunice Durham (1966) faz uma pesquisa, na cidade de Descalvado, tentando entender a mobilidade social dos que chegaram, no fim do século passado, para a plantação do café. Recolhe dados na prefeitura e junto à população local, entre outras fontes. João Batista Pereira (1974) desenvolve um trabalho em Pedrinhas, núcleo fundado no interior de São Paulo para instalar um grupo de italianos, na década de 1950, que ficou conhecido por ter sido palco de um grave incidente diplomático (vários desses imigrantes, revoltados com as péssimas condições de vida, decidiram voltar à Itália).

Quanto à bibliografia italiana, Emilio Franzina, em um de seus estudos sobre o tema (1979), recolheu a correspondência entre emigrados no Brasil e Argentina e suas famílias distantes.

Chiara Vangelista (1982) fez uma análise, com um enfoque econômico, sobre os trabalhadores do café, os primeiros elementos do mercado de trabalho paulista. Angelo Trento, estudioso da emigração italiana para o Brasil, referiu-se, muitas vezes, à questão da italianidade ao fazer um quadro geral das atividades desses emigrantes, entre 1875 e 1940 (1984). Posteriormente, escreveu uma continuação do livro, abrangendo a vida dos italianos até os dias de hoje. A obra completa foi publicada, em 1989, em português, pelo *Istituto Italiano di Cultura*. Franco Martinelli, sociólogo, veio ao Brasil, em 1986, onde permaneceu por seis meses, com o intuito de investigar as condições de vida nas favelas de São Paulo e, mudando seus planos iniciais, decidiu-se por uma pesquisa, publicada em 1988, sobre a "integração social e difusão cultural" dos italianos na cidade. Martinelli reservou dois pequenos capítulos do livro às associações e instituições de origem italiana, onde algumas delas foram apresentadas rapidamente, sem ter sido explicitado o porquê de tal seleção. A leitura de seu trabalho provoca a sensação de se estar diante de um panorama de toda a imigração, de suas contribuições para o desenvolvimento brasileiro e da integração dos italianos à vida da metrópole, hoje, feito exclusivamente para o público da Itália.

## 1.2. Um histórico da italianidade

Uma vez que a pesquisa focaliza os processos de transformação das noções de identidade social referidas às nacionalidades, convém analisar, buscando subsídios no contexto bibliográfico aqui apresentado, o caminho percorrido pelos imigrantes, ao produzir e reproduzir a italianidade, desde o final do século passado até a última década. Vários agentes, que atuam hoje e elaboram representações, se constituíram numa trajetória marcada por conflitos e diferenças quanto à questão de "ser ou não ser italiano", o que se reflete no atual momento de efervescência vivido pela comunidade de São Paulo. Sem dúvida, o processo que vem atravessando esta noção étnica foi antecedido por pequenas ou acentuadas mutações provocadas por práticas da colônia e de ambos os governos envolvidos. Antigas associações, decretos, ricas internas e as relações com a Itália criaram novas condições ou atuaram como canais de expressão, exercendo grande influência sobre a italianidade.

Antes mesmo que os primeiros italianos pisassem em terras brasileiras, já havia uma definição de quem seria o emigrado, aquele que carregaria a imagem da Itália para cá e para o resto do mundo. Os governos dos dois países se preocupavam com a índole e o caráter da mercadoria em questão, tentando evitar problemas futuros. Tanto aquele que mandava quanto aquele que recebia queria ter certeza de estar comerciando um produto rentável: trabalhadores dóceis e capazes, que não perturbassem a ordem no

país de chegada e não denegrissem a honra do país de origem (Cabrini, 1912).

Nesse sentido, a literatura sugere que os dois governos começaram, já nos primeiros tempos da imigração, a exercer um papel ativo na própria constituição da noção de italianidade, o que não exclui, muito pelo contrário, os próprios agentes sociais do processo. Na época do fascismo (em que apenas os fascistas podiam emigrar) (Rios, 1959), no Estado Novo, quando foi delimitada a entrada de operários pelo perigo político que representavam (Gomes, 1982) ou mesmo hoje, com a tentativa de órgãos oficiais de apresentar a face moderna da Itália (Di Lorenzo, 1987), esse papel se mostra claramente.

Em relação ao governo italiano, os guias voltados para a preparação de emigrantes (organizados pelas companhias de navegação e pela igreja católica, na maioria das vezes, mas utilizados pelas esferas oficiais) são ricos em conselhos que traduzem a preocupação com a imagem do país em outras terras:

"Embriagar-se, blasfemar, dizer palavras de baixo calão, agredir-se e esfaquear-se, se são ações detestáveis na pátria, assumem um caráter ainda mais grave no exterior, onde o italiano que comete um ato infeliz não só prejudica a si mesmo, mas também seus compatriotas, e arrasta na lama o nome da pátria e a dignidade da classe a que pertence" (Cabrini, 1912:30; tradução minha).

"Onde quer que (os emigrantes) estabeleçam a sua morada, saibam merecer a melhor sorte a que aspiram com o cumprimento de todos os seus deveres; amem a família e dela cuidem, façam com que tome o caminho da retidão, sejam sempre unidos entre si,

respeitem a lei, os hábitos da segunda pátria, sejam modestos, ativos, de bons costumes, laboriosos, pacientes, constantes na sorte ou no destino adverso, e estejam certos de que a pátria não deixará de velar por eles, e face aos estrangeiros, conseguirão estima, confiança, crédito; serão tão mais respeitados, bem acolhidos, honrados, quanto mais se mostrem dignos de serem chamados italianos." (Capud Lupi, 1983:173; tradução minha)

Segundo o artigo de Cecilia Lupi, que faz parte de um livro voltado para a emigração vêneta, organizado por Emilio Franzina, durante todo o período que vai do fim do século XIX até o fascismo, a preocupação básica do governo italiano, através de suas iniciativas, contatos consulares, envio de livros e representantes era sempre em manter vivas a religião, a família e a pátria. O governo procurava compor a imagem de uma mãe sofrida com a partida de seus filhos a lhes implorar que não a ofendessem e se mantivessem cristãos.

"Religião, Família, Pátria" é o trinômio dos valores a serem respeitados a todo custo e em nome dos quais se exortam os emigrantes a não lutarem nem no novo país, de modo a não ofenderem o nome da Itália, a não causarem dor aos familiares distantes e a se manterem sempre fiéis ao conformismo cristão diante de todas as vicissitudes e de todos os sofrimentos. A América, com as suas maravilhas e a sua abundância, é a terra oferecida pela divina Providência para dar aos pobres tudo quanto não puderam ter aqui. O importante é não odiar, não imprecicar contra uma pátria representada como uma mãe dolente, em lágrimas pelas desventuras de seus filhos errantes pelo mundo, nem contra as nobres e paternais figuras da classe dirigente italiana, que parece não ter responsabilidade pela situação presente, mas que

tanto se preocupa com que os trabalhadores no exterior sejam assistidos, instruídos e protegidos." (Lupi, 1983:173; tradução minha)

Em relação ao governo brasileiro, a dissertação de mestrado de Maria Therezinha Janine Ribeiro mostra o preconceito contra o imigrante italiano expresso nas sessões da Câmara durante a República Velha. A historiadora demonstra como a chegada dos trabalhadores ocorre na época áurea do racismo, quando idéias evolucionistas são bastante ventiladas. Essa contextualização permite entrever as imagens atribuídas aos imigrados como forma de coibir e reforçar comportamentos.

A direção da política e a propriedade da terra estavam nas mãos de descendentes de antigas famílias paulistas e a intenção desta burguesia cafeeira, através de seus representantes, ao buscar braços na Europa, era, sem dúvida, circunscrever ao campo a mão-de-obra importada. Nos primeiros anos da experiência, tal intenção se concretizou devido a todo o esquema montado para o recebimento do imigrante, mas já na última década do século, começou-se a perceber que a fixação à zona rural não era tão simples. O aumento da população da cidade de São Paulo é um índice revelador da preferência pelo urbano.

Pode-se dizer que, a partir do momento em que a trajetória do italiano escapou dos limites traçados pela burguesia cafeeira, conotações negativas passaram a acampanhar o termo "imigrante". A aglomeração nas cidades, dando origem às *classes laborieuses*, *classes dangereuses*, como explica a historiadora, atemorizava a elite e a fazia sentir-se como se estivesse pagando, através da

subvenção das viagens, por um produto que se quebrara antes do uso.

Segundo Ribeiro,

"O trabalhador idealizado agradaria por preencher todos os requisitos. Mais que desejado, chegaria até a ser amado por esse motivo. Já o trabalhador real, vindo em busca de condições de vida mais satisfatórias, luta por elas e com isso, sai fora dos trilhos indicados. Daí o temor." (Ribeiro, 1985:179)

A questão racial, que perpassa o período, constantemente colocava italianos frente a trabalhadores negros, japoneses, chineses e até porto-riquenhos (que foram propostos, em 1892, como uma nova leva de mão-de-obra a ser trazida). É interessante perceber nas falas dos legisladores, transcritas na dissertação, o jogo que se estabelece entre os estrangeiros de várias proveniências e o desejo de introdução de homens brancos e marcados pela "civilização". A literatura que trata do período parece sugerir que criou-se um dilema no contexto do governo oligárquico: ou privilegiavam-se imigrantes europeus, procedentes da Espanha ou Itália, onde, porém, o movimento operário já tinha uma história, ou orientais e latino-americanos, que implicavam menores salários, mas também uma carga genética que não fazia parte dos projetos de depuração da raça brasileira.

Fazendo uma leitura de várias obras voltadas para a imigração e circunscrevendo o interesse à questão da italianidade, não é difícil constatar que, de 1875 a 1920, a caracterização do italiano passa, invariavelmente, por sua

capacidade de trabalho e seu ascetismo. Parece não haver discordâncias quanto a isto por parte da população brasileira da época, dos líderes políticos e dos próprios historiadores que se concentram no período. Mas, ao mesmo tempo, a acusação de subversão era utilizada com frequência para controle da massa migratória e o perigo da invasão estrangeira era sempre citado por ocasião das greves. Adicionando um outro ingrediente um tanto incompatível a essa mistura, pode-se lembrar que já era corrente a imagem do italiano que carrega milênios de cultura às costas, uma espécie de portador da civilização, como explicitam os discursos de alguns deputados na dissertação de Maria Therezinha Janine Ribeiro.

É importante enfatizar que a postura política dos imigrados não é vista de maneira consensual nem mesmo pelos historiadores e a operosidade e o ascetismo dos italianos são trabalhados diversamente pelos estudiosos. Para alguns, a emigração é mera fuga, para outros, é expressão de resistência. Zuleika Alvim, por exemplo, enfoca a atuação do imigrante através de ótica diversa daquela da política tradicional. Em sua análise, a organização familiar, a religião, a mobilidade geográfica, as fugas individuais ou coletivas, a posse de pequenas propriedades, além do ato de emigrar, constituem-se em formas de resistência e de luta no contexto das fazendas de café.

"Talvez seja mesmo uma saída individualista - para os padrões de análise da luta operária em sociedades onde os trabalhadores já se encontram organizados. Mas será que se podem empregar tais critérios para a realidade paulista na época?"

Quando a própria liberdade de locomoção foi um direito conquistado para muitos, o caráter das lutas sociais não pode ficar restrito apenas às premissas econômicas. Sua vertente foi também social, embora muitos não se dêem conta disso." (Alvim, 1986:168)

°Segundo esta visão, mesmo o modo de vida asceta mantido pelo imigrante poderia ser encarado como uma maneira de se distinguir daqueles a quem veio substituir na lavoura do café. A poupança, obtida a duras penas, seria a única maneira de se atingir o sonho da propriedade. Um comportamento tão tradicional, portanto, é visto como estratégia, ainda que em moldes individualistas, ou como resposta ao patrão.

Chiara Vangelista, que escreveu Le Braccia per la Fazenda onde descreve o papel do italiano na formação do mercado de trabalho paulista, desenvolve outro tipo de análise. Para ela, a dedicação ao trabalho e a ascensão social através do sacrifício e da poupança fazem parte de uma lógica própria da economia cafeeira:

"... esse ascetismo era o mesmo definido pela ética do trabalhador aceitável na grande lavoura. O estereótipo traduzia essencialmente, em termos de nacionalidade, o que era, de fato, expressão exclusiva da necessidade de conservação da economia colonial." (Vangelista, 1982:55; tradução minha)

Angelo Trento, historiador italiano, autor de Do Outro Lado do Atlântico, concorda com a posição defendida por Vangelista e aponta o uso ideológico de certos valores por parte do governo da

península e da coletividade no Brasil. Segundo Trento, existia a tendência de reforçar "a imagem estereotipada do pobre imigrante, que tendo chegado com sua trouxa nas costas, à força de sacrifícios, vontade, dedicação ao trabalho e ponderação, tornava-se milionário" (Trento, 1989:148,149). Para o autor, investia-se, assim, numa indicação do caminho ideal a ser tomado para o sucesso.

Independentemente destes desencontros da análise, que, a meu ver, se relacionam muito mais às posturas políticas e aos interlocutores dos próprios estudiosos, é possível afirmar que, em termos numéricos, para o Brasil vieram poucos ativistas políticos europeus (de acordo com os padrões clássicos da luta operária). Mas, as manifestações de resistência, que são apontadas por Zuleika Alvim, atuam, sem dúvida, como dissonâncias numa representação plana e unívoca, assim como a utilização ideológica de certas acusações. Não é difícil encontrar na literatura referências díspares quanto à subjetividade do italiano. De trabalhador incansável, ele se transforma em elemento ofensivo à ordem pública. De carcamano, transmuta-se em anarquista.

Tal constatação, num estudo de cunho historiográfico, pode não ter muita importância, mas numa pesquisa antropológica cujo foco de análise é a noção de italianidade, obviamente se reveste de um outro significado. Pode-se afirmar que mesmo durante o período áureo da imigração italiana para o Brasil, quando a presença destas pessoas no país vinculava-se por completo à idéia de braços para a agricultura ou de mão-de-obra barata, a fixação

de uma noção identitária única já se mostra questionável.

A partir da ascensão do fascismo, a bibliografia sugere ainda uma ruptura nessa imagem ambígua, acrescentando novos elementos a serem considerados. Para o governo italiano, imbuído de ideais imperialistas, havia se modificado o emigrante ideal. Não bastava que fosse cristão, trabalhador e honesto, mas antes de tudo, deveria ser um patriota. O italiano não seria simplesmente o operário e agricultor incansável, mas, de certa forma, um colonizador, um exportador do nacionalismo. Deveria ter a força de um guerreiro de uma nação superior ou mesmo de um participante de uma vanguarda de ocupação.

O líder nacionalista Enrico Corradini, numa entrevista dada ao "*Fanfulla*", chega a sugerir que a conquista do país seria importante para a manutenção da identidade entre os imigrados.

"Para que os imigrantes possam continuar italianos, nacionalmente falando, seria preciso que a terra sobre a qual trabalham e se enriquecem também se torne italiana" (Rios, 1959: 37).

Ou ainda:

"É preciso que o povo emigrante se transforme em povo colonizador" (Rios, 1959: 38).

Nas palavras do ministro Grandi, em 1927, quando determinou-se que apenas aos fascistas seria permitido emigrar, pode-se verificar o aparecimento de uma denominação que interessa

particularmente à pesquisa, já que foi revivida nos últimos anos. Na onda patriótica que atingiu italianos do Brasil e da Itália, foi proposta a transformação do Comissariado de Emigração em Direção dos Italianos do Estrangeiro. Segundo o ministro:

"As colônias italianas no estrangeiro devem ser pequenas pátrias; e as pessoas designadas para representar a soberania do Estado, devem, nesse sentido, cumprir integralmente o seu papel. Está substituído o antigo Comissariado de Emigração pela Direção dos Italianos no Estrangeiro. A emigração tornou-se um fenômeno político. A Itália de hoje não é a de vinte ou trinta anos atrás" (Rios, 1959:56).

Portanto, foi sob a influência de sentimentos imperialistas que surgiu o termo "italiani all'estero", também presente hoje - como símbolo da modernidade - num outro contexto de exaltação das grandezas da península, contrapondo-se à figura antiga do "imigrante".

A mudança no comportamento dos descendentes em relação à própria italianidade é outro fenômeno compartilhado pelo fascismo e pelo período atual. Tanto na década de 20 quanto nos últimos cinco anos, verifica-se um certo orgulho da ascendência e da história dos pais e avós, fato absolutamente novo desde a Segunda Guerra até a metade da década de 1980. Um dos entrevistados, que viveu esta época nacionalista, sugeriu a comparação, também apontada pela análise da literatura.

Angelo Trento, um dos poucos estudiosos a se deterem no período, explica que somente a partir dos anos 30 a coletividade italiana foi tocada pela propaganda fascista. Até então, apenas a

élite havia se dobrado aos encantos do novo regime. O historiador se refere ao uso de camisas negras e distintivos em acontecimentos públicos e à difusão no Brasil dos "sinais exteriores da coreografia fascista" (Trento, 1989: 338).

Sem dúvida, neste período, a conotação do italiano já não é a mesma daquelas um tanto desencontradas, como demonstrei no início deste tópico, das primeiras levas de imigrantes vindas para as culturas de café. Com o governo de Vargas e toda a preocupação com o caráter nacional brasileiro, entram novos elementos na questão, referentes à emersão de um forte sentimento ufanista. Brasileiros e italianos e seus respectivos governos interagem de forma bem diferente, resultando num outro momento da produção da noção.

Ao mesmo tempo que se percebe um vínculo mais estreito a nível governamental, com a atenuação de posições anti-fascistas por parte da imprensa e de autoridades brasileiras, a literatura não indica apenas este caminho.

Opondo-se à historiografia tradicional, que explica o Estado Novo pela hipertrofia do Estado dada a indefinição do proletariado, burguesia e classe média, Alcir Lenharo aponta para a busca de um elemento unificador instigada pelo aumento de conflitos e multiplicidades. Segundo ele, faziam parte deste projeto de unificação a afirmação da brasilidade e uma estratégia de eugeniação do país, o que tem implicações sobre a imagem do italiano (apesar de que, como explicita Lenharo, não fosse, entre os estrangeiros, dos mais visados).

"Sangue e ameaça social: a mesma visão temerosa da invasão sub-reptícia das doenças venéreas circula pelo discurso político, sempre a evocar a ameaça da infiltração de "focos ideológicos e raciais" no corpo do país. O imigrante vem de fora, é desconhecido e estranho à substância nacional; pode ser potencialmente um elemento infiltrado de corrosão da saúde da nação." (Lenharo, 1986:113)

Portanto, durante o Estado Novo, a invenção de um inimigo externo é fundamental para se conseguir a adesão ao projeto ditatorial e às idéias de militarização do país e, mais uma vez, como nas greves do início do século, os italianos representam perigo.

A "lei dos indesejáveis", ratificada em 1924, que determinava casos de proibição da entrada ou de expulsão de estrangeiros, a lei dos 2/3 (segundo a qual cada empresa deveria ter, no mínimo, 2/3 de trabalhadores nacionais) e as cotas imigratórias, de 1934, já são indicadores da preocupação dos políticos, que se acentua na ditadura (Lenharo, 1986).

Com a Segunda Guerra, pode ser detectada uma nova mudança no que se refere à identidade italiana no Brasil. A partir de 1947, dirigem-se para cá, além de importantes figuras fascistas, sem espaço na nova república italiana, trabalhadores, fugidos da miséria ou da conturbada situação política, que já não se assemelham nem um pouco à raça forte e superior idealizada por Mussolini. Vinham preferencialmente do sul e das áreas mais miseráveis da Itália e, para alguns autores, não por acaso, das menos politizadas (Passigli, 1969). Mas também parte dos que chegaram ao Brasil tinha formação universitária e compartilhava

de valores diversos dos seus predecessores: importava uma certa desilusão, consequência da derrota e sofrimento, e um sentimento de cosmopolitismo, que não era presente, em absoluto, nas primeiras levas. Tais elementos introduzidos provocavam tensão no campo da italianidade e Angelo Trento faz uma observação neste sentido que ressoa, atualmente, no corpo da pesquisa:

"Nunca, como no segundo pós-guerra, a chegada das levas mais recentes trouxe tanta perturbação na vida e nas manifestações coletivas dos italianos no Brasil; nunca, como no decênio entre 1945 e 1955, os recém-chegados provocaram tantos rancores, tanta desconfiança, tanta animosidade nos que residiam há vários anos no país; nunca, enfim, o amálgama foi tão difícil, permanecendo, em grande parte, incompleto. As causas dessa situação foram substancialmente três: culturais, políticas e de geração." (Trento, 1989:449,450)

Doze pessoas entrevistadas enfatizaram o significado das levas diferentes de imigrantes para a compreensão da atual comunidade, antes que eu tivesse feito qualquer observação. Sem dúvida, a chegada ao Brasil em momentos históricos diversos, com projetos migratórios, muitas vezes, conflitantes, tem implicações fundamentais. O mal-estar no pós-guerra explicita o fato de maneira exemplar e se reflete no que constatei durante o trabalho de campo.

É no mesmo período que os políticos da Democracia Cristã, na Itália, começam a se preocupar com "o que dirão de nós lá fora?" (Brunetta, 1983:487). O neo-realismo italiano, no auge, dá razões de sobra para essa preocupação. Os bairros pobres de Roma e das

grandes cidades colocados a nu, a fome no campo, a prostituição e os ladrões de bicicleta, mostrados com tanta crueza (apesar da simpatia), agridem a honra nacional. Como esquecer a imagem do italiano educado e sensível, ainda que pobre, e dono de uma cultura milenar?

Sem dúvida, essa é uma reação a um certo discurso da italianidade, já delineado, que correspondia a um italiano bonachão, simplório e falante, uma figura meio cômica que provocava a mesma preocupação na elite da colônia no Brasil. Esta, juntamente com as autoridades consulares, investia seus esforços na representação de um italiano marcado pelas glórias do passado, compatriota de Dante e Michelangelo. Constantino Ianni, em seu Homens Sem Paz, critica, com palavras duras, as personagens de prestígio por suas tentativas de descolar da imagem do país a emigração, suas causas e o homem que resultou deste processo.

Este período é pautado por um desânimo generalizado por parte da comunidade. Já não se trata apenas da massa de imigrantes quase homogênea do fim do século XIX. Os sonhos de um grande país e de uma grande raça também haviam sido deixados de lado e a bibliografia parece acompanhar o estado de espírito destes anos, com raras exceções, se omitindo. Existem poucos títulos que dão informações sobre a época, afirmação, aliás, que pode ser aplicada desde a década de 20, quando o censo aponta o início da queda da presença de italianos no Brasil.

Trento (1989) calcula que, de 1880 a 1940, tenham existido cerca de 500 publicações italianas, entre revistas de variedades,

revistas infantis e para mulheres, jornais diários, semanais e mensais ou, simplesmente, esporádicos. Algumas não passavam do primeiro número ou não conseguiam obedecer a mínima periodicidade. Mas, apesar dos problemas, temos que admitir que essas publicações marcaram presença, seja pela quantidade ou combatividade. O "Fanfulla", por exemplo, foi publicado com regularidade invejável, até em relação aos jornais brasileiros, e com uma considerável tiragem. Após a guerra, no entanto, encontra-se uma quantidade muito pequena de títulos, que não se compara à avidez do passado.

No plano associativo, a partir de 1945, o mesmo marasmo domina a colônia. A literatura registra a existência de associações, e um sentimento de empolgação em torno delas, desde os primeiros anos da imigração. Rios (1959) refere-se a uma reunião, em 1884, para a fundação de uma confederação italiana. Os grupos no interior da iniciativa eram tantos e a questão tão polêmica que a confusão acabou culminando numa morte, em Campinas. Em 1904, realizou-se o primeiro Congresso das Sociedades e Institutos Italianos no Brasil, que já reunia 98 participantes (Alvim, 1986). Tal dinamismo na vida coletiva da colônia se perdeu depois da guerra e pouquíssimos núcleos tentaram se reorganizar.

As escolas, com aulas ministradas em língua italiana, que existiram às centenas no país até o Estado Novo, quando foram proibidas (Rios, 1959), definitivamente desapareceram (com exceção do Colégio Dante Alighieri, que passou por modificações).

A situação parece não ter apresentado muitas novidades até o

início da década de 80, quando, com o desenvolvimento econômico italiano e com a projeção internacional de uma nova imagem da península, os emigrados passaram a ser alvo do interesse de um discurso referente a uma nova italianidade - momento privilegiado por minha pesquisa.

A Itália do pós-guerra teve duas fases promissoras na sua economia: uma delas nos anos 50 e 60 e outra que começou há oito anos, no governo de Bettino Craxi, líder socialista. Depois de fortes agitações políticas, em fins da década de 70, o país parece ter alcançado um patamar de estabilidade. A produtividade industrial, hoje, chega a índices nunca atingidos e o mercado se sofisticou em função de consumidores ávidos. O país flerta com uma imagem de ordem impensável em outros tempos enquanto, paralelamente, vários centros vão sendo invadidos por imigrantes do Terceiro Mundo.

"A Itália é um país rico. Há 20 anos, dizer isso soaria ridículo. A Itália era, na cabeça das pessoas, uma piada. Era o país da pizza e da ópera-bufa, do passado suntuoso e do fascismo, das mulheres gordas e dos carros pequenos. Fazia-se, é verdade, uma concessão ao passado distante, mais do que heróico: era também a terra dos césores, do Renascimento, de Leonardo e de Verdi. Era uma concessão nostálgica. Afinal, milhões de brasileiros vieram de lá. "Il bel paese là dove il sì suona", o belo país onde se ouve "sì" (sim) no verso de Dante, era para nós um lugar de palhaços e mágicos, um grande circo latino cheio de "porpette" e "nonnas". Nada como o tempo para dissolver imagens. Estranho destino: há 20 anos, a Itália era terra natal de parcela razoável de paulistas e era também uma bota perdida no Mediterrâneo. A bota se pôs a chutar. Com estilo." (Folha de São Paulo, 10.05.89)

Começa-se a exportar para o mundo uma visão de opulência, montada sobre a tecnologia e a competência informatizada, visão esta totalmente dissociada do caos romântico de outras épocas. O governo italiano, através de seus contatos consulares, e as grandes empresas esforçam-se no sentido de convencer os cidadãos radicados em outros países de que a Velha Bota atingiu a condição de quinta (ou quarta) economia do ocidente. Eventos como o "Italia Viva!" (que tinha como slogan: "Um futuro que vem de longe"), desenrolando-se por três meses, de maio a julho de 1989, nas principais capitais brasileiras, foram exemplos disso. Tenta-se, portanto, substituir os velhos estereótipos, em função de uma representação mais moderna e compatível com uma país do Primeiro Mundo.

"Os italianos da América e do mundo não podem mais ser identificados com o bandolim, o espagete e "O Sole Mio" e a mãe pátria pode e deve cooperar com eles para redesenhar uma diversa e mais verdadeira imagem da Itália e do italiano, que do plano artístico se irradie sobre tudo quanto o nosso país hoje experimenta, cria, produz, nos múltiplos campos da ação humana." (Di Lorenzo, 1987:37; tradução minha)

Tal euforia, como pude perceber, se refletiu em São Paulo como um "despertar", termo utilizado por vários entrevistados, que se materializa, especialmente, na vida associativa da comunidade. É dessa euforia, desse despertar, também negado por muitos, que passarei a tratar no relato do trabalho de campo.

Concluindo, é importante enfatizar o porquê deste capítulo. É óbvio que num sobrevôo pela história da imigração, não

pretendi, em absoluto, dar algum tipo de contribuição à literatura relacionada ao tema. Minha preocupação foi salientiar uma questão presente, mas, na verdade, pouco analisada ou trabalhada pelos historiadores. A noção de italianidade, em geral, é citada, mas nunca discutida; está incorporada aos estudos mas, dificilmente, é objeto de reflexão.

As observações feitas aqui vêm ao encontro de um interesse em dialogar com a teoria aberta da identidade<sup>1</sup>, através do caso específico da noção de italianidade, e as sugestões oferecidas pela história têm importância na discussão desenvolvida no último capítulo da dissertação. Os vários momentos da noção e suas diversas faces existentes contemporaneamente, o que é visível nessa digressão histórica, me fornecem subsídios para reforçar algumas hipóteses propostas pelo trabalho de campo e para melhor entender o momento que atravessam os italianos da cidade de São Paulo.

---

<sup>1</sup> A expressão "teoria aberta da identidade", conforme sugestão feita por Roberto Cardoso de Oliveira a Guillermo Raúl Ruben, comentada no artigo "A Teoria da Identidade na Antropologia: Um Exercício de Etnografia do Pensamento Moderno" (Ruben, 1992:81), enfatiza a polissemia de conceitos identitários.

## CAPITULO II

### 2.1. Algumas observações sobre o trabalho de campo

Posteriormente à publicação de uma etnografia sobre o Marrocos, Paul Rabinow expressou suas incertezas quanto à posição ocupada pelo trabalho de campo na Antropologia em Reflections on Fieldwork in Morocco, buscando explicitar o paradoxo que envolve a coleta de dados. Segundo ele, em sua época de estudante na Universidade de Chicago, o mundo dividia-se em dois tipos de pessoas: aquelas que tinham feito trabalho de campo e aquelas que não tinham. No entanto, apesar dessa aparente supervalorização, a experiência rica e perturbadora do campo escondia-se por trás de dados apresentados de forma árida nas etnografias.

"... you are not an anthropologist until you have the experience of doing it. But when one returns from the field, the opposite immediately applies: anthropology is not the experience which made you an initiate, but only the objective data you have brought back." (Rabinow, 1977:4)

Questionando tal orientação e considerando a afirmação de que o trabalho de campo é a atividade antropológica por excelência, Rabinow propôs-se a colocá-lo no centro das atenções e expor o processo através do qual os dados são produzidos. Com essa iniciativa, praticamente inaugurou a discussão contemporânea sobre o peso epistemológico do *fieldwork* na disciplina, o que havia sido apontado por Geertz, por via indireta, em sua prática

interpretativa.

No livro, ao apresentar suas dúvidas e dificuldades, desmitifica a figura, comum nas etnografias, do antropólogo aparentemente seguro e possuidor da verdade científica.

"My gestures were wrong, my language was off, my questions were strange, and interpersonal malaise was all too frequently the dominant mood..." (1977:79)

Todo o texto se desenrola numa linguagem pessoal e nada é dito sobre o objeto tradicional de investigação, no caso o Marrocos. O Outro analisado por Rabinow é o próprio trabalho de campo, a experiência produtora de toda a literatura antropológica, que até então não havia recebido muita atenção.

Meu objetivo, ao relembrar Reflections on Fieldwork in Morocco, não é, nem de longe, propôr um experimento nos moldes pós-modernistas. Não tenho intenção de discutir a racionalidade, o encontro etnográfico ou a perspectiva dialógica<sup>1</sup>. Não apresento nenhum texto formalmente inovador, de vozes múltiplas ou autorias dispersas. Ao contrário, redijo um texto pelo qual me sinto a responsável (obviamente não ignorando o respaldo e a importância do orientador). Os entrevistados, suas ênfases e silêncios passaram por meu crivo e só existem nestas páginas porque decidi onde e como apresentá-los e deixá-los falar. Negar a autoria ou discutir o lugar do antropólogo numa situação como esta me parece inútil ou, no

<sup>1</sup>Ver, no Brasil, a discussão destas questões em Cardoso de Oliveira (1988) e Caldeira (1988).

mínimo, ingênuo. Voltar a atenção para o processo de produção deste estudo (e não apenas de uma noção étnica), no entanto, me parece fundamental.

Não tenho dúvidas de que os resultados aqui apresentados e os caminhos tomados no decorrer da pesquisa se relacionam diretamente aos meus sucessos, problemas e ansiedades nas idas a São Paulo. A própria seleção dos estudos de caso e a forma como foram conduzidos, à parte as considerações sensatas e racionais quanto à melhor opção (acredito que estas também existam), traz embutida a experiência do momento. Simpatias, empatias e antipatias, assim como a timidez da pesquisadora, fazem parte das condições em que se deu o processo de conhecimento.

Segundo Paul Rabinow, para que os fatos registrados sejam interpretados e não simplesmente coletados como pedras a serem analisadas num laboratório, cabe ao antropólogo construir um "mundo liminar", habitado por símbolos compartilhados pelo estudioso e pelo grupo estudado, que permita a comunicação e a expressão da intersubjetividade. Rabinow aponta os problemas existentes até a formação de um produto híbrido, algo delicado e pouco definido, a duras penas construído e pronto a se esfacelar a qualquer momento.

*"Fieldwork is a process of intersubjective construction of liminal modes of communication. Intersubjective means literally more than one subject, but being situated neither quite here nor quite there, the subjects involved do not share a common set of assumptions, experiences, or traditions. Their construction is a public process."* (1977:155)

Quanto ao caso particular de minha experiência, em algumas oportunidades, acredito ter conseguido construir essa espécie de zona franca de que fala o antropólogo americano, em outras, estive longe de atingi-la. O trabalho foi intenso e descontínuo, segundo momentos específicos da pesquisa, com graus diferentes de envolvimento da pesquisadora e dos pesquisados.

A partir de abril de 1990, foram feitas 51 entrevistas, sendo seis delas com duplas ou grupos de três. Vinte não foram gravadas devido à recusa explícita do entrevistado ou à minha percepção de que uma gravação viria perturbar a espontaneidade de um depoimento. Muitos dos entrevistados foram reencontrados em festas e jantares, outros não foram mais vistos. Normalmente, as conversas duravam uma hora, mas variaram de 30 minutos a três horas e meia. Os encontros eram, em geral, marcados por telefone, quando me apresentava e expunha os objetivos da pesquisa, ou combinados nas reuniões sociais de que tomava parte. Enfim, foi sobre este material - contatos frustrantes, satisfatórios ou provocadores - além do material bibliográfico, que se produziu a dissertação.

Em relação à pesquisadora, o fato de ser filha de um imigrante bolonhês, que chegou ao Brasil na década de 50, teve um peso difícil de se avaliar sobre todo o trabalho de campo. 90% dos entrevistados, antes de mais nada, queriam saber meu sobrenome e a região da qual meu pai provinha (alguns já exprimiam curiosidade ao telefone). Como demonstrarei ao longo do capítulo, a categoria "imigrante" e a questão regional não são

elementos nada desprezíveis no contexto da comunidade. Portanto, o que foi dito nas entrevistas, deve, provavelmente, ter reagido com o conhecimento de minha origem familiar, a qual, por sua vez, pode explicar também uma simpatia explícita, talvez pouco "científica", pelos "imigrantes" em detrimento dos "italiani all'estero", em muitos momentos do texto. Mas, em compensação, serviu como aval para várias afirmações seguras que outro pesquisador não-descendente precisaria de mais tempo para checar.

No que diz respeito ao Consulado e a outras entidades, vias oficiais de penetração de um discurso da nova italianidade, é importante fazer uma observação no mesmo sentido do que vem sendo dito até agora.

— Ao elaborar o projeto e mesmo após ter iniciado a pesquisa, pensei em dar atenção especial a vários desses órgãos. No final da experiência de campo, no entanto, comecei a me questionar se seria apropriado chamar de "estudo de caso" alguns contatos com núcleos que, de fato, são responsáveis por um discurso sobre a italianidade, mas que apresentavam problemas no estabelecimento de uma relação indispensável ao trabalho de pesquisa. No *Istituto per il Commercio Estero* (ICEE), braço econômico do governo italiano no Brasil, por exemplo, tive dificuldades em conversar com o diretor, tendo sido atendida por uma funcionária que me carregou de revistas e folhetos. Não quero afirmar que a entrevista não tenha sido interessante, mas é preciso ressaltar os obstáculos bem visíveis à circulação de pessoas estranhas, antropólogos incluídos. Em relação à Câmara de Comércio, fiz

quatro contatos telefônicos e tive que esperar por alguns meses o retorno de seu presidente da Itália. Quando, finalmente, marquei a entrevista, fui recebida pela secretária-geral que, muito simpática, respondeu às minhas perguntas por uma hora e meia, mas nem se referiu à súbita troca de entrevistados. Para mim ficou claro que de nada adiantava fazer qualquer comentário a respeito. Cheguei a ver o presidente numa das salas e era óbvio que ele havia delegado a missão de me atender a uma subordinada.

Esse tipo de dificuldades, apesar do sentimento de solidão em campo, é enfrentado com frequência por trabalhos antropológicos que tentem tocar algumas esferas oficiais ou pretendam estudar um grupo de elite. Tradicionalmente, a antropologia não se mostra muito à vontade nesses círculos e o pesquisador encontra limites bastante concretos à clássica observação participante.

Dois estudos de caso selecionados, a União Beneficente Amigos de Casalbuono e o Circolo Italiano, com diferenças marcadas mesmo no que se refere ao *fieldwork*, também ilustram a questão.

Enquanto com o presidente da Casalbuono mantinha conversas esporádicas, contatos telefônicos, além de ter registrado sua história de vida em casa, após um almoço de domingo em família, com o Circolo, as relações não foram tão fáceis. Duas visitas à sala da diretoria, em outubro de 1990, um contato telefônico, em dezembro, uma nova visita, outros dois telefonemas e uma carta de apresentação do departamento de Antropologia antecederam algumas

entrevistas que vieram a se realizar em julho de 1991.

Apesar da simpatia e gentileza com que fui tratada por todos, para mim parecia óbvio que ao *Circolo* não interessava ser objeto de um estudo antropológico, pois nada iria lhe acrescentar em prestígio na comunidade. Na Casalbuono, inversamente, o presidente costumava dizer que seu objetivo era divulgar a associação de todas as formas possíveis. Apesar de eu ter lhe explicado que minha pesquisa era de âmbito acadêmico e seria lida por um número pequeno de pessoas, ele não pareceu se importar, dizendo que, ao menos, a Casalbuono seria conhecida por aqueles que estudam os italianos no Brasil.

Dentro deste contexto, é claro que a minha circulação no interior do *Circolo Italiano*, apesar da maior quantidade de pessoas entrevistadas ali, ficou aquém da minha circulação na Casalbuono. Este dado não traduz mera inexperiência da pesquisadora, mas características de ambas associações, como veremos a seguir, valiosas para o estudo, além de, obviamente, ter interferido no meu tratamento da totalidade das informações.

Concluindo: o objetivo dessa digressão, antes da descrição empírica propriamente dita, não é justificar a dissertação em sua forma final, mas enfatizar dois pontos básicos. Em primeiro lugar, pretendi esclarecer que tais resultados são produto de determinadas condições do trabalho de campo e da interação dos entrevistados escolhidos com a história e as características da pesquisadora. Em segundo, tentei mostrar que minhas angústias quanto a que roupa, que língua ou que forma de tratamento usar

com os entrevistados<sup>2</sup> podem fornecer indicações ou dar o grau de intensidade de certos fenômenos recorrentes no campo.

Não se trata de fazer um relato pessoal ou intimista. Algumas experiências no gênero já existem ( The Headman and I, de Jean-Paul Dumont, é um exemplo) e sua standardização não me parece produtiva. Trata-se apenas de lembrar ao leitor de um processo que antecedeu o texto e dar-lhe os instrumentos necessários para melhor compreendê-lo. O trabalho de campo não é um fantasma a ser exorcizado, mas vários de seus "imponderáveis", ainda que um tanto enviesados, podem estar intrinsecamente ligados ao que se elege como o cerne da questão.

## 2.2. O despertar: uma visualização do campo da italianidade

Quando comecei a elaborar o projeto de pesquisa, no primeiro semestre de 1989, tinha informações assistemáticas sobre o tema. Dois livros, San Paolo: Gli Italiani - Integrazione Sociale e Diffusione Culturale, do sociólogo Franco Martinelli, e Do Outro Lado do Atlântico - Um Século de Imigração Italiana no Brasil, do historiador Angelo Trento, aos quais me referi no item 1.1., ofereceram alguns subsídios para um esboço preliminar do que seria a comunidade italiana de São Paulo. Paralelamente, dois jornais, "Il Corriere" e "La Settimana del Fanfulla", com os quais tinha contatos esporádicos, além de minha origem familiar,

<sup>2</sup>Muitos são tratados por "doutor", "engenheiro", "comendador", "professor", entre outros títulos que antecedem o nome e transformam o simples "senhor" em quase uma ofensa.

me permitiam um certo conhecimento de questões importantes, mas não me tolhiam a sensação de estar frente a um emaranhado de grupos cujas relações e conflitos me eram totalmente obscuros. A extensão demográfica da colônia me assustava por parecer um campo difícil de ser limitado, para o qual anos de pesquisa não bastariam.

Obtive um elenco, junto ao Consulado, de sociedades italianas existentes em São Paulo (ver Anexo I). Da lista constavam 69 elementos, sendo 2 de Santos, 4 de São Caetano, 1 de Santo André e 2 de Osasco, que, subtraídos do total, perfaziam um número de 60 localizados exatamente na cidade. Clubes esportivos (Espéria, Juventus, Tietê e Palmeiras), 4 patronatos assistenciais, 2 escolas, 7 associações de armas<sup>3</sup> e 31 associações de referência regional ou local faziam parte da lista, assim como o próprio Consulado, o *Circolo Italiano*, a Câmara Italo-Brasileira de Comércio e Indústria de São Paulo, o *Istituto Italiano di Cultura* e outros de difícil classificação.

Imaginava que profissionais da imprensa ou pessoas que estivessem ligadas de alguma forma a um jornal pudessem me fornecer uma espécie de mapeamento da colônia, com informações gerais a respeito dos diversos grupos. Portanto, decidi começar a pesquisa a partir de dois semanários que vinha acompanhando há dois anos. Na tentativa de contato com "*Il Corriere*", descobri que o jornal deixara de circular há poucos meses. Tal informação

<sup>3</sup> *Associazione Nazionale Alpini, A. N. Artiglieri, A. N. Bersaglieri, A. N. Marinai, A. N. Carabinieri, A. Arma Aeronautica, Associazione Italiana Combattenti e Reduci.*

que para mim, na época, significava apenas uma frustração inicial (ou mesmo motivo de riso já que histórias pitorescas e meio misteriosas cercavam o fim da publicação), na verdade, ilustrava um primeiro dado: a rotatividade de títulos e as dificuldades para se manter um órgão informativo da comunidade.

O contato com a proprietária do "*La Settimana del Fanfulla*", em abril de 1990, acabou se constituindo em minha primeira entrevista. O "*La Settimana*" é o órgão mais tradicional da imprensa italiana em São Paulo e foi fundado em 1966, desde quando é publicado semanalmente sem interrupções (do que se orgulha a proprietária). Funciona num esquema artesanal, em que praticamente quatro pessoas são os responsáveis por tudo, e possui uma gráfica própria, que realiza serviços para terceiros.

Por indicação de sua proprietária, fiz contatos relacionados aos outros dois jornais em circulação, "*L'Italia del Popolo*" e "*Corriere del Sudamerica*", e participantes do extinto "*Il Corriere*". Dois padres, responsáveis por uma missa rezada em italiano na Igreja da Nossa Senhora da Paz, paróquia dos italianos de São Paulo, também foram indicações importantes.

Estas entrevistas, realizadas nos primeiros quatro meses da pesquisa, extremamente úteis pela quantidade e qualidade de informações obtidas, permitiram-me delinear um panorama inicial do universo empírico, com os espaços ocupados pelos agentes e as relações, ou ausência de relações, entre eles, além de terem sugerido contatos posteriores.

Nas missas, que se realizam há cerca de 8 anos no primeiro

domingo do mês e servem como ponto de encontro e vitrine para as associações, fui apresentada e me apresentei a italianos que, posteriormente, vim a entrevistar. A cada mês, sempre com a igreja lotada, uma ou mais associações em conjunto se responsabilizam por detalhes da cerimônia e por um coquetel. Na ocasião, com recursos e criatividade, enfeitam o altar e o salão paroquial, contratam corais e grupos musicais, apresentam trajes típicos e bandeiras, criando uma verdadeira competição que se renova mensalmente.

A partir destes contatos, consegui perceber a existência de circuitos paralelos e incompatíveis no interior do campo da italianidade, o que veio a se confirmar ao longo de todo o estudo e, sem dúvida, ditou os caminhos para o desenvolvimento da pesquisa. As relações políticas entre primeira e última imigrações - ou a hegemonia exercida pelos italianos, vindos há 20 ou 30 anos, sobre os descendentes dos antigos agricultores e sobre aqueles imigrados durante ou logo após a Segunda Guerra - marca profundamente a italianidade em São Paulo.

A leitura da bibliografia referente à imigração já me havia indicado a presença de contrastes e a segmentação da coletividade em função de diferenças regionais, pessoais e de classe, desde a chegada maciça de italianos no final do século XIX. Vários episódios narrados por historiadores, a fragmentação de associações e a fraqueza das iniciativas assistenciais, apesar da premência do momento, atestam o caráter conflituoso da colônia na virada do século, enquanto, em relação ao pós-guerra, Angelo

Trento alerta para outro desencontro, adicionado aos velhos conflitos, devido ao aquecimento do movimento migratório.

"Para quem atravessara o oceano trinta ou quarenta anos antes ou para quem o fizera mais recentemente, mas com uma bagagem de valores ainda tradicionais, não havia possibilidade de contato e de intercâmbio com os que, embora provenientes do mesmo lugar, exprimiam interesses mais vastos do que aqueles que a simples ambição econômica encerrava. O próprio conceito de cultura foi-se modificando gradativamente, a difusão da instrução tornou-se fenômeno de massa, a imprensa, o cinema, a televisão haviam delineado, nos novos imigrantes, um mundo de horizontes mais abertos e cosmopolitas." (Trento, 1989: 487-488)

Como será demonstrado adiante, o fosso existente entre gerações e levadas migratórias diversas levou a pesquisa exatamente à análise dessas diferenças. O trabalho de campo identificou uma elite, controladora dos eventos e de boa parte das associações, que se espelha na imagem de uma Itália moderna, o quinto (ou quarto, como querem alguns) país do Ocidente, e uma grande massa, ainda fortemente influenciada pelo passado imigratório, que tem seu modelo no italiano romântico e falastrão.

Levando em consideração tal contraste e já tendo conhecimento de nomes representativos, polêmicos ou desconhecidos para determinados grupos, passei a procurar uma maior clareza e um alargamento no panorama que tentava traçar.

No total, 42 agentes foram pesquisados, sendo eles<sup>4</sup>:

<sup>4</sup>Em alguns casos, os entrevistados eram ligados a mais de um dos agentes, enquanto em outros, mais de um representante de determinados agentes foram contatados.

- 2 escolas: Dante Alighieri e Eugenio Montale.
- 12 associações regionais (a Itália é formada por 20 regiões, mas é comum existir mais de uma associação para cada região): *Piemontesi nel Mondo*, *Siciliani in Brasile*, *Siciliani nel Mondo*, *Circolo Laziale*, *Circolo e Istituto Culturale Umbro*, *Alleanza Culturale Calabrese*, *Associazione Ligure*, *Associazione Calabrese*, *Associazione Pugliese*, *Associazione Italiani della Campania*, *Circolo Emilia-Romagna*, *Associazione Basilicata di San Paulo*.
- 5 associações de cidades e países: União Beneficente Amigos de Casalbuono, Associação Beneficente Monte San Giacomo, Associação Beneficente São Vito Mártir (de Polignano a Mare), *Famiglia Bellunese*, *Vicentini nel Mondo*.
- 5 federações: Federação dos Lucanos do Brasil (FELUBRA), Federação da Campania, Federação das Associações Calabresas, Associação Interregional Italiana do Brasil (INTERIT), Federação Nacional dos Italianos.
- 3 jornais (além do extinto "Il Corriere", que dada sua importância, também foi incluído na figura de dois de seus jornalistas): *"La Settimana del Fanfulla"*, *"L'Italia del Popolo"*, *"Corriere del Sudamerica"* (que se transformou em *"Il Corriere del Sudamerica"*).
- 1 programa de rádio: "Almoço à Italiana"
- 2 patronatos (atualmente, existem 6): INCA e Patronato Assistencial dos Imigrantes Italianos.
- 3 órgãos oficiais: Consulado, *Istituto Italiano di Cultura*

e Istituto per il Commercio Estero.

- 3 paróquias (representadas por 3 padres): São Carlos Borromeu de Vila Prudente, Nossa Senhora de Casaluce, Nossa Senhora da Paz (Igreja dos Italianos).

- 5 outras instituições com características diversas: Museu Memórias do Bixiga, Instituto Cultural Italo-Brasileiro, Câmara de Comércio e Comitê dos Italianos do Exterior.

A multiplicidade de agentes na lista organizada pelo Consulado ou daqueles efetivamente pesquisados se configurou como pano de fundo de todo o estudo e pode ser explicada pelo momento que a Itália atravessa desde a metade da década de 80. Nas entrevistas realizadas, nos jornais, nos eventos ligados à colônia, ouvia, com frequência, a expressão "despertar" (*risveglio*). Uma certa euforia em relação aos sucessos da península (apesar do déficit público altíssimo e de problemas sérios não resolvidos) parece tomar conta de italianos e descendentes, o que, é claro, em contraste com a crise brasileira, tende a se acentuar. A multiplicação e a pulverização de grupos na cidade podem ser comparadas à situação observada no período áureo da imigração, se considerarmos a historiografia disponível. A apatia na vida coletiva, característica das décadas posteriores à Segunda Guerra, foi substituída por uma grande movimentação em torno de determinados núcleos e o sentimento de inferioridade, comum em outras épocas, foi esquecido. As falas dos entrevistados ilustram bem estas duas mudanças:

"(A missa rezada em italiano) coincide com os últimos 5,6,7

anos do despertar da comunidade italiana. E foi um despertar muito forte. Quando cheguei em São Paulo<sup>5</sup>, tinha só 4 associações. Antigamente, tinha... Bom, na Frei Caneca, o Centro Cultural, que é uma coisa que depende da Itália, não é? É enviado do governo italiano, do Ministério Exterior. Depois tinha os *ex-combattenti*. Uma missa 24 de maio e outra 4 de novembro, que é o dia dos *ex-combattenti*, *reduci*<sup>6</sup> e amigos. Depois, o que tinha? *Circolo Italiano*, que é um lugar muito apto para receber a personalidade que vem da Itália. Existia o *Circolo Italiano*... o *Patronato Italiano*, que é mais de assistência, a *Lega Italica*... E tinha Casalbuono e Monte San Giacomo, que estava se formando." (Padre G.)

"Assim que cheguei aqui, em 77, eu via uma pessoa com, digamos, características somáticas européias, com um sobrenome italiano... Então, me dava vontade de dizer espontaneamente: "Mas, você é italiano?" Se eu lhe dissesse: "Mas, você é um ladrão?", talvez, não se ressentisse tanto. "Não, eu sou brasileiro." "Mas como brasileiro? Você se chama Rossi. Se fosse Rodrigues da Silva..." "Ah, mas isso foi um meu bisavô que veio aqui, mas, nem sei de que cidade é". Praticamente se justificavam, não queriam ser aquilo que eram, ou seja, descendentes de emigrantes. Se sentiam diminuídos, aviltados, denegridos. Agora, te dizem: "Olha, sabe, o meu bisavô era italiano. Corre sangue italiano nas minhas veias. Eu sou italiano, eu gosto da Itália, eu gosto disso, eu gosto daquilo..." " (C.P., presidente de uma associação, tradução minha, com exceção das frases referentes ao diálogo com um brasileiro, que foram ditas em português)

<sup>5</sup> Na década de 60, segundo foi dito em entrevista.

<sup>6</sup> Aqueles que voltaram da guerra, veteranos.

"... o italiano hoje é respeitado em São Paulo. Antes não era. A gente levava cada uma naquele tempo lá! "É italiano, veio matar a fome aqui?" - todo mundo falava isso. Hoje você não encontra ninguém que fala isso, no. Tinha cara que falava: "É, vocês andava nas montanha com as cabra e vieram aqui pra São Paulo, cidade grande". Quanta gente que falava isso! Hoje, no. (...) Quem destratava mais a gente era os filho de italiano. (...) Filho de italiano que era os cara mais terrível que tinha aqui em São Paulo, os descendente de italiano. (...) Mas, hoje, precisa ver. Tem muito filho de italiano aqui que foi passear na Itália, sabe como que tá lá. Tem um aqui... Vai falar com ele da Itália. Nossa! Aquilo pra ele non tem outro no mundo. Foi na Copa do Mundo que ele foi lá. "Ó, aquilo que é país!", "aquilo que é organizaçon!"... Ele fala mil e uma. Antes, non falava isso, mas agora, ele fala." (F.M., membro de uma associação)

Esse orgulho peninsular, em grande parte insuflado pelo interesse dos brasileiros em mercados de trabalho mais promissores, pelo atual bem-estar da Itália e por um outro momento de sua política interna no tocante às regiões, sem dúvida, apresenta-se como um fato novo nas últimas décadas.

É importante lembrar que o despertar a que muitos dos entrevistados se referiram está intimamente ligado ao aparecimento das associações regionais que se multiplicam a cada ano. Uma maior autonomia das 20 regiões italianas em relação ao governo central, já a partir dos anos 70, inclusive quanto á administração das próprias verbas, deram origem a esse fenômeno. Hoje, como sugerem os jornais e várias das entrevistas, a tônica da comunidade se encontra exatamente no vínculo regional e nos diversos eventos organizados pelas associações. Muitas possuem

suas "matrizes" nas respectivas cidades ou regiões italianas, que mantêm contato com sedes no mundo inteiro, para onde enviam notícias sobre a Itália e sobre as realizações dos emigrados de outros países. Por exemplo, a "Trevisani nel Mondo", situada na cidade de Treviso, que tive a oportunidade de conhecer em 1987, publicava, na época, um jornal mensal de 30 mil cópias, elaborava esporadicamente programas de vídeo com entrevistas, música, dança e uma espécie de jornal televisivo, referentes ao tema da emigração, e os enviava às várias seções (na Austrália, Canadá, Argentina e Brasil, entre outros lugares).

As atividades desenvolvidas em São Paulo por essas associações, em geral, são: jantares, excursões, jogos, cursos de italiano e projeção de filmes. Ocasionalmente, existem intercâmbios culturais e de bolsas de estudo, além de viagens às respectivas regiões, organizadas e pagas, em parte, pelo governo regional ou local. Tais viagens são bastante concorridas e, com certeza, são os maiores atrativos destas associações, que em sua maioria, com pouquíssimas exceções, não possuem sede e realizam encontros na casa de associados, locais emprestados por simpatizantes ou no *Circolo Italiano*.

O sucesso das eleições para o COEMIT (Comité de Emigração Italiana), em 1986, ou para o COMITES (Comité dos Italianos no Exterior), novo nome para o mesmo órgão, em maio de 1991, também é um indicador de tão falado despertar. Esse órgão existe em todos os países onde a imigração italiana tenha sido considerável e é formado, em São Paulo, por 24 membros eleitos. Cada circunscrição consular tem seu próprio Comité, cuja função é de

caráter consultivo e de apoio ao Consulado Geral nas questões relacionadas à colônia. A lei que o instituiu data de 1985 e outra lei de 1990 veio alterar a primeira no sentido de fortalecê-lo em suas funções. Na época das eleições de 1986, me lembro bem da grande expectativa criada em torno de algo que não se sabia ao certo a que vinha. Apesar disso, 37 mil pessoas votaram então e, em 1991, 47 mil italianos e descendentes participaram em dois dias de eleição no Brasil.

Outro elemento digno de nota no que se refere a um novo momento da italianidade é a corrida aos consulados, vice-consulados e patronatos em busca da cidadania italiana e do passaporte. Uma lei que confere a cidadania a descendentes de italianos nascidos em outros países existe desde 1912 mas, segundo uma funcionária do Consulado, responsável pelo setor, até 1988, poucos italianos se preocupavam em dar entrada a esse gênero de processo em benefício dos filhos. Hoje em dia, no entanto, a maior parte do movimento do Consulado se relaciona ao atendimento desses casos. Segundo a mesma funcionária, em 1988, 3500 pedidos de cidadania foram atendidos, ou seja, a metade do total atingido em 1989 e 1990. Quanto aos anos anteriores, as cifras eram insignificantes. A funcionária afirmou que apesar de uma demanda bem maior, com certeza, não serão atendidos mais de 7000 pedidos nos próximos anos pois este é o limite da capacidade de trabalho do quadro consular.

A movimentação em torno dos patronatos assistenciais na tentativa de obtenção da aposentadoria italiana é outro dado que se acrescenta à efervescência da última década. O funcionário responsável por este setor no Consulado me explicou que, antes de 1974, tinha direito à aposentadoria somente aquele que tivesse trabalhado na Itália por 15 anos ou, ao menos, pela metade deste período, mantendo as contribuições no período restante. De 1974 a 1990, no entanto, qualquer italiano que tivesse apenas uma semana de trabalho na Itália poderia consegui-la (hoje, o direito se restringe aos que trabalharam 1 ano).

Tal facilidade, aliada às conturbadas economias do Brasil e da Argentina, fez com que nos dois países se concentrasse o maior número de aposentados italianos em todo o mundo. O funcionário entrevistado trabalha no Consulado desde 1984 e, segundo afirmou, o afluxo de pessoas ao seu setor se acentuou em 1987 (mais ou menos na mesma época que aumentou a procura pela cidadania). Na data da entrevista, janeiro de 1991, o funcionário calculava que cerca de 4000 recebiam a aposentadoria no estado, mas, a cada semana, assinava, em média, 30 novos pedidos.

Atualmente, o Consulado apenas dá andamento aos processos, tendo o atendimento dos interessados ficado a cargo dos patronatos. Entre eles, o Patronato Assistencial dos Imigrantes Italianos, o único idealizado e montado aqui no Brasil, foi um dos que viram suas filias crescerem. Essa entidade funciona desde 1950, enquanto os outros 5 patronatos, ligados aos partidos políticos e às confederações sindicais italianas, começaram a

funcionar em meados da década de 80, quando a demanda por esse tipo de serviço se intensificou.

De modo geral, a multiplicação de associações, o afluxo considerável de pessoas nas eleições do COMITES e o aumento do número de processos referentes a cidadania e pensão se apresentam como fatos constituintes do famoso "despertar" dos italianos na última década e foram enumerados aqui pois permitem explicitar o contexto da pesquisa.

Todos estes elementos, sem dúvida, podem indicar uma ruptura na noção de identidade da colônia, que talvez esteja vivendo um processo similar àquele ocorrido no início do século, quando os brasileiros se encarregaram de imprimir a nacionalidade italiana aos vênéticos, napolitanos e calabreses recém-chegados. A pressão dos descendentes e do governo da península, através de seus órgãos e iniciativas oficiais, apontam para uma direção muito bem definida, a nova Itália, inserindo modelos inéditos aos estereótipos já presentes. No entanto, é importante enfatizar que contrastes no interior da comunidade e a existência de grupos e discursos bastante diversos podem relativizar a efetividade de tal despertar e truncar possíveis mudanças. Um processo de mão dupla que consegui identificar no campo, tentando pensar o futuro da italianidade em São Paulo, será discutido posteriormente.

Neste tópico, pretendi expor o momento em que a pesquisa foi desenvolvida e apresentar algumas das instituições que compõem a colônia, fornecendo, assim, o mínimo necessário para que questões mais substantivas possam ser tratadas.

### 2.3. Comunidade silenciosa, imigrantes e *italiani all'estero*: uma descoberta empírica

Poucos meses após o início do trabalho de campo, havendo pesquisado uma pequena parte de todo o universo empírico, parecia-me já ter conseguido delimitar, em linhas gerais, o campo da italianidade e, de certa forma, ter identificado questões que viriam a assumir importância ao longo do estudo. O contato com pessoas de grande circulação na comunidade teve peso, mas um motivo com consequências teóricas e metodológicas para a investigação foi o fato de que uma colônia composta por milhares, na realidade, se reduz a poucas centenas, estando o imenso "resto" disseminado na sociedade paulista. Este fato, diante da massa de informações coletadas, apresentou-se como uma descoberta empírica que, sem dúvida, foi fundamental na definição dos caminhos da pesquisa.

O despertar, ainda que, aparentemente, acesse de forma democrática o atual momento vivido pelos italianos, e a euforia, em torno das glórias da Itália membro da Comunidade Econômica Européia, convivem com este quadro discriminatório. Tal paradoxo não pode ser ignorado e, como demonstrarei adiante, se relaciona com algumas reflexões a respeito de uma reformulação da noção de italianidade.

Nas palavras de um dos jornalistas entrevistados:

"Sempre os mesmos, sempre os mesmos. Sempre as mesmas pessoas, sempre o mesmo grupo que vira, vira, são sempre os

mesmos. E também nos postos de comando são sempre as mesmas pessoas. Entra um, sai o outro, entra o outro, sai um e assim por diante... Não há uma troca da guarda. O que eles dizem é: "*après moi, le déluge*", depois de mim, o dilúvio." (E.C., tradução minha)

Ou ainda, segundo outro entrevistado:

"Ninguém sabe o que acontece com o italiano de São Miguel, de Guaianases. Eles só consideram italiano aquela meia-dúzia que frequenta o *Círculo* e que, uma vez por ano, pode pagar 700, 800 cruzados por um jantar." (S.M.)

Portanto, desde a fase inicial do trabalho de campo, chamou-me atenção o fato de que o que se denominava "comunidade italiana de São Paulo" se reduzia aos italianos frequentadores do *Círculo* e das associações regionais. Essas entidades mantêm contato com a Itália através da circulação de pessoas entre os dois países (já que a maioria tem poder aquisitivo para isso), através do recebimento de verbas, livros e jornais e através das viagens subsidiadas aos imigrantes ou seus descendentes pelas regiões.

Em várias das entrevistas, fez-se referência a uma grande massa excluída desse circuito, como uma comunidade invisível que todos sabem que existe, mas nunca está presente.

"A grande massa, a massa silenciosa, não se manifesta, não aparece. Quem aparece são esses pequenos-burgueses." (E.C.)

"Depois de um ano de trabalho no "Corriere", foi proposta a criação de uma página que pudesse identificar esses italianos não tão facilmente ouvidos, que não são presentes às associações, não fazem parte das coisas mais visíveis da comunidade. (...) (A coluna) surgiu com esse objetivo de tentar se aproximar do cidadão comum. Não que os caras das associações fossem cidadãos não-comuns, mas, enfim, é fácil identificar quem é o presidente da associação, quem é o presidente do *Circolo Italiano*, mas o jornal não identificava ainda quem era o cidadão comum." (T.F.)

"...quando o cônsul me disse: "Se você encontra um italiano que recebe menos de dois salários-mínimos, você me manda que eu dou por mês um subsídio"... Mas, você sabe, bom, dentro de 15, 20 dias, você não encontra assim... Existe, mas não é que você encontre fácil. Encontra por acaso. Toda vez que encontre por acaso, você terá que ajudar, mas..." (Padre G.)

O cônsul-adjunto também fez referência a essa "comunidade silenciosa" ao me explicar a composição da colônia de São Paulo:

"E, afinal, existe a classe mais pobre que são aqueles que são marginalizados. Às vezes, não tem coragem nem de se mostrar porque não querem mostrar que vieram para um país estrangeiro e não conseguiram enriquecer, se afirmar. Ou então, às vezes, são exatamente os mais pobres que enxergamos porque os assistimos através do Consulado ou dos patronatos." (M.B., tradução minha)

Sabe-se que tal parcela da colônia participa quase inteiramente do contexto brasileiro, inclusive no que diz respeito à posição social. A maioria destes imigrantes nem fala o italiano, apenas seu dialeto e o português, nem frequenta os eventos ligados à comunidade. Restringe-se, quando muito, às

festas de San Gennaro, Nossa Senhora da Achiropita, São Vito ou Nossa Senhora de Casaluce, já tradicionais, que fazem parte do calendário da cidade e acontecem no Brás e Bixiga. É freqüentadora assídua das filas do Consulado e dos patronatos e, apesar de dificilmente identificada, atua como verdadeiro fantasma do passado da imigração sobre a Itália de hoje.

A diretora do Patronato Assistencial queixou-se que dos pobres da comunidade todos têm vergonha e preferem se esquecer, o que a prejudica muito em seu trabalho. Segundo ela, por esse motivo, muitos se assustam ao verem as filas ou dizem pensar que os patronatos funcionavam apenas no início do século.

Nas palavras de um dos conselheiros do COMITES:

"Quando vêm os representantes políticos italianos no Brasil, eles vão nos grandes coquetéis. Eles non conhecem a comunidade italiana. Eu convidei um senador amigo meu, que veio aqui particular, non veio diplomático, pra visitar a comunidade italiana. Ele ficou maravilhado<sup>7</sup> de saber que uma família italiana mora num quarto, cozinha e banheiro. Oito pessoas. Ele non acreditou. A Itália non permite isso. Mas, quando vêm os políticos, non se fala a verdade. Vai aqueles 10,15 industrial bem-sucedido, convida os seus diretores, se leva no *Circolo Italiano*, se come do bom e do melhor e, quando os políticos vão pra Roma, dizem: "A comunidade italiana no Brasil está maravilhosamente bem." " (F.G.)

<sup>7</sup>Em italiano, "meravigliarsi" quer dizer "espantar-se".

Ainda compondo o mesmo quadro discriminatório, a partir de meados da década de 80, a expressão "*italiano all'estero*" (italiano no exterior) passou a ser utilizada com o intuito de se contrapor à imagem do velho imigrante. O *italiano all'estero* é identificado com tudo aquilo de mais moderno do contexto italiano e o imigrante, figura repudiada, caracteriza-se como o "carcamano (...) que cheira ainda porão de navio, aquele baixinho com os cabelos besuntados de brilhantina, falando com as mãos, que só sabe comer pizza, tocar bandolim..." (E.C.)

Um dos entrevistados, que participou da II Conferência da Emigração, realizada em Roma, em 1988, confirmou que o termo "emigrante" não era citado em nenhum dos documentos e discursos das autoridades italianas, sendo lembrado apenas como referência a um passado distante e já superado. Também é importante ressaltar que o *Comitato dell'Emigrazione Italiana*, COEMIT, que foi eleito em 1986, transformou-se em COMITES, *Comitato degli Italiani all'Estero*, nas eleições de 1991, o que não parece nada gratuito.

Ao mesmo tempo, a expressão "comunidade"<sup>8</sup> veio substituir o termo "colônia", sendo "comunidade" composta por "*italiani all'estero*", uma vez que "colônia" está indissociavelmente ligada a "imigrante". Nas falas de padre F., da paróquia de Nossa Senhora de Casaluce, e do presidente da associação São Vito Mártir, o termo mais antigo ainda está presente. Na reunião da *Famiglia Bellunese* (formada por pessoas da cidade de Belluno, na

<sup>8</sup>"Coletividade" é um sinônimo comum.

região do Vêneto), a presidente corrigiu uma brasileira recém-chegada à associação: "Colônia, não. É comunidade. Os italianos não colonizaram nada, nós somos muito humanos para isso."

Essa diferença quanto ao uso de expressões, aparentemente neutras e referentes a um único significado, explica-se pela posição de seus emissores no campo da italianidade. Tanto M.M., presidente da Associação Beneficente São Vito Mártir, quanto padre F., da paróquia Nossa Senhora de Casaluce, compartilham de um universo simbólico impregnado dos sacrifícios, das tristezas e alegrias da saga imigratória.

A São Vito foi fundada por imigrantes de Polignano a Mare, cidadezinha próxima a Bari, no século passado, período em que também surgiram uma capela e a associação Maria Santíssima de Casaluce. São responsáveis por festas, descritas pelos próprios entrevistados como italo-brasileiras, que acontecem no Brás, nos meses de maio e junho. Casaluce realizou, em 1991, sua 91ª festa e a São Vito, sua 72ª (existindo, inclusive, uma certa competição entre elas e desconfiança, por parte da "perdedora", quanto à contagem destes números).

É interessante observar que fazem parte do calendário paulista de eventos mas são ignoradas por um setor da comunidade italiana. Nas duas entrevistas, ficaram claros a não-participação desses agentes em outras associações e o distanciamento em relação aos canais de comunicação abertos pela Itália, através das juntas de emigração e dos governos das regiões italianas.

Quanto à presidente da *Famiglia Bellunese*, que tomei como exemplo, é também consultora de sua região, ou seja, representante direta dos vênetsos do Brasil na Itália. Devido à sua função, obviamente, compartilha o modelo mais moderno de italianidade, incentivado por vias oficiais.

Na fala da maioria dos entrevistados, a expressão "*italiani all'estero*" se trata apenas de uma forma que o governo italiano encontrou para promover seus imigrantes. O presidente do Instituto Cultural Italo-Brasileiro (órgão brasileiro fundado na década de 50 que funciona paralelamente ao órgão oficial do governo italiano) apontou a ancestralidade do termo nos *fasci italiani all'estero* existentes no período fascista, o que é comprovado pela historiografia. Segundo ele e o presidente da São Vito, que, apesar de dirigir uma associação típica de "imigrantes", também está impressionado com a situação da península, pela primeira vez, após Mussolini, o italiano se sente valorizado.

O diretor do jornal "*L'Italia del Popolo*", um dos três semanários em circulação, disse que o governo da Itália deve ter se envergonhado com a figura do imigrante no momento em que o país, em outra realidade econômica, passou a receber levas de asiáticos, africanos e habitantes do Terceiro Mundo em geral. Segundo ele, a imagem dos "*vu' cumprà*" ("*vuol comprare*", "quer comprar", em referência à atividade desenvolvida por muitos deles pelas ruas), de certa forma, traria à lembrança a movimentação dos portos de Gênova e Nápoles, no fim do século.

Convém enfatizar que, apesar de identificação direta entre o que denominei de "comunidade silenciosa" e a imagem tradicional do italiano, a distinção entre *italiani all'estero* e imigrantes passa pela relação com a Itália moderna e pela idealização do país de origem, não se restringindo apenas à determinação de classe. Vários membros da associação de Casalbuono, que selecionei como um dos estudos de caso, por exemplo, são de classe média, profissionais liberais, etc. Mas, definitivamente, são rotulados como imigrantes. O mesmo acontece com a Monte San Giacomo ou a São Vito, sendo as três associações formadas por ex-habitantes de pequenas vilas (Casalbuono e Monte San Giacomo são cidadezinhas próximas a Nápoles e Salerno). A Itália, à qual se reportam em suas festas e encontros, é, sem dúvida, a Itália campesina do período áureo da imigração.

Também não me parece uma mera casualidade que italianos meridionais tenham sido os fundadores das associações chamadas "associações de bairro" por padre G. - Achiropita, do Bixiga, e San Gennaro e Casaluce, do Brás (sendo que esta última, hoje, funciona apenas como comunidade paroquial) - e, em oposição às associações regionais, das "associações de localidade" - Casalbuono, Monte San Giacomo e São Vito<sup>9</sup>. A tradicional

<sup>9</sup> É importante fazer duas observações quanto a estas "associações de localidade". Primeiramente, quero acentuar que algumas associações de cidades italianas, como as vênetas, não se encaixam dentro da denominação. Além de se tratar de cidades, e não de pequenas vilas, estão cercadas por todo um aparato que as vincula às regiões, aproximando-se, portanto, na história e estrutura, às associações regionais propriamente ditas. Em segundo lugar, durante o trabalho de campo, ouvi referências a duas outras associações de cidadezinhas das regiões da Campania e da Calábria, que, no entanto, por serem bastante desconhecidas no

"dicotomia norte - sul" (expressão utilizada por dois jornalistas) é transferida para a nova dicotomia imigrantes X *italiani all'estero*. É óbvio que isso não significa que todas as associações regionais, assim como todos aqueles que se encaixam no modelo do *italiano all'estero*, sejam do norte da Itália. Mas é interessante apontar esta similaridade e a renovação de velhos conflitos que se transvestem.

Estes grupos de bairro e marcados por uma identidade local têm forte apelo popular e uma presença notável de brasileiros. Segundo o presidente da São Vito:

"...é claro que eles (os imigrantes) se misturaram aqui. Misturaram com negro, misturaram com japonês, misturaram com sírio... Então, lá na nossa festa, você vê trabalhando turca que é casada com barês<sup>11</sup>, negra que é casada com barês, e assim por diante. Realmente, há uma mescla que a nós agrada bastante."

Padre F., da Casaluce, por sua vez, diz que sua festa

"é participada por brasileiros, na maioria, mas muitos são bisnetos, netos, descendentes de italianos. Agora, o Brás se transformou numa comunidade nordestina. Então, eles se entrosaram porque, onde tem festa, são tudo igual, né."

Um fato importante a ser lembrado é que as três associações de bairro e as três associações de localidade citadas são das circuitos, não foram pesquisadas ou citadas na dissertação.

<sup>11</sup> "Barese" é o natural de Bari, capital regional de Polignano.

mais antigas da cidade. Quatro delas foram fundadas no século passado, uma, em 1959, e outra, em 1965, enquanto as dezenas de associações regionais existentes são um fenômeno típico dos anos 80, a década do *italiano all'estero*.

Obviamente, as associações regionais não são compostas apenas por membros que partilham de tal modelo de italianidade, mas, devido à forma como se estruturam e aos seus vínculos com os governos das regiões, podem ser consideradas muito mais informadas pela Itália moderna, fazendo até mesmo parte da estratégia oficial italiana na aproximação de seus emigrados, do que as associações de bairro ou de localidade.

Concluindo este item, permito-me transcrever um trecho longo da entrevista com Armando Puglisi<sup>11</sup>, do museu Memória do Bixiga, pois considero fundamental para explicitar o conflito imigrante X *italiano all'estero*. Armandinho, durante as duas horas da entrevista, divertiu-se, e me divertiu, contando histórias sobre o embate. Organizou um museu, num sobrado invadido com este intuito, de fotos e objetos recolhidos junto aos antigos moradores do bairro. Considera-se o porta-voz do passado da imigração e gosta de carregar na própria imagem, exagerando na representação do italiano.

Armandinho: "...acontece que a elite italiana, respondendo à tua pergunta, ela... esses italianos que vieram agora ou que vieram

<sup>11</sup>O entrevistado não teve seu nome abreviado por ser uma pessoa bastante conhecida. Armandinho do Bixiga autorizou que a conversa fosse transcrita e seu nome citado, já que seria impossível me referir ao que é narrado omitindo sua identidade.

há 20 anos, os C. da vida, os P., essa turma aí... Eles querem modificar a imagem do italiano no Brasil. Eles querem modificar até o nome. Então, por exemplo, tem uma feira italiana e o Museu do Bixiga tá. Se tá o cônsul, esses italiano, eles quase finge que não vê o Museu. Eles viram a cara pra lá e não vê porque eles têm vergonha. Olha, Ana, eu também acho que é um pouco desagradável você ver na televisão... Por exemplo, a imagem do italiano é se sujando, falando alto, comendo macarrão<sup>12</sup>. Acho também que a Itália, hoje, é uma das grandes potências do mundo. Por exemplo, eu também lutaria para que a imagem da Itália mudasse, mas não da forma que eles querem. Eles querem pura e simplesmente acabar com o imigrante. Bom, mas enquanto tudo isso tava entre nós, eu sempre fiquei quieto. Um dia, eu abro o jornal e vejo duas páginas, no Jornal da Tarde, que tinha um tal de D.G., diretor do Dante Alighieri (fala enchendo a boca) e o cônsul e um monte deles largando o pau que essas festas que fazemos aqui, em São Paulo, a San Gennaro, a Achiropita, não existem na Itália, que os primeiros imigrantes compravam a Divina comédia só de enfeite... "Vamo pará com essa coisa de *mangia spaghetti*"... Bom, desceram o cacete. Faltava um mês e meio pra eleição pra ser formado o Comitato."

Pesquisa: "Então, foi em 86 isso?"

Armandinho: "Em 86. Aí, quando eles escreveram isso, eu escrevi uma carta que saiu no jornal, no Jornal da Tarde mesmo, uma resposta. Eu gostaria que você lesse. Você leria?"

Pesquisa: "Leio."

"Com orgulho e ira um neto de imigrantes italianos contesta certas declarações - Italiano do exterior, os protestos de Armandinho Bixiga: os verdadeiros pioneiros, os legítimos heróis de um país não são os nomes guardados pela história, são os nomes

<sup>12</sup> Um exemplo específico do que foi lembrado por Armandinho:

Uma propaganda de molho de tomate, veiculada em 1991, mostrava uma típica família italiana, nos moldes tradicionais, reunida para um almoço ao ar livre. No final do *jingle*, o avô sapeca alivia-se como pode depois da lauta refeição. O anúncio foi transmitido dessa forma apenas nos primeiros dias, tendo sido cortada a cena do vovô.

dos varridos da história."

"Senhor: A palavra "imigrante" é sinônimo de dedicação, trabalho, honestidade. Mais do que ninguém os verdadeiros paulistas sabem disso. A cidade de São Paulo, por exemplo, formou-se com a contribuição dos imigrantes, especialmente o italiano. Estatísticas mostram que a expansão e o desenvolvimento de São Paulo coincidem com a chegada aqui dos italianos, no final do século passado. Não só eles, é claro. Marco histórico para o Brasil, a imigração só pode ser vista com orgulho pelos brasileiros. Nos hábitos e costumes, existe até hoje a contribuição anônima do imigrante, é só querer enxergar. Ela está nos nomes das ruas, em mais de 300 palavras incorporadas ao português, na culinária, nas artes em geral e até nos gestos. Nunca houve um casamento tão feliz de raças como entre os brasileiros e os italianos. Os historiadores estão aí para testemunhar este fato. Os italianos que inicialmente vieram para o Brasil não se limitaram a preencher o vazio deixado pela falta de mão-de-obra escrava. Transformaram São Paulo, para orgulho de todos nós, numa das maiores metrópoles de todo o mundo, auxiliando os paulistas de todos os setores e atividades. Quem pode negar que os anônimos imigrantes italianos, a maioria varridos da história, vieram de fato fazer a América? Italianos analfabetos, cafonas<sup>13</sup>, que aportaram no Brasil, não compraram a Divina Comédia só para enfeite, nem precisavam disso. Aqui usaram o tempo para trabalhar, ler e ensinar os filhos e netos que não há nada mais importante que o amor, a honestidade e a crença num ideal. Esses homens sentiram as dificuldades naturais e merecem o respeito e o reconhecimento pelo muito que fizeram, especialmente, dos que, hoje, pensam poder renegá-los. Falo dos que tentam jogar o passado na lata de lixo e alterar o sinônimo da palavra "imigrante", que sempre foi e sempre será símbolo de honradez, trabalho, dedicação e amor."

"Esses oportunistas que querem mudar o nome dos imigrantes

<sup>13</sup>"Cafone", em italiano, corresponde mais ou menos ao nosso "caipira", antes da valorização da moda *country*, e sua conotação é bastante negativa.

para "italianos do exterior" acham que isso pode ser feito impunemente como se uma simples troca de nomes fosse suficiente para apagar o passado e erradicar realizações que marcam e marcaram a vida de milhões de pessoas. Pretensiosos. Os que pensam assim aqui chegaram de maneira diferente, para mamar na vaca já criada, colocando-se numa posição elitista, renegando valores conquistados e achando que em São Paulo há apenas uma escola em condições de educar os filhos de italianos. Esquecem-se que o homem se acostumou a superar a si mesmo. Santos Dumont, por exemplo, estudou num grupo escolar do Bixiga."

Armandinho: "É mentira."

Pesquisa: "É mentira?" (risos)

"Conheço pessoalmente alguns que se consideram a elite italiana no Brasil e sei que, ricos, fazem questão de manter a fachada, apesar de serem desprovidos de um mínimo de cultura e educação."

"Não é pejorativa a imagem do italiano que come polenta e dança tarantella. Cada imigrante traz consigo suas tradições e elas acabam incorporando-se e enriquecendo a cultura brasileira. Estão, portanto, acima de quaisquer críticas. Por todas as contribuições e o muito que os italianos, especialmente os mais humildes, ainda têm a dar ao povo brasileiro, é chegado o momento de dar um basta e acabar com o desserviço que, agora, um grupo de ignorantes, principalmente o cônsul Antonio Di Stefano, presta à nossa segunda pátria, a Itália. Se o senhor cônsul e o senhor D.G., diretor do Dante Alighieri, queriam promoção para si, o *Circolo Italiano* e o Dante, eles, com suas declarações, já conseguiram. Tornam-se, a partir de agora, "*personae non gratae*" a São Paulo. Viva a verdadeira Itália que nunca distinguiu seus filhos entre ricos e pobres, cultos e incultos e entre os que ficaram e partiram. "*Spernacchia*" para eles!"

"Armandinho "Bixiga" Puglisi, presidente do Museu Memória do Bixiga, filho e neto de um dos muitos imigrantes analfabetos que vieram fazer a América."

Mais adiante, Armandinho continua:

"A relação entre nós do Bixiga e esses caras é a pior possível. E vou te falar uma coisa: graças a Deus que é a pior possível. Deus que me perdoe! Aqueles italiano com o nariz tudo empinado. E tudo analfabeto! 90% analfabeto, sem educação mesmo, aquilo que eu escrevi aí."

"Olha, eu dei uma entrevista há uns tempos atrás para a RAI. E o cara que me entrevistou, ele falou: "Ó, Armandinho, cuidado com o que o que você vai falar. Isso aí é o Fantástico lá da Itália que vai passar." Ele falou: "Bom, Armandinho, você gostaria de conhecer a Itália?" Eu falei: "Não! Mas não quero ir pra Itália nunca na minha vida! Pelos italianos que eu conheço aqui, eu não quero conhecer a Itália." Ele falou: "Pô, mas o que é que foi?" Eu falei: "Pô, mas não tem um! Pé-de-chinelo, nariz empinado. Eu não quero. Não tenho prazer nenhum de conhecer a Itália. Pra não ver esses caras."

#### 2.4. A fragmentação da italianidade

Uma vez exposto o que considero a dimensão principal do universo selecionado pela pesquisa - a dicotomia imigrantes X *italiani all'estero* -, convém alargar o quadro segmentário do circuito, sem se esquecer, no entanto, dessa primeira cisão que, pelo seu peso histórico, mantém-se como substrato.

Durante os 18 meses de trabalho de campo, ficou claro que tal "comunidade" é, por completo, segmentada e marcada por conflitos. No interior da própria elite, as brigas e críticas são comuns, segundo o que me foi dito por quase todos os entrevistados e pelo que pude observar.

A desunião e o individualismo foram temas recorrentes mesmo sem qualquer tipo de provocação de minha parte. Estavam presentes nas queixas dos entrevistados ligados à imprensa, que lutam para conseguir anunciantes, ou daqueles ligados ao Patronato Assistencial, que enfrentam dificuldades em obter colaboradores. Foram criticados por padre G., considerado o "guia espiritual da comunidade", que afirmou ter como ideal unir, através da religião, o que, a princípio, não apresenta nenhuma harmonia. Apareciam no discurso de muitos que me disseram desconhecer outra colônia de estrangeiros no Brasil tão desunida.

O cônsul-geral, em dezembro de 1991, publicou uma mensagem de boas festas nos 3 jornais italianos de São Paulo que pode ilustrar a questão. Além dos costumeiros votos de felicidades, Antonio Di Stefano fez referência à escola e ao hospital, com os quais muitos sonham, assim como à imprensa e à assistência, problemas sérios que, segundo o cônsul, apesar de animar debates e polêmicas, deveriam ser encarados de forma concreta.

"Trata-se de problemas certamente complexos, mas à altura de nossa comunidade se o seu enorme potencial de intervenção se enriquecesse com uma migalha de maior solidariedade, abandonasse invejas e conflitos pessoais, desse mais espaço aos fatos que às palavras, trouxesse ao plano coletivo mesmo uma parte mínima daquilo que, com grande capacidade e espírito de sacrifício, obteve-se no plano individual." (Tradução minha)

Durante a pesquisa, tive diversas oportunidades de assistir, ainda que não diretamente, a acontecimentos, alguns bastante

sérios, que explicitam essa característica conflituosa da colônia (os anexos II e III recolhidos em jornais são exemplos). Eram freqüentes as denúncias de desvio de verbas destinadas às associações regionais e às iniciativas assistenciais, além da divulgação de arbitrariedades na escolha dos participantes das viagens financiadas pelas regiões. Ouvi casos em que se afirmava que famílias inteiras haviam embarcado, mesmo já tendo ido à Itália por várias vezes, às próprias custas. Tais viagens são a grande atração que as associações regionais podem oferecer e, obviamente, transformam-se sempre em questões polêmicas. Alguns acreditam que devam ser oferecidas aos jovens, outros, a imigrantes idosos que ainda não tiveram a oportunidade de retornar.

Mesmo o Consulado corre o risco de se envolver nestes contrastes e disputas que fragmentam o campo da italianidade. Segundo o cônsul-geral, a comunidade, hoje, apresenta "deformações" totalmente novas. Referiu-se à existência, no passado, de uma homogeneidade bem maior, já que quase todos eram imigrantes ou descendentes de imigrantes, e à uma conseqüente facilidade de comunicação entre as pessoas, o que tornava mais leve o trabalho de um cônsul.

Ao que parece, seu antecessor não foi hábil o bastante ao lidar com a fragmentação atual. Em março de 1990, houve uma manifestação em frente ao Consulado pedindo a expulsão de seu principal funcionário, o que realmente veio a acontecer. Segundo vários entrevistados, tanto ele quanto o antigo embaixador nunca

havia conseguido ter flexibilidade suficiente para caminhar entre os diversos grupos e foram afastados. O ápice da crise foi cercado de depoimentos dissonantes e, obviamente, como poderia se esperar de uma colônia com estas características, de muita fofoca. Por fim, o já citado Antonio Di Stefano, o cônsul-geral anterior, teve restituído o cargo, que continua sendo seu até o momento da redação deste texto. Devido a um acidente grave, porém, uma queda na embaixada em Brasília, Di Stefano não pôde voltar à atividade de imediato, tendo a situação se resolvido e a tensão se amenizado vários meses depois (ver anexo IV).

Uma dimensão a ser assinalada no discurso da desunião é o regionalismo (era inevitável que as pessoas tocassem num assunto e enveredassem pelo outro) e, especialmente, o conflito clássico entre setentrionais e meridionais, que, sem dúvida, é reproduzido no Brasil.

Conhecendo a profundidade histórica da questão norte-sul, é fácil concluir que simples entrevistas não bastam. No meu entender, um estudo sobre o tema deveria assumir maiores proporções para que lugares-comuns não fossem repetidos. Qualquer descendente, por mais indiferente que seja quanto às origens familiares, já ouviu comentários a respeito. É algo que perpassa as classes sociais e as diversas levas imigratórias e, como demonstram os fatos, marca presença na Itália hoje. Considerando a amplitude e a complexidade da questão, não me propus a investigá-la, apenas tomei-a como um dado que enriquece o quadro

fragmentado da italianidade, tema desenvolvido por este tópico.

Obtive posições e respostas díspares dos entrevistados, que variavam da total indiferença, passando por uma atitude diplomática, até a afirmação de que o conflito se manifesta muito intensamente, com a mesma força dos velhos tempos. Dada a delicadeza do tema, é difícil julgar a veracidade das respostas e, algumas vezes, tornava-se complicado mesmo fazer a pergunta. O secretário do *Circolo Italiano*, por exemplo, ao ser questionado sobre a porcentagem de meridionais e setentrionais no clube, apressou-se em dizer que nunca haviam se preocupado com este tipo de estatística, como se a mera colocação da questão já fosse um indicador de preconceito.

Em outubro de 1990, convidada pelo presidente da União Beneficente Amigos de Casalbuono, um estudo de caso já selecionado, estive num programa de rádio dirigido à colônia. O clima era de festa e cerca de 40 pessoas ligadas às associações se aglomeravam no estúdio para dar recados ou simplesmente para conversar. O programa estava no ar há um mês e a polêmica criada à sua volta veio confirmar minhas observações em relação à comunidade. Segundo o radialista responsável, sua intenção era de apenas tocar músicas italianas, assim como seu produtor queria vender cozinhas, o que, no entanto, parece-me ter sido negado pelo desenrolar da história. Ambos acabaram se envolvendo em questões polêmicas e o programa se transformou num reduto de associações do sul, que se sentiam marginalizadas nas decisões e eventos mais importantes. A celeuma chegou a tal ponto que,

segundo eles me disseram, haviam sido chamados pelo cônsul e pelo COEMIT, preocupados, e "um grande empresário" tentara comprar o horário na rádio.

O apelo exaltado do idealizador do programa, que emocionou e mobilizou os presentes no fim da transmissão, resume, de certa forma, o que se discutia no estúdio e reproduz o tom eufórico das conversas.

"Gente, esse programa nasceu para atender a coletividade italiana. Aqui, neste programa, quando se diz "coletividade italiana", não se diz "coletividade italiana do sul" nem "coletividade italiana do norte". Aqui, nesse programa, todos são italianos, pois a Itália tem um hino para todas as regiões, uma bandeira para todas as regiões. Então, aqui, todos são italianos, todos são prestigiados, todos terão o seu direito ao seu espaço. Eu quero o seguinte: que essas associações, que o *Círculo Italiano*, que todos venham, todos participem. Vamos se enrolar nessa bandeira, vamos deixar o passado para trás, vamos mostrar aos nossos ancestrais que construíram essa gigante que é São Paulo, vamos mostrar a eles que nós continuaremos lutando, que nós estamos unidos. Vamos mostrar a pujança e a força que eles tiveram quando aqui chegaram, sem nada, e conquistaram seu espaço, trabalhando, lutando, devagar. Vamos mostrar que, realmente, a coletividade italiana é a maior coletividade de São Paulo."

Os encontros semanais na rádio se desenrolaram na fundação de uma federação de associações italianas, à qual estive presente dois meses após a ida ao programa, e, finalmente, na formação para a eleição do COMITES (o COEMIT rebatizado) de uma chapa com o sugestivo nome de "*Italia Una*".

De acordo com um membro do antigo COEMIT, que conseguiu ser reeleito por uma chapa concorrente, os organizadores da chapa 3, "Italia Una", seriam novatos, "pessoas que se infiltraram na comunidade". Nas eleições de 1986, quando 37000 italianos e descendentes votaram, apenas duas chapas concorreram, as quais tiveram seus nomes repetidos em 1991: "Italia Oggi" e "Unione Regionale".

É interessante perceber o paralelo dos nomes e termos utilizados nas campanhas das chapas com as questões apontadas pela pesquisa. Entre o material que recolhi no período, pude observar que a chapa 1 tinha seus panfletos escritos em italiano, referia-se ao eleitor como "italiano in Brasile" e convidava: "entra col tuo voto nell'Italia di Oggi". A chapa 2 tinha os panfletos escritos em português e seu slogan era: "pela união dos emigrantes e pela solução de seus problemas" (ver anexo V).

Este episódio do programa de rádio, que deu origem a uma federação e a um grupo de representantes num órgão importante da política da comunidade (seis foram eleitos, entre os 24 integrantes do COMITES), mostra como o discurso da união possui ecos nos mais diversos setores e pode ser transformado em bandeira.

Também tomei conhecimento da existência de 5 federações que haviam se formado a partir da mesma idéia de união, mas a pouca eficiência destas iniciativas não corresponde à força e euforia de pregações neo-garibaldinas comuns no circuito (ainda que existam os bem-intencionados). Até mesmo cidadezinhas que distam

15 quilômetros uma da outra, como é o caso de Monte San Giacomo e Casalbuono, que possuem associações na cidade, não se frequentam e a federação da Campania que, a princípio, deveria encampá-las não tem uma atuação efetiva. Portanto, imaginar que o grupo responsável pela festa da Achirópita ou a São Vito venham a se unir à associação Piemontese (o Piemonte é a região de Turim, no norte da Itália), por exemplo, no momento atual da comunidade, é, no mínimo, risível.

Como já foi dito no tópico 2.3., as associações locais são marcadas pela figura do imigrado e têm como interlocutor a Itália agrícola de outros tempos. As associações regionais, por sua vez, são ligadas aos governos das regiões e bem sintonizadas com o discurso da nova italianidade. Se acrescentarmos a isso a questão política que atravessa essa dicotomia, percebe-se a profundidade do fosso entre os grupos. O depoimento de um presidente de uma associação regional expõe a dificuldade de conviver com a associação local cuja cidadezinha faz parte de sua região.

Presidente- "Eu tentei, estou tentando ainda juntar-me com Z (presidente da associação local X) (...) Falei nos jornais que a associação Y (associação regional) com a X é uma família só, quando eles fizerem festa que nos convidem que nós vamos lá, quando damos festa, convidamos eles. Estou conseguindo devagar, devagar fazendo isso."

Pesquisa- "Mas o que o senhor acha que acontece? É bairrismo?"

Presidente- "Bairrismo é. Non só bairrismo, mas tem..."

Pesquisa- "Não tem também uma certa diferença cultural?"

Presidente- "O drama é esse, o drama é realmente esse. Porque mentre (enquanto) lá, numa festa, você ainda canta

canções fascistas, aqui nós nunca podemos fazer isso, jamais. Nem eu, nem outras pessoas... Jamais se poderia cantar a canção "Faccetta Nera"... Cantam "Faccetta Nera" perché idiotas, perché non tem cultura. Eu vou te explicar. No tempo do fascismo, quando a Itália tinha essa mania de fazer colônias... Nossa história mostra que o fascismo non passa de uma fome colonialista, enton, nós fomos lá, massacramos i pretos, descalços, sufocamos eles com um gás terrível. Isso fizemos nós com pretos descalços. Enton, o que acontece? Quando nós fomos na Abissínia, por isso se cantava naquele tempo canções completamente absurdas como todas essas canções patrióticas ou políticas ou ideológicas. Son indutivas, son canções indutivas. Por exemplo, cantam num ritmo que se pode acompanhar, bonito e tudo e, depois, aquilo que está escrito, que é dito, que é proferido, son blasfêmias insensatas. Tá escrito assim: "Bela abissina, espera, espera, che già l'ora s'avvicina". E perché está esperando? Quale ora? "Quando saremo vicino a te, você terá un'altro duce, un'altro re". Se eles soubessem, naquele tempo, se fossem da formação cultural... Eles saberiam que os negros da Abissínia é descendente da rainha de Sabá e de Salomon. Quindi (portanto), jamais, eles teriam esperado um outro reizinho como o nosso, pequenininho assim, né, e quel duce completamente fanático! O que tem a ver o duce com o rei da Abissínia? E todo mundo canta esta canção indutiva, o ritmo leva, pronto. Até hoje, na X cantam. Eu fiquei lá olhando. Depois, eles, quando perceberam a minha cara, cantaram a "Bella Ciao!", que é dos partigiani. "Muito bem, eston empatando", eu disse. Como dizem os brasileiros, deram um jeitinho, deram um jeitinho."

A figura de Mussolini, a "grande" Itália e a posterior derrota do país na Segunda Guerra, ainda hoje, funcionam como elementos de tensão na comunidade. Os "nostálgicos de Mussolini", termo utilizado por Angelo Trento em correspondência pessoal, sem dúvida, estão presentes. As associações de armas, já citadas, e a

Gladium, assumidamente fascista, são provas disso, assim como as missas rezadas no aniversário da morte do Duce. Neste ponto, a elite e a população de imigrantes se confundem. A simpatia pelo período ditatorial da história italiana é bastante dispersa, sendo, inclusive, uma característica da colônia conhecida na Itália. Um entrevistado, de grande atuação política no circuito, assinalou-a como um dos obstáculos ao direito de eleição de representantes no país de origem por longos anos. Segundo ele, atualmente, porém, o perfil político da colônia democratizou-se, o que torna um pouco mais viável, no futuro, a conquista do voto.

A língua também é uma marca da fragmentação. Enquanto a elite consegue manter a fronteira entre o português e o italiano, utilizando-se bem ou razoavelmente de um ou outro idioma, o imigrante fala uma mistura de português, italiano e seu próprio dialeto, que é muito depreciada. Um dos associados do *Círculo*, por exemplo, referiu-se a ela como "um barbarismo" e disse sentir-se "mal, diminuído" ao ouvi-la. Outro associado do mesmo clube, também presidente de associação, confessou sentir "profunda irritação" diante dessa linguagem, que relacionou aos meridionais, em particular.

Convém ressaltar que o quadro fragmentado e conflituoso, que vem sendo apresentado até aqui, é explicado de forma, quase unânime pelos entrevistados. A auto-promoção, o individualismo e a valorização dos títulos, características consideradas inerentes ao italiano, são as justificativas utilizadas. É interessante que a acusação de exibicionismo é geral, sempre com

ressalvas em relação à própria pessoa, do que se conclui, logicamente, que esse discurso é empregado inclusive pelos supostos egocêntricos.

A procura de cargos nas associações e a iniciativa para se criarem novos grupos, pulverizando ainda mais o campo, estão ligadas ao prestígio que denominações como "presidente", "diretor" ou "conselheiro" podem trazer. O acúmulo de funções por parte de várias figuras expoentes da comunidade aponta para o mesmo fenômeno, além de demonstrar o controle da elite sobre os eventos e os canais de comunicação com a Itália.

"No Brasil, se diz que tem 120 milhões de técnicos de futebol. O italiano tem também 56 milhões de presidentes porque cada um quer ter sua razão." (E.P.)

O termo "doutor" também é aspirado por muitos, característica que parece ter sido importada do país de origem. Na Itália, os possuidores de um título universitário são "doutores", o que dá espaço a todo um anedotário envolvendo a questão. É comum as pessoas acrescentarem "engenheiro", "arquiteto", "advogado", "professor" aos nomes daqueles a quem se dirigem. Segundo uma figura polêmica da comunidade, esse é um fenômeno tipicamente italiano.

"Na Itália, temos, infelizmente, esse vício que temos que ter um título. Na Itália, até hoje, temos doutor até não acabar mais." (S.M.)

S.M. conta uma passagem de 1965 que ilustra o lado brasileiro da questão.

"Quando fechou o *"Fanfulla"*, eu saí com um jornal chamado *"Italia nel Mondo"*. Nessa oportunidade, coloquei no meu editorial que ia publicar uma relação de 700 "doutores". Isto é, de gente que da Itália saiu como analfabeto e que se formou durante a travessia do navio pelo Equador. O que era pedreiro virou engenheiro, o que era lixeiro, não sei, virou advogado. Você acredita que numa semana o meu escritório estava cheio assim de gente que vinha lá: "Escuta aqui, me chamam de doutor, mas eu não sou doutor. Não vai botar..." (risos) Eu olhava pra aquela gente, tudo de 60, 70 anos...: "Si, eu tenho pena de vocês." " (S.M.)

Um funcionário do Consulado, morador recente do país, numa conversa informal, expôs uma opinião diversa da de S.M. quanto à valorização dos títulos na península, mas semelhante no que se refere à comunidade. Disse-me que nunca em sua vida havia conhecido tantos "doutores" como entre os italianos da cidade, acrescentando que, enquanto na Itália era chamado apenas pelo primeiro nome, em São Paulo, tornara-se dr. M. .

F.G., figura polêmica do circuito, é bastante conhecido, entre outras coisas, por possuir um arquivo dos falsos diplomados. Quando o entrevistei, mostrou-me uma de suas provas, a resposta de uma universidade italiana à uma carta em que pedia informações sobre um suposto ex-estudante.

"Tudo son doutor. Até me chamam de doutor. Eu non sou doutor. Eu ligo pro *Circolo*, por exemplo, me falam "doutor G.". Eu digo: "Minha filha, eu non sou doutor." (...) Se você me diz

que você é da faculdade de direito de Milano, eu escrevo pro reitor. E o reitor me responde, onde diz que você nunca cursou e não é formada por aquela universidade. E você falou que era formada!"

Ao comentar com meu avô, morador de São Paulo na década de 50 e, hoje, afastado por completo do circuito, que eu havia conhecido alguém que ele, provavelmente, conhecera - um certo dr. L. - sua resposta foi rápida: "Dr. L? Só se for doutor de suas cabras..."

Tal reação, em âmbito doméstico, é outro exemplo que reafirma a utilização do título como uma estratégia de poder e aponta a recorrência dessas acusações ao longo dos anos, o que também é mencionado, na literatura, por Mario Carelli (1985) e Angelo Trento (1989).

Concluindo, *italiani all'estero* e imigrantes, doutores e carcamanos, fascistas e *partigiani*, meridionais e setentrionais compõem o quadro fragmentário que me propus a descrever aqui. A sensação de estar atravessando trincheiras de campos inimigos ou registrando mexericos infundáveis foi marcante durante toda a pesquisa e uma observação bem-humorada do cônsul-geral vale a pena ser lembrada. Di Stefano, em entrevista que não foi gravada a seu pedido, comentou que costuma dizer que os italianos só entram em acordo quando são um número ímpar e inferior a três, afirmação que, o trabalho de campo pôde mostrar, não é, em absoluto, pessimista.

### CAPÍTULO III

#### Introduzindo os estudos de caso

No capítulo anterior, apresentei como uma descoberta empírica um fenômeno que perpassou, explícita ou subliminarmente, todas as entrevistas e contatos realizados: a existência da dicotomia imigrantes X *italiani all'estero*, ou seja, um contraste bastante nítido entre duas imagens e discursos da italianidade, produzidos em momentos históricos diversos, que atinge de maneira dissonante italianos e descendentes na cidade de São Paulo hoje.

Uma vez que o objetivo da pesquisa é discutir como se produzem as mudanças na noção de identidade italiana entre os italianos e descendentes em São Paulo, num período em que a Itália investe numa imagem internacional mais condizente com um país de Primeiro Mundo, é óbvio que, ao selecionar os estudos de caso, — os porta-vozes da nova italianidade deveriam receber atenção especial. Ao mesmo tempo, o discurso tradicional da imigração, ainda predominante na mídia e entre os brasileiros, não poderia faltar.

Foi exatamente essa dicotomia que me fez optar pela União Beneficente Amigos de Casalbuono e pelo Circolo Italiano como dois dos estudos de caso a serem aprofundados. Enquanto o primeiro é composto por italianos (e descendentes) de classe média, provenientes da cidadezinha de Casalbuono, próxima a Nápoles e Salerno, na região da Campania, o segundo agrega italianos de classe média-alta e não se relaciona com o fenômeno

imigratório. Em alguns casos individuais, não podem ser percebidas diferenças de nível social entre membros das duas associações, mas, sem dúvida, a presença do imigrante é fundamental na Casalbuono, enquanto no *Circolo* não existe o menor interesse em enfatizá-la. A Itália a que se reportam não é a mesma e seus interlocutores imaginários se situam em espaço e tempo bastante diferenciados. A interseção entre os dois núcleos se restringe apenas a um sócio da Casalbuono, que, hoje, é associado do *Circolo* e de outra associação. Ambas não se frequentam e não existe qualquer tipo de intercâmbio. As festas do *Circolo*, em sua maioria, são no "salão das colunas" do Edifício Itália, enquanto, na Casalbuono, uma quadra de futebol, onde são montados o palco e as mesas, reúne os associados.

A seleção destes estudos de caso também foi influenciada por uma tentativa de teorização quanto à descoberta empírica da primeira fase da pesquisa. O trabalho de campo apontou duas vertentes da questão identitária nos diversos núcleos contatados: uma vertente local e outra nacional-universalista. No decorrer das entrevistas, pude perceber que tais tendências estavam presentes no conflito entre imigrantes e *italiani all'estero* e decidi abordá-las como um ângulo privilegiado a partir do qual a noção de identidade seria focalizada (o que será demonstrado no capítulo IV).

As várias associações marcadas pela figura do imigrado, amante de Deus, da *mamma* e da pizza, são de caráter local: Casalbuono, Monte San Giacomo Cambas de cidadezinhas da região da

Campania) e São Vito Mártir (de Polignano a Mare, na região da Puglia) são exemplos. Estes núcleos, assim como as associações de San Gennaro e Achiropita, apesar de compostas por napolitanos ou calabreses vindos de várias localidades, além de seus descendentes, têm como interlocutor o *paese*, a pequena vila de uma Itália agrícola e "gastronômica" (termo empregado pelo cônsul Antonio Di Stefano).

As associações regionais, correspondentes às vinte regiões italianas, no entanto, ainda que, a princípio, possam parecer ligadas à mesma vertente local, quando analisadas cuidadosamente na forma como se organizam, aproximam-se muito mais de um núcleo como o *Circolo Italiano*, com o qual mantêm contato.

Segundo o presidente do *Circolo*, quase todos os 21 membros de sua diretoria fazem parte de associações regionais, as quais utilizam o Edifício Itália para fazerem festas. Estas associações têm forte ligação com o governo das regiões italianas, que, ao subsidiarem iniciativas, incentivam um contato atualizado com a Itália. A identidade nesses moldes, portanto, segue uma vertente nacional ou universalista pela forma institucional em que é operada.

Baseando-me nessas considerações, pareceu-me suficiente optar pela Casalbuono e pelo *Circolo*, não me detendo em nenhuma das associações regionais.

No tópico 2.1., já me referi às dificuldades enfrentadas no campo e, neste momento, é necessário fazer uma observação quanto à fase mais seletiva da pesquisa.

Para mim era claro, desde a elaboração do projeto, que os órgãos do governo italiano deveriam ser abordados por sua importância enquanto vias oficiais de penetração do discurso da nova italianidade. Uma vez que o estudo se propunha a tratar exatamente de uma suposta ruptura na noção identitária, não poderia se furtar disso. Alguns obstáculos encontrados no estabelecimento de uma relação indispensável para o desenvolvimento do trabalho levaram-me, porém, a adotar uma estratégia quanto à abordagem destes órgãos.

Concentrarei no capítulo IV, portanto, as informações obtidas em contatos com o Consulado, o *Istituto per il Commercio Estero* (ICE) e o *Istituto Italiano di Cultura*, preferindo me referir a esses núcleos como elementos privilegiados pela pesquisa e não como estudos de caso tradicionais. Tal procedimento não invalida o trabalho realizado porque, ainda assim, é possível afirmar que o sistema institucional da Itália no Brasil, em seu corpo central e em seus braços econômico e cultural (segundo as palavras do cônsul adjunto), receberam considerável atenção e uma análise deve e merece ser apresentada. A vinculação direta com a discussão teórica a ser desenvolvida no último capítulo justifica, no entanto, o ordenamento e a posição destes dados no texto.

### 3.1. A União Beneficente Amigos de Casalbuono: o primeiro estudo de caso

A visita à Casalbuono aconteceu durante o primeiro mês do trabalho de campo, abril de 1990, seguindo uma indicação entusiasta de padre G., meu terceiro entrevistado e um dos responsáveis pela missa em italiano na Igreja da Paz.

Compareci a uma festa da diretoria após um telefonema a um dos fundadores da associação, N.M., que me fez o convite. Neste primeiro contato, todos foram bastante receptivos e demonstraram prazer e orgulho de terem sido lembrados por uma pesquisa.

Depois da missa, rezada na capela da U.B.A.C., N.M. me apresentou, pelo microfone, e muitos vieram me cumprimentar com curiosidade. Em meio a conversas rápidas durante o jantar, fiquei impressionada com a dedicação à "sociedade" (termo utilizado pelos casalbuoneses) e a consideração pelo próprio trabalho. Neste período, ainda estava traçando um mapeamento da colônia, mas, sem dúvida, a acolhida simpática teve importância na escolha posterior, já que o núcleo correspondia às minhas expectativas em relação a um provável estudo de caso.

Em outubro, ou seja, seis meses depois, voltei a procurá-los com a intenção de explicitar meu interesse em aprofundar o contato com a associação. As reações de N.M. e a do novo presidente, eleito no dia seguinte ao jantar a que compareci, foram bastante positivas, permitindo o início do trabalho.

Treze membros da sociedade foram formalmente entrevistados, sendo que apenas duas destas entrevistas não foram gravadas (em ambos os casos, me pareceu que a presença do gravador poderia inibir a conversa). Os entrevistados foram reencontrados várias vezes em minhas passagens pela associação, reforçando a relação e acrescentando novas informações. Um contato frequente foi estabelecido, ainda que com algumas interrupções bruscas por causa do próprio esquema da pesquisa, com o presidente da diretoria, que me mantinha a par dos eventos e de questões que, com perspicácia, sabia serem de meu interesse. Também compareci a alguns jantares e almoços ali organizados e participei do cadastramento dos eleitores em um dos dias de votação para o COMITES, já que na Casalbuono havia uma das 14 urnas da cidade.

Tentando cercar o campo relativo à associação, outros agentes externos foram procurados. Como será demonstrado, essa fase da pesquisa foi fundamental para entender a posição da Casalbuono na colônia de São Paulo e para inseri-la na discussão da noção de italianidade. Julguei importante investigar os conflitos, no que se refere à região da Campania, observando o comportamento do núcleo que privilegiei para um estudo de caso. Se tivesse me detido apenas nas entrevistas com os casalbuoneses, certamente não teria conseguido avançar muito na análise pois estaria ignorando uma dimensão importante de inter-relações.

A associação foi fundada, em 1959, por imigrantes que trabalhavam, na maioria, no Mercado Municipal e em feiras (especificamente, na venda de frutas). A sua fundação aconteceu

num armazém emprestado, sobre caixas de laranjas que serviam de cadeiras, com a intenção de agregar os casalbuneses de São Paulo e construir um local onde os santos padroeiros da cidadezinha, Nossa Senhora da Consolação e Santo Antero, pudessem ser cultuados.

O grupo de imigrantes já mantinha contato freqüente a partir de relações familiares - como eles próprios costumam dizer, todos os casalbuneses são parentes -, de um time de futebol - o Casalbuono Futebol Clube - e de festas e missas em torno dos santos.

Em 1954, duas estátuas tinham sido confeccionadas e colocadas numa igreja em São Miguel Paulista, onde permaneceram por cerca de quatro anos. Nas entrevistas, ouvi referências às festas de Santo Antero e Nossa Senhora, realizadas no período, e à grande afluência dos imigrantes, que para lá se dirigiam nos caminhões de feira. A maioria das famílias era moradora de Santana, Pompéia e Penha, regiões onde ainda hoje se concentram, e o longo trajeto até São Miguel assumia um verdadeiro caráter de peregrinação.

Quando as imagens deixaram de ser aceitas pela igreja que havia lhes cedido um espaço, os casalbuneses tiveram o estímulo para se reunirem e encontrarem um novo local que abrigasse os santos e as festas. A sede, cujo terreno foi comprado em conjunto pelos fundadores, foi construída com dificuldades nas horas de lazer, a começar pela capela. O amor à associação e os sacrifícios feitos, na época, estão presentes nas falas dos

entrevistados, assim como uma forte religiosidade.

"Eu fiz tudo com o meu suor, com o meu sangue. Isso aqui trabalhei com a minha mão. Non é brincadeira... Eu fui pedreiro, eu fiz tudo. Era tudo brejo. Soubesse os caminhões que foram jogados aqui de terra! Aqui tinha uma maloca, eu puxei fora essa gente... Nós pagamos até o último toston aqui." (S.V.)

"Naquele tempo, quem podia emprestar mil, emprestava mil, quem podia emprestar dois, emprestava dois. Todo mês nós fazíamos um sorteio lá. Então, cada um tinha um número dele. O que saía recebia o dinheiro que tinha emprestado. Quem ficou por último é que ficou pior porque não tinha juro. Emprestava mil e recebia mil (...) Quer dizer que foi feito no maior sacrifício aquilo lá. Sacrifício mesmo. Mas vale. A associação tá lá, a gente tá melhorando, construindo. Um pouquinho por vez a gente vai melhorando." (F.M.)

"Eu sentia quando a gente se encontrava que ali era como se a gente estivesse em Casalbuono. Era o amor de uma pessoa pela outra, sabe. Hoje, já tá meio modernizado, já tá mais distante. Mas, antes, era uma família só que se reunia. Nossa, num dia de festa, num dia de missa, tudo mundo ia lá, não cabia lá dentro de tanta gente que ia. Meu falecido pai, o maior prazer dele era levar os bolsos cheios de dinheiro e pagar cerveja... Não é que ele ia pagar porque o outro precisava, mas ele tinha aquele prazer de se agrupar com aquele grupo: "Vamos tomar cerveja?" (...) Era aquela paixão, aquela coisa de sangue próprio, entendeu? O que o governo, o que os governos não nos deu, a associação, nós, pelos imigrantes, nós fizemos muito mais que o governo." (L.L)

"Eu vou te contar um pouquinho desse senhor que fez a estátua da Nossa Senhora da Consolaçon. Esse senhor era manco. Na guerra do 14, ele tava nos montes *Appenini*... Naquela época era fuzil e baioneta, non tinha nada de metralhadora. Enton, teve uma descarga inimiga que veio e dois colegas caíram a cá e ele caiu do outro lado. A concluson, pela história que ele me contou, ele até me mostrou a fotografia da Nossa Senhora da Consolaçon... Enton, quando ele fez assim, como dizendo: "Non tô morto, tô vivo, meus dois colegas tão morto." E falou pra Nossa Senhora: "Eu tenho que fazer alguma coisa pra Senhora que me salvou a vida." Enton, passaram os anos. Quantos anos passaram? Isso giã no 54, muitos anos giã, ele me mostrou a carteira de couro. A bala furou o paletó, bateu na carteira, furou a carteira e quando chegou na figurinha da Nossa Senhora... Mentira que parece, parece anedota, ela desviou e caiu fora. E queimou a figurinha. Enton, ele falou que queria fazer alguma coisa de recompensa pra Nossa Senhora. E aí veio esse caso que ele mandou fazer a Nossa Senhora e pagou e chamou eu e o irmon e falou: "N., assim, assim, assim... Quer fazer alguma coisa?" Enton, fizemos a lista dos *casalbuonesi* in San Paulo. (...) Ele fez a Nossa Senhora e a colônia fez Santo Antero. Depois, faltava a coroa, que era de prata a original, ma non tinha toston. Tudo duro, duro que nem pedra. No começo de vida..." (N.M.)

Hoje, a sede tem salão, quadra de futebol, sala de jogos, cozinha, bar, churrasqueira e é freqüentada principalmente nos fins de semana e dias de festa. Um evento mensal, ou a cada dois meses, é organizado para trazer as pessoas à associação, sendo a festa de Nossa Senhora da Consolação, em setembro, o ponto alto do ano. Os associados são cerca de 250, que correspondem, em geral, aos homens, chefes de família, número ao qual são adicionados os outros membros da casa, atingindo uns 600

frequêntadores.

Todos gostam de dizer que formam uma população maior do que aquela de Casalbuono, espremida nas montanhas, e a rua onde se localiza a sociedade recebeu o nome do paese, o mesmo endereço, aliás, do Shopping Center Norte, que se estabeleceu ali há alguns anos, motivo de orgulho para os fundadores. Segundo um deles:

"Um dia eu tava no metrô e vi que vinha um senhor com uma sacola: "Travessa Casalbuono". Pensei comigo: "Carambola! Agora tem Casalbuono em San Paulo." " (N.M.)

As festas se desenrolam sempre num clima de descontração, com música, dança e pratos típicos servidos pelas mulheres da sociedade. A organização desses encontros, sem dúvida, são momentos importantes dos quais participam os membros da diretoria e do conselho, sendo o trabalho feminino de máxima importância. As massas, obrigatórias em todos os eventos, são preparadas por um grupo de cerca de dez senhoras, de forma artesanal, e são, merecidamente, elogiadas. A.M., filha de casalbuonês e secretária do conselho, falou-me entusiasmada do trabalho que, algum tempo depois, vim a testemunhar:

"Aqui tem o ponto do molho, o ponto da massa pra fazer o macarrão... As mulheres gostam de fazer. Já é do sangue mesmo, elas gostam de fazer. Eu não sei se eu cheguei a falar pra você de um doce que é feito de uma misturazinha de chocolate, arroz e sangue de porco. Elas têm a medida disso, elas sabem perfeitamente. Pra dar a liga, se põe um pouquinho de sangue de porco. Então, essas coisinhas, esses doces são tradicionais e

isso vai passando. Já tem uma turminha mais nova que sabe fazer. Até eu já sei, eu só não sei a dosagem do sangue de porco. Então, tem esse tipo de doce, tem aquela torta de ricota que é feita com trigo, a *pastiera di grano*, tem umas outras tipo *crustoli*, só que aqui se chama *canistrella*. Isso aí, em meia hora, elas fazem 30 quilos. Elas são terríveis, são umas máquinas. Máquina perto delas perde. E você já viu aquele macarrão que é feito no ferrinho, o *fusilli*? Todas elas têm o seu, é mais ou menos uma agulha de tricô, só que não é roliço. Ele tem umas arestas porque senão a massa não sai do ferro. Pruma festa, elas fazem 30 quilos de *fusilli*. Olha, merecia uma reportagem, como falou o seu S. (Crisos). Quando elas começam a fazer a massa... Primeiro, elas fazem toda a massa e aí, elas vão separando em pedaços, por turminha, uma vai cortando em pedacinhos, a outra vai passando no ferrinho... Agora, o que é mais gozado é ver arrumar o macarrão. Tem uma organização que é engraçadíssima. Tem que ser tudo ali, um do ladinho do outro, não pode montar macarrão. É divertidíssimo."

Nesse contexto, é marcante o machismo típico de uma vila agrícola do sul da Itália. A sociedade tem uma organização intrincada: além de uma diretoria executiva (eleita a cada dois anos e formada por 8 diretores), existe o conselho deliberativo, também com eleições bienais, e um conselho vitalício, compondo um total de 28 conselheiros. Entre estes, apenas 1 mulher é conselheira vitalícia (trabalhadora incansável na organização das festas) e 4 fazem parte do conselho deliberativo.

A.M., com quem conversei bastante sobre o tema, comenta:

"Eu já falei que vou me candidatar (Crisos). Primeiro, vou ser presidente do conselho. Um dia, um dia (Crisos). Mas vai ser difícil. Sabe o que eu quero testar com isso? De vez em quando, a

gente conversa muito em casa, né, sobre isso. Se eles votam numa mulher pra presidente. Isso eu ainda vou fazer. Eu já falei pra dona M. ... A fundação da federação da Campania foi aqui. Teve uma festa. Tinha uma mesa com 15 homens. A platéia era composta de umas 12 pessoas. Então, a dona M. falou assim: "Legal uma festa de italianos porque tem mais quem manda do que quem obedece, tem mais cacique do que índio." E eu falei pra ela: "E a senhora vê como é tudo homem?! (...) Um dia, eu vou me candidatar pra ver o que acontece." "

Neste ponto, é importante fazer um levantamento das entrevistas realizadas, com o intuito de fornecer elementos ao leitor para que algumas questões possam ser tratadas. Dos 13 formalmente entrevistados, 7 são casalbuneses, 1 é da região da Basilicata (mudou-se para Casalbuono na juventude) e 5 são descendentes. Dos 8 italianos, 4 foram feirantes e 1 deles teve uma experiência rápida na feira, logo abandonada; 5 chegaram ao Brasil na década de 50, 2, no final da década de 40 e 1, em 1926; 4 estão na faixa dos 50 anos, 2 estão na faixa dos 70 e 2, na faixa dos 80 (um deles morreu poucos meses após a entrevista). Quanto àqueles que não foram feirantes, 2 foram funcionários de uma empresa, sendo que, em um dos casos, o dono da empresa era o próprio tio. De toda forma, é bem clara, na associação, a preferência por atividades autônomas, como me foi dito por vários associados. Em relação aos descendentes, 2 são mulheres (uma delas, além de filha, foi casada com um casalbunês), com 45 e 57 anos, e 3 são rapazes de 25, 30 e 31 anos.

É interessante perceber que a relação dos casalbuneses com o Brasil parece ser bastante antiga. Dada a complicada rede de

parentesco (inúmeros casamentos entre cunhados e primos, que me confundiam por completo), todos se referiam a parentes comuns nascidos em Pernambuco e no Amazonas, no século passado, quase como a antepassados míticos (ver anexo VI). O próprio N.M., um dos fundadores e dos 7 casalbuoneses entrevistados, na verdade, é pernambucano, assim como o pai da mais velha das descendentes entrevistadas. Dona E. me contou que seu pai nasceu em Pernambuco e foi para Casalbuono aos 3 anos, onde morou até os 15. Quando teve início a Primeira Guerra Mundial, seu pai, que novamente se encontrava no Brasil, foi chamado para lutar. De volta à Itália, conheceu sua mãe, casou-se e teve um dos filhos, que veio a ser o primeiro presidente da sociedade por cerca de 15 anos.

O imigrante, imagem sobre a qual se fundou a associação, é altamente valorizado. Nas entrevistas, os motivos para o abandono da bucólica Casalbuono, a travessia do Atlântico enquanto um rito de passagem e os sacrifícios feitos durante os primeiros anos em terra estrangeira estão presentes. O fortíssimo laço com a cidadezinha também é claro já que, entre os 8 italianos entrevistados, apenas um deles, aquele não-nascido em Casalbuono, disse ter conhecido outras regiões da Itália por motivos de trabalho (era mestre de obras) e guerra (atravessou todo o país como soldado). Os outros diziam apenas conhecer as vilas próximas, além de Nápoles, onde embarcaram.

"Eu tinha lembrado de pegar umas fotografias do meu pai criança. Os irmãos, a mãe, em frente da casa dele. A casa caindo aos pedaços, eles sem sapato. Sabe, é o tipo de fotografia que

você olha e fala: "Pelo amor de Deus! Nordeste é melhor!" Não eram barrigudinhos igual no Nordeste, mas... (risos) Sabe aquele relaxo total? Ele ficava bravo quando a gente falava pra ele: "Pô, pai, mas não tinha um sapato pra pôr no dia da fotografia?" Não tinha mesmo, né. (...) Se você pega o cartão postal de Casalbuono, você vê aquela cidade incrustada no meio da montanha, você vê assim no olhómetro e diz: "Nossa Senhora, por isso que veio! Deve ser o fim!" O que ele fazia lá? Não tinha nem escola, tinha uma escola só..." (A.M.).

"Nós tivemos um maremoto no golfo de Lyon, na França, que muitos navios foram a pique. E nós passamos 35 horas praticamente debaixo d'água. Quer dizer, aquelas ondas vinham, caíam os beliches, caía um em cima do outro, muita gente ferida... Parece que 48 navios em volta pediam SOS, mas afundaram. Como o nosso era reforçado de guerra, talvez por isso, se salvou. Mas não tinha comodidade nenhuma, sem luxo nenhum. Ficamos 35 horas sem comer. Quem é que ia pensar em comer? Só naquela que ia morrer, que ia afundar e nós estávamos sem saúde, sem sequer forças pra ficar em pé. Eram salas dentro do navio de 300 pessoas. Era assim, ficou tudo os beliches saindo fora do lugar... Olha, foi uma coisa pavorosa, um inferno. Tanto é que minha mãe, no noticiário que deu lá em Casalbuono, ela ouviu que não havia mais contato, que talvez o nosso navio teria afundado. Imagina, né, minha mãe, um moço de 16 anos, moleque, pode-se dizer, e saber que o filho já tá no fundo do mar (...) Eu levei 18 dias pra chegar aqui, uma viagem muito penosa, 18 dias. (L.L.)

"Pra gente aprender aqui, tinha que trabalhar. Eu trabalhei com o Zaccaro, o pai do Zaccaro. Trabalhei um ano no palmito. Ele era palmiteiro, tinha barraca no mercado. Enton, eu entregava palmito na cidade e, de manhã, antes que abrisse o mercado, porque abria 8 horas, eu aproveitava o carrinho e puxava peixe. Carregador, né. Depois trabalhava no palmito e, de tardezinha, vendia brinquedo. Eu comprava lá na 25 de março, lá na Trol. Eu

comprava e ia revender. De tarde, eu saía com a malinha e ia afastado daqui do centro. De noite, chegava em casa e fazia colarinho de camisa. (F.M.)

"Logo, logo que você começa aqui é fogo! Non sabe falar, non sabe conversar. Um dia, eu fui entregar uma mercadoria lá na 7 de Abril. Non tinha carro, era só carrinho de mon. Fui entregar lá, me perdi. Cheguei no mercado era 7 hora da tarde, de noite. "Onde o senhor foi?" "Eu me perdi." Non conhecia nada, non sabia nem conversar nada. Me perdi." (A.B.)

"Io fiz bastante pra aquela cantina lá na Bela Vista: Capuano. Io fiz, cozinha. Três ano. Io fazia de sexta e, sábado de manhã, levava. Fusilli, aquele comprido. Fazia dez quilo na mon. Fazia a massa, eu gosto de fazer um por um. Fazia dez quilo de farinha de sexta-feira, no sábado já ia entregar. Muito puxado. Non dava nem pra conduçon. A gente, sabe como é, precisava, fazia. É duro fazer dez quilo de farinha, viu? (...) Eu punha na mesa, punha na sala, a casa toda de macarron. (Dona R., esposa de A.B., que participou da entrevista)

As saudades do *paese* também foram tema importante das entrevistas, ainda que em todos os casos fosse declarado um sentimento de inadequação em relação à realidade atual. Uma fotografia da cidadezinha nos velhos tempos parece estar impressa em cada um e o orgulho quanto à própria origem e ao próprio passado é expresso nessas lembranças.

"Eu senti tanto que eu tenho recordações de quando eu ia na escola, tenho recordações das pedras das ruas. Dizem que agora asphaltaram... Vamos supor que aqui nessa sala tinha aquele armário, eu lembro. Lembro muito. Saudade eu sinto, acho que até

depois de morto eu vou sentir. (...) Eu sou muito sentimental. Infelizmente ou felizmente, vou morrer no Brasil. Mas se, depois de morto, alguém quer falar comigo, tem que chegar no túmulo e dizer: "Ô italiano!" Aqui dentro, sou casalbuenês. Nasci italiano, vou morrer italiano." (C.M.)<sup>1</sup>

Tanto padre G., que tem grande penetração na comunidade, quanto a proprietária do jornal "*La Settimana del Fanfulla*" haviam me falado de um certo isolamento da associação em relação aos outros eventos. Tal questão mostrou-se bastante óbvia e contraditória, mas importantíssima para todos no momento atual.

O único sócio da Casalbuono que também é sócio do Circolo e de outra associação local referiu-se a este isolamento para explicar seu contato frio e esporádico com os casalbueneses nos últimos anos enquanto o comentário de A.M. sugere uma causa para essa característica do grupo:

"A sociedade aqui não gosta de convidar gente de outro nível social porque podem achar a festa cafona, brega, gente mal vestida."

Era óbvio que, por trás da discussão da integração ou retraimento da sociedade, encontravam-se conflitos pessoais que não me permitiam definir exatamente os defensores de uma ou outra

<sup>1</sup>C.M., aos 81 anos, morreu poucos meses após a entrevista. Chegara ao Brasil aos 16 e lembrava-se de Casalbuono com lágrimas nos olhos e a respiração ofegante. Tinha problemas cardíacos e sua emoção me deixou bastante confusa. Propus que conversássemos outro dia, mas ele e sua mulher insistiram que continuássemos porque era o seu jeito. Por fim, tomamos um chá, falamos de coisas mais amenas e ele ainda me acompanhou, dirigindo, até o metrô.

posição. Ouvia com frequência que uma atitude mais purista era "coisa dos velhos", assim como alguns destes membros mais antigos defendiam de maneira convicta o contrário daquilo de que eram acusados.

De qualquer forma, não é difícil entender que, no geral, mesmo se orgulhando da origem casalbunesa e da trajetória marcada por sacrifícios e muito trabalho, haja um sentimento difuso de inferioridade frente aos mais cultos, ricos ou poderosos da colônia, o que provoca medo do que está fora dos portões da própria sociedade. Ao mesmo tempo, no entanto, existe uma pressão persistente para que o grupo se integre, o que não pode ser esquecido.

É nesse ponto que quero enfatizar um elemento que vem interferindo na vida da associação. Já ficou claro para vários casalbuneses que eles se encontram, pode-se dizer, à margem do aparato criado pelo governo italiano para se relacionar com os "italianos fora da Itália". A sociedade, criada a partir de um forte laço com uma pequena vila da península e idealizada sobre valores camponeses e religiosos, não se adequa aos moldes europeizantes que a Itália pretende impor aos italianos. Enquanto as sociedades regionais, totalmente inseridas no esquema oficial, recebem atenção, fundos e viagens financiadas (algumas levam cerca de 50 pessoas por ano às respectivas regiões), a Casalbuono se vê colocada à margem desses atrativos da nova Itália.

"Sabe, esse tipo de coisa é o que faz falta aqui na sociedade, essa abertura para você poder conseguir um

relacionamento diferente (...). Essa retração, esse fechamento da sociedade é prejudicial à sociedade. Essa falta de abertura de alguns dirigentes da sociedade cercados de pessoas que são muito fechadas... Então, o que poderia ser feito? Não sei se é uma renovação, tentar abrir os olhos dos outros. As pessoas que são muito arraigadas às tradições, elas são muito fechadas." (A.M.)

Alguns episódios que me foram narrados e outros que presenciei podem ilustrar a encruzilhada em que se encontra a associação e explicitam um pouco mais os seus dilemas.

Há cerca de 3 anos, foi fundada a federação da região da Campania e a Casalbuono se filiou, cedendo, inclusive, a sua sede para as primeiras reuniões. O governo italiano nomeou um consultor da região, que deveria ser o representante dos *campani*, mas parece que a nomeação não foi muito acertada: o consultor viajou para a Itália, onde mora desde que recebeu o cargo. A federação, em parte por esse problema, perdeu o entusiasmo e F.C., presidente da Casalbuono, me disse nunca mais ter sido chamado para uma reunião. Uma situação também constrangedora foi a fundação da Associação dos Italianos da Campania por um dissidente da federação e F.C., na época, disse não saber como se posicionar diante da nova entidade.

O episódio referente ao programa de rádio, já comentado no tópico 2.4., parece-me bastante sintomático da tentativa de envolvimento da Casalbuono na política da colônia. Segundo vários associados, é uma atitude inédita, um novo posicionamento da diretoria, que é apoiado especialmente pelos jovens, mas sofre a resistência de alguns dos fundadores. F.C. participa dos

programas da rádio e das reuniões da Federação Nacional dos Italianos, apesar de manter uma certa timidez (não compareceu à fundação, por exemplo, pois não sabia ainda se devia se filiar). A diretoria mantém um comportamento um tanto desconfiado em relação às iniciativas, reforçado pela atual situação de letargia da federação da Campania, da qual participaram e não viram frutos, mas, ao que tudo indica, parece ter havido uma evolução em relação ao retraimento anterior (o que não é opinião unânime, entretanto).

O vice-presidente da sociedade narrou algumas dificuldades e resistências internas a serem vencidas provenientes da afirmação da identidade de imigrados e das diferenças marcantes entre o grupo e aqueles que habitualmente fazem política na comunidade. Quando os participantes do programa de rádio começaram a preparar uma lista de nomes para as eleições do COMITES, a se realizarem nos dias 25 e 26 de maio de 1991, a Casalbuono achou por bem participar, mas, devido às próprias características, a princípio, não conseguiu indicar um representante.

"Eles estão querendo formar uma chapa, mas não sei se vai sair... Aquilo lá é política. É muito brava... Agora, a nossa turma não tem uma pessoa assim que possa representar. No momento, não. A gente pode até preparar uma pessoa, mas não nesse momento. Eles querem pra já levar pronto essa semana. Não dá. Ontem, a gente estava conversando isso na sociedade. Não arruma assim de uma hora pra outra. Tem que ser uma pessoa preparada, né. Uma que fala bem o italiano, uma pessoa bem estudada... Senão, não adianta. Não tem condições. Ai, sim, frequentando com a turma ai, qualquer coisinha que vem da Itália, já sabe tudo. A gente nunca

sabe de nada."

A própria língua torna-se uma barreira, como é demonstrado no depoimento do vice-presidente. Na sociedade, são falados o português e o dialeto casalbuonês, e, conseqüentemente, uma mistura de ambos. Participar dos eventos da comunidade, ou reivindicar benesses que tantos outros recebem, exige o domínio do italiano ou do português, uma vez que a língua falada pelos imigrantes é muito depreciada.

Cerca de um mês antes das eleições, finalmente, foi escolhido um casalbuonês, membro do conselho deliberativo, para representar a associação. O escolhido era considerado uma pessoa honesta e disposta a trabalhar, mas, reconhecidamente, não tinha nenhuma experiência política. Na entrevista, feita às vésperas das eleições, era nítido o seu desconhecimento de questões centrais com as quais vinha me deparando desde o início da pesquisa. O entrevistado fez questão de enfatizar não ter vindo para o Brasil como imigrante, ou seja, com a viagem paga, e ter feito um curso superior, cujo diploma foi esquecido na faculdade dado o seu desinteresse por títulos. Logo, sua entrevista que, de início, pareceu-me muito pobre, na verdade, traduzia a situação em que se encontra a Casalbuono. O candidato, apesar de inexperiente nos assuntos da comunidade, conhecia exatamente quais as críticas que lhe seriam dirigidas. Sabia, com clareza, que, algumas vezes, o termo "imigrante" pode ser uma ofensa e que os títulos são muito valorizados.

É sintomático também o fato de ter sido candidato pela lista

3, "*Italia Una*", organizada pela "turma da rádio" e composta por várias pessoas que ainda não tinham um espaço político seguro.

Durante a votação, uma das preocupações do presidente F.C. era explicar o fato de não estarem apoiando L.L., o casaibuenés que se afastara da associação e vinha trabalhando mais diretamente com a Monte San Giacomo, que também saíra candidato, mas pela chapa 2, "*Unione Regionale*". O incidente criou um certo desconforto, dividindo a associação, já que não poderiam ser votados nomes de listas diferentes.

Além dos atrativos oferecidos pela política italiana voltada às comunidades do exterior, outro fator que atinge frontalmente essa vertente local da italianidade, já citada no item 2.2, é o interesse dos descendentes. Mesmo que a figura do imigrante ainda repercuta com força ao se tratar da noção de identidade italiana em São Paulo, parece-me evidente que o interesse dos jovens se volta para a Itália da Comunidade Européia e não para a Itália dos *paesi* bucólicos como Casalbuono.

São exatamente estes dois fatores que têm pressionado a sociedade a se abrir em função da própria sobrevivência. Um dos fundadores, amargurado, me disse que seu exército tinha acabado pois restavam poucos soldados com vida e o presidente falou-me de sua preocupação com o futuro da sociedade se os esforços de abertura não forem reconhecidos ou incentivados. Os jovens que participam, como me foi dito por alguns deles, ainda encontram certa dificuldade em se legitimar, enquanto muitos filhos e netos não têm o mínimo contato. Essa situação ambígua enfrentada pela

associação diante do futuro está presente na fala de um dos descendentes, que vem participando das diretorias dos últimos anos:

"Eu não sei como é a Itália, pra que lado que fica. Se me falarem que a Itália é pra lá... O que eu sei da Itália é o que eu aprendi aqui dentro, que a gente acha bonito, acha bom, que acha justo, que acha honesto. Então, não temos interesse naquela Itália linda e moderna, mesmo porque não existe imigração há muitos anos. Hoje, a realidade é outra. Hoje é turismo, não é imigração. Ir pra um lugar que você não conhece, comer daquilo, criar uma família... Isso não existe nem daqui pra lá nem de lá pra cá. O pouco que existe é o pessoal ganhar um dinheiro lá e voltar pra cá. Roubar, matar, sei lá, ou também ser honesto. Então, o que a gente quer? Então, é bom, é bonito, é bacana, mas já não satisfaz mais, já não tá mais na realidade, tá vivendo num lugar em que o tempo real não condiz com aquilo. Então, a gente vai inovando algumas coisa. Inclusive, uma festa que nós vamos fazer agora vai ter um balé. Não tem nada a ver com aquelas meninas de chapeuzinho e de lencinho dançando *tarantella*. Já é uma coisa bem mais moderna, jogo de luzes... Mas, a alimentação ainda vai ser tradicional, o lugar não tem nada de moderno. Vamos dizer assim, muda o trabalho mas a filosofia continua sendo a mesma. Então, a gente tem vontade de se aliar ao Consulado, vamos dizer assim, em termos de modernizar. Mandar o pessoal pra visitar lá... Mas a gente não quer que o pessoal vá cursar a universidade de Roma. Não queremos um balé típico, mas queremos que o pessoal vá ver as ruínas de sei lá o quê, que o pessoal vá ver a cidade deles, a região deles, vá ver o que é hoje e o que era (...) Se a gente tiver força, isso vai continuar. Todo mundo que vier vai saber o que aconteceu, de onde veio, como é que é, dentro de uma realidade mais atual, porque senão acaba."

Eram recorrentes durante todo o período em campo, nos diversos contatos com a associação, essa mesma ambigüidade e uma espécie de mal-estar identitário comum a todo o grupo, como se por motivos externos não pudessem mais continuar agindo e se relacionando da forma que estavam acostumados. Alguns valores tradicionais passaram a ser questionados criando incertezas quanto ao futuro, o que vem se acentuando com o envelhecimento e a morte de vários fundadores. Esse momento de transição que atravessa a sociedade, sem dúvida, não pode ser desprezado e os seus significados deverão ser analisados no próximo capítulo, onde a discussão teórica será desenvolvida.

### 3.2. O Circolo Italiano: o segundo estudo de caso.

O clube foi fundado em 1911 e, além de reunir uma certa elite da comunidade, havia a preocupação em abrir um espaço diferente daquele das associações existentes na época, marcadas pelo regionalismo. O artigo 1 de seu estatuto define a função da sociedade como sendo a de manter respeitado o nome de todo o país, conservando as tradições e o idioma.

Antes de ter ocupado o Edifício Itália, na década de 1960, o Circolo teve outras sedes, entre elas aquela onde hoje funciona o Consulado, em Higienópolis. No terreno situado na esquina das avenidas São Luiz e Ipiranga, havia uma casa, também antiga sede, que foi demolida no pós-guerra para que o prédio fosse construído. Assim, o terreno próprio foi cedido a uma construtora

em troca de alguns andares (o clube ocupa dois e é dono de outros três) e da referência à Itália no nome.

Nas palavras de um dos membros do conselho:

"Este edifício deveria levar ao conhecimento de todos os brasileiros e italianos aquilo que era o trabalho dos italianos aqui no Brasil. Como poderíamos concretizar essa idéia e essa imagem senão com um edifício? E já que tínhamos o terreno, com um edifício que *ad perpetum* levasse o nome Itália e fosse o mais alto da América Latina." (U.L., tradução minha)

Hoje, além do bar e do restaurante, que são abertos ao público, o clube tem um salão de festas, uma sala de jogos, uma biblioteca, uma videoteca, salas de aula (onde funcionam cursos de italiano) e outros espaços para reuniões, conversas e toda a parte administrativa.

Durante a pesquisa, foram entrevistados 18 associados, sendo que um deles participa da Casalbuono e outros dois são o presidente e o secretário da Federação da Campania, os quais procurei também com o intuito de obter informações para o primeiro estudo de caso. Vários dos entrevistados foram escolhidos por uma dificuldade com que me deparei a partir do momento em que decidi pelo *Circolo* como uma das instituições a serem privilegiadas. O secretário do clube me sugeriu que a diretoria fosse informada a respeito do estudo, antes que qualquer contato se realizasse. Portanto, como deveria esperar o fim de um período conturbado de festas e uma nova reunião dos diretores, resolvi procurar pessoas que, ao mesmo tempo, tivessem

participação ativa nas associações regionais. Somente depois de alguns meses, vim a entrevistar membros da diretoria.

Considerando o mapeamento da comunidade italiana feito na primeira fase da pesquisa, pode-se concluir que quase todos os presidentes de associações contatados eram sócios do clube, excluindo apenas dois. Paralelamente, como já foi dito, a maioria de seus conselheiros é ligada a uma associação regional.

A múltipla participação dos sócios se, por um lado, facilitou a realização das entrevistas, trouxe problemas no que se refere aos temas tratados. Poucos se detinham no significado do pertencimento ao *Circolo*, apesar de participarem de uma instituição de prestígio que congrega italianos de várias regiões. Não era fácil fazer com que falassem a respeito, com exceção dos membros do conselho diretivo. Rapidamente, voltavam-se para a associação regional da qual faziam parte, como se sobre isso houvesse muito mais a ser dito. Em minha opinião, alguns deles, por serem presidentes dessas associações, preferiam enfatizar o próprio trabalho e um espaço bem mais personalizado do que o ambiente impessoal do *Circolo Italiano*. Se nos lembrarmos de que estes grupos são utilizados como estratégias de auto-promoção no interior da comunidade, tal observação é fácil de ser compreendida. Mas, ao mesmo tempo, a frieza, de um lado, e a empolgação, de outro, relacionam-se às vertentes identitárias sugeridas pelo trabalho de campo. É como se a região fornecesse ao indivíduo uma identidade muito mais direta e palpável do que aquela marcada pelo Estado e pelo pertencimento a um país. Estas

atitudes, apesar de terem aparecido, num primeiro momento, enquanto complicadores da pesquisa, podem ser vistas como um dado a ser analisado, o que será feito no próximo capítulo.

Porém, neste ponto, é importante salientar uma outra dimensão da questão envolvendo o clube, que assume, paradoxalmente, uma característica um tanto verborrágica.

Num artigo publicado no "*La Settimana del Fanfulla*", em janeiro de 1991, o diretor de patrimônio do clube, C.P., também entrevistado, escreve sobre o réveillon no Edifício Itália. Depois de descrever a alegria, elogiar a qualidade dos pratos servidos e apontar a presença jovem numerosa (o que deve ter sido ligeiramente exagerado, como veremos adiante), comenta a importância do clube para a comunidade:

"... o *Circolo*, na realidade, é a única coisa que a colônia italiana de São Paulo conseguiu fazer bem feito: quanto ao resto, sobre hospital ou asilo de velhos, etc., é melhor não se falar. Mas o *Circolo* é invejado por todos aqueles homens políticos ou industriais italianos que, surpresos, ao visitarem o Brasil, o admiram e louvam. E para nós já é uma grande satisfação."

C.P. termina o artigo fazendo um pedido à direção do *Circolo* - "a exigência, para todos os homens participantes, de paletó e gravata" - e explica:

"Alguém me dirá: são coisas superadas, arcaicas. Talvez. Mas para manter a senhorilidade de uma instituição, para manter a classe de um grupo, a formalidade é indispensável. Lembremo-nos de que os colonizadores ingleses, no Quênia, vestiam *smoking* no

jantar. Era uma homenagem à elegância, ao estilo, à tradição. Deixemos os descamisados a Perón, na Argentina, e ao presidente Collor."

"Para nós, para o *Circolo* e para a nossa comunidade, reservemos o decoro, a elegância e o orgulho de uma comunidade que soube criar um lugar digno de uma comunidade que tem nas costas dois mil anos de civilização, séculos de bom gosto, de arte e de refinamento e que tem a honra de pertencer a uma nação chamada Itália." ("*La Settimana del Fanfulla*", 10.01.91; tradução minha)

Minha intenção, ao transcrever estes trechos, foi introduzir algumas das imagens associadas ao clube, presentes tanto nas entrevistas com sócios quanto com não-sócios. Impressionou-me bastante, durante todo o período em campo, o número de referências espontâneas à instituição, como se qualquer assunto não pudesse ser tratado ou entrevista realizada sem que seu nome fosse envolvido. Aos poucos, percebi que, na verdade, o *Circolo* funcionava como local, por excelência, dos *italiani all'estero* e da elite da colônia, atuando como uma espécie de símbolo máximo de uma certa italianidade. Três citações selecionadas, entre as várias registradas, ilustram o fato:

"O *Circolo Italiano*, por exemplo, é representante dessa classe burguesa. Um exemplo disso: na missa que nós fomos, me diga, quantas pessoas havia? E quantos são os italianos em San Paulo? Enton, quem participa a essas manifestações são essa pequena classe, que eu chamo pequeno-burguesa. Essa classe pequeno-burguesa, esse que é o ponto, ela non quer abrir perché ela praticamente abiscoitou como representante da comunidade italiana, enton, como tal ela está auferindo as vantagens. Fala

muito, representa: "Eu sou representante da comunidade italiana!" Mas eu pergunto: é representante de alguém que non quer ser representado? O que significa isso? Zero." (E.C.)

° "Existe um problema nas associações, elas não se misturam. Existe a associação do "gravata" que seria o seguinte: o pessoal do *Circolo*, o pessoal do COEMIT, os donos de empresa que têm suas associações..." (F.C)

"A eleição (do COEMIT) é conduzida de tal forma que acabam ganhando sempre os mesmos. E sempre os mesmos participantes e sempre o mesmo lugar, que seria do *Circolo Italiano*." (A.M.)

Algumas expressões também foram encontradas repetidas vezes na imprensa, nas entrevistas e conversas informais - "*il biglietto da visita*", "*il salotto*" ou "*il fiore all'occhiello della comunità*" (o cartão de visitas, a sala de visitas ou o cravo na lapela da comunidade) - e, ainda que não sejam usadas em português, conseguem traduzir o significado do clube em São Paulo de maneira precisa.

É importante lembrar, no entanto, para evitar um possível mal-entendido, que a menção freqüente ao *Circolo* não invalida o que foi dito anteriormente quanto à dificuldade em fazer, com que os sócios falassem de suas experiências enquanto participantes. Minha impressão era que, sem dúvida, o prestígio do clube deveria ser reconhecido, daí a referência constante, mas, em relação à vivência de seu cotidiano, nada valia a pena ser comentado, dada a impessoalidade da instituição. Além disso, pode-se perceber que

são produzidas representações marcadas pela elegância e decoro, que facilmente, porém, são interpretadas, a partir de um ângulo oposto, como arrogância e ostentação.

Estas representações críticas ou elogiosas, por pouco obsessivas, nos discursos dos vários grupos tiveram influência sobre o desenvolvimento da pesquisa. A seleção deste estudo de caso mostrou-se obrigatória desde que foram detectados a dicotomia imigrantes x *italiani all'estero* e o fato de que um de seus elementos aparecia quase como incorporado no *Circolo Italiano*.

É óbvio que a dimensão elitista do clube, no interior de uma comunidade caracterizada por fortes conflitos, é motivo de polêmica, além de ter trazido dificuldades para a realização do trabalho de campo. Era natural que uma pesquisa, nestas condições, fosse alvo de desconfiança uma vez que a própria instituição é muito visada. Apesar da gentileza dos membros da diretoria, podia-se notar um certo incômodo causado pelas críticas habituais, que eu, com certeza, já havia registrado. Uma atitude geral de abertura do *Circolo*, nos últimos tempos, foi bastante enfatizada no discurso do presidente como uma justificativa aos prováveis comentários ouvidos em outras entrevistas. Um enorme telhado de vidro em meio a uma colônia de pontaria certa e pedras na mão era a imagem recorrente que me vinha à cabeça nessas ocasiões.

Por outro lado, de minha parte, não era fácil estabelecer uma relação amigável com a instituição. O ambiente do clube não

era familiar a uma pesquisadora, no feminino, brasileira, jovem e falante de um italiano bastante elogiável para uma brasileira (é importante o grifo). O espaço marcadamente masculino, freqüentado por senhores de cerca de 60 anos, vestindo terno e gravata, não era, por certo, encorajador.<sup>2</sup>

Estes senhores chegam a partir das 6 horas da tarde, jogam na sala de jogos, conversam no bar e jantam no restaurante. As mulheres não freqüentam, com exceção das noites de festa e de um chá mensal, organizado por um comitê de senhoras (esposas dos conselheiros), chamado "Presenza Femminile", que tive oportunidade de conhecer.

O presidente do clube, um engenheiro, dono de uma empresa de engenharia, me disse que a idade média dos associados gira em torno dos 53 anos, informação obtida num levantamento que havia sido realizado há pouco tempo. Portanto, a presença de jovens é mínima e se restringe ao clube de campo localizado em Campo Limpo, onde as quadras e as piscinas são utilizadas.

Este assunto foi bastante tratado nas entrevistas com os membros da diretoria e todos me disseram que sempre fora um problema sério, enfrentado sem muito sucesso. A fala de um dos conselheiros exprime uma opinião bem difusa:

"Esse é um problema que vivi e vivo desde quando entrei no

<sup>2</sup>Minha mãe, casada com um imigrante e conhecedora da fama do clube, ficou preocupadíssima ao saber que eu iria fazer entrevistas ali. Frequentemente, trazia uma peça de roupa de presente, com certeza, mais cara do que aquelas que uma bolsa de mestrado poderia comprar, observando que "você não pode ir de qualquer jeito".

*Círculo*. Quando nós chegamos, éramos todos jovens. Não tínhamos uma lira, ou tínhamos muito poucas, não conhecíamos ninguém, não podíamos falar porque não conhecíamos a língua. Hoje, os jovens têm tudo isso à disposição. Tem carro, tem... Aquilo tudo que nós não tínhamos o jovem de hoje tem, aquilo que nos faltava o jovem hoje tem. E então, o que acontece? O jovem é muito independente. Por quê? Porque tem carro. Hoje, vai num barzinho com a sua turma, amanhã... O que nós não podíamos fazer. Ao *Círculo*, portanto, não vem porque o *Círculo* é limitado naquilo que pode oferecer. É inútil que a gente abra uma boate, como fizemos há 15, 20 anos atrás. Vieram duas ou três vezes e chega. Por quê? Existe também a limitação que os velhos inibem os jovens. E há pouco a fazer. Preferem não vir. Frequentam a sede de campo porque os deixa mais livres e pronto. Nós sempre tentamos abrir, dando aquilo que era possível dar, mas não há nada a fazer." (U.L., tradução minha)

Outro ponto utilizado com frequência para justificar a alta média-etária é o fato que a comunidade como um todo é uma comunidade de velhos, o que é visivelmente verdadeiro, e o problema não se restringe ao *Círculo*, mas é comum a todas as associações.

Atualmente, a existência de um curso de italiano com 600 inscritos (o segundo de São Paulo em número de alunos, perdendo apenas para o *Istituto Italiano di Cultura*), de certa forma, permite a circulação de uma faixa etária mais baixa pelas dependências do clube. As vezes, após a aula, dirigem-se ao bar ou ao restaurante, mas, sem dúvida, não se misturam aos frequentadores habituais.

Ficou muito claro, no decorrer das entrevistas, a

preocupação em caracterizar o *Circolo* como uma instituição elegante e tradicional, mas democrática e aberta, em processo de revigoração. O presidente fez questão de enfatizar que, hoje, 1100 famílias são associadas, o que corresponde a 3000 sócios, enquanto, no início de seu mandato, apenas 800 famílias participavam. Segundo ele, 60% são italianos e a taxa de mortes, dada a idade avançada da maioria, é de 2 ou 3 ao ano. Considerando esse problema, portanto, um esforço vinha sendo feito no sentido de abrir o clube (durante a fase final do campo, novos sócios estavam sendo admitidos).

O fato de ter sido uma concentração de fascistas até a década de 70, como me foi dito por um professor de Literatura Italiana da USP bastante conhecido no circuito, pode ajudar a explicar a recorrência de tal discurso. O livro de Angelo Trento também acentua o caráter fechado do clube ao longo de sua história e o relaciona a determinada dimensão da comunidade discutida no capítulo II.

"A causa dessa fraqueza orgânica, da latente tendência à cisão e à nova fundação, do multiplicar-se de tantas minúsculas e ineficientes "panelinhas" de amigos e clientes (salvo as devidas exceções) deve ser provavelmente atribuída ao fato de que a elite econômica e intelectual italiana, participando pouco da vida política e pública do país - por impossibilidade ou por escolha -, descarregava na vida associativa da colônia ambições, frustrações, manias de grandeza e querelas pessoais. Não é casual que um *Circolo Italiano* na cidade de São Paulo só tenha sido fundado em 1911 e que ainda em 1926, contasse somente com 850 sócios." (Trento, 1989:172)

Durante a pesquisa, ouvi dois depoimentos bastante críticos em relação ao *Círculo* que tocavam exatamente no ponto em discussão. Ambos não foram gravados e não eram, em absoluto, esperados. Por sua informalidade e pela dureza das afirmações poderiam ter sido descartados a título de fofoca maldosa, mas a emoção do primeiro e o caráter providencial do segundo me impressionaram e convenceram a narrá-los.

O primeiro se refere ao desabafo de uma brasileira, esposa de um italiano que, por circunstâncias de trabalho, era obrigado a freqüentar o clube. Contou-me de sua experiência pessoal no *Círculo* e repetia, com ênfase, que se tratava de um grupo fechado de velhos conservadores e machistas. Disse que há anos acompanhava o marido aos eventos mas não conseguia se integrar. Já fora apresentada inúmeras vezes às mesmas pessoas, que a cumprimentavam como se nunca a tivessem visto. Queixou-se que se mantinha muda em todas as ocasiões porque às mulheres só cabiam conversas entre si sobre assuntos domésticos e disse sentir-se preocupada pelo marido que, de tanto freqüentar aquele mundo, estava adquirindo algumas de suas características.

O segundo trata-se de uma conversa apressada na calçada em frente ao clube, quando eu vinha saindo após uma entrevista com alguns membros da diretoria. Encontrei Y, jovem atuante na comunidade, que me disse que, com certeza, eu acabara de ouvir um discurso sobre os grandes esforços de abertura do *Círculo* nos últimos anos (o que era verdade). Advertiu-me a não acreditar, fazendo críticas severas ao desperdício de espaço e dinheiro, que

poderiam viabilizar diversas iniciativas artísticas e culturais através de um intercâmbio com a Itália, e acrescentando que o clube era um "cemitério de elefantes" ocupado, há décadas, pelos mesmos velhos.

No entanto, apesar da insistência de comentários desse gênero, que, em minha opinião, não podem ser desprezados, é interessante perceber que exatamente por ser uma instituição de prestígio - por certo, a de maior prestígio na colônia - todos, de uma maneira ou de outra, tentam participar.

Algo que me chamou a atenção ao longo da realização das entrevistas foi a diversidade de perfis encontrados. De acordo com uma classificação profissional, entrevistei: 3 proprietários ou sócios de empresas de engenharia, 3 proprietários ou sócios de agências de turismo, 2 agentes de seguros, 2 profissionais da área da saúde, 2 executivos de multinacionais, 1 advogado, 1 aposentado, ex-funcionário das empresas Matarazzo, e 3 mulheres ligadas à área da educação. Estes, apesar de serem profissionais bem-sucedidos de classe média e classe média-alta, tinham história, origem, posições políticas e mesmo chapas para o COMITES diversas. Enquanto um deles foi *partigliano* durante a Segunda Guerra Mundial e se afirmou um defensor da democracia, outro era fascista e um terceiro, o único brasileiro entrevistado, era filiado ao PCB. Além disso, dois italianos vieram para o Brasil como imigrantes, assim como o pai do militante comunista.

Entre os sócios, encontrei até um ex-aluno de Paulo Duarte,

que se mostrou encantado em falar de suas experiências. Esse italiano, de 70 anos de idade, viajou pelo Brasil de 1968 a 1983, pagando as despesas de seu próprio bolso, para conhecer e pesquisar. Entusiasmado com as aulas de Antropologia, decidiu-se a escrever um livro sobre o país, que foi publicado em 1984, tendo entrevistado, de acordo com suas palavras, garimpeiros e jangadeiros, assim como Oscar Niemeyer e Jorge Amado, entre outras figuras conhecidas. Em mais de quatro horas de conversa, falou-me da verdadeira história de Antônio Conselheiro e Calabar e de uma carta que entregou a Collor, durante a campanha, com suas "Sugestões a um Presidenciável". Repetiu-me, por várias vezes, que seu tema predileto é o Brasil e os brasileiros, seus grandes amores, e, realmente, o tom de seu discurso só poderia ser definido como "apaixonado".

"Sabe o que é pau-de-arara? Eu viajei de pau-de-arara. Bom, eu estava de pau-de-arara no meio de uma puta aqui, um padre aqui e um outro segurando pra eu não balançar e poder escrever. Fantástico isso! Gente analfabeta se comprimindo para não balançar e eu poder escrever. Você tá entendendo onde está a coisa maravilhosa, a coisa fantástica? E o cara abrindo lá uma sacola com farinha em pó... Como é que chama? Farinha d'água. Punha na colher e: "Come, doutor." A coisa mais linda do mundo! Tudo amigo meu aquilo lá..."

"Enton, ali, tombou num barranco, na ribanceira, o caminhon, o pau-de-arara, e matou gente. Eu hoje sofro aqui do joelho. E non encontrava o último caderno, aquele que falava só de Brasília (...). Enton, quando finalmente levamos os cadáveres, embaixo de um cadáver tinha o último caderno. Pensa! Eu queria andar e estava com a costela quebrada, joelho arreventado... Fizemos assí

o estudo sobre Brasília. Foram 15 anos de aventuras, de prazer incalculável, de um número inestimável de amizades, de gente maravilhosa... "(L.S.)

Obviamente, um personagem como este ou um comunista não devem ser comuns entre os sócios do clube. Mas o espaço público do *Circolo Italiano* não pode ser menosprezado, o que faz com que, inclusive, alguns de seus críticos se incorporem a ele como estratégia, ou, ao menos, o freqüentem. Este talvez seja o motivo mais sensato para explicar a presença de pessoas que, de alguma forma, destoam daquelas normalmente consideradas sócias padrão. Tal motivo associado à necessidade do clube de demonstrar uma face pluralista pode clarear um pouco o fato que, à princípio, me surpreendeu. Segundo dois militantes da política da comunidade, ambos de origem modesta, a participação na instituição é de importância considerável.

"O *Circolo Italiano* é de elite. Eu me infiltrei no *Circolo Italiano* justamente porque eu não sou elite, mas eu quis me infiltrar pra saber de que maneira o *Circolo* age.(...) Eu sou amigo do presidente, eu sou amigo de toda a diretoria. Eles aceitam as minhas críticas e eles tentam corrigir." (F.G.)

"O M. (um dos conselheiros do clube) pode ser um porta-voz através da gente. Trabalhei direitinho com ele, dá pra gente obter um trabalho bom. Se bem que a nível de *Circolo* fica sempre difícil. É difícil porque é elite. Trabalhar com elite é uma desgraça, eles já têm uma formação deles. Mas eu acho que nunca é demais tentar convencê-los do que é verdade. Do que, pelo menos, pra nós é verdade. Ou que eles me convençam de que a verdade tá

do lado deles. Eu tô aberto a isso porque a comunidade tem que estar aberta a esse tipo de coisa e ser inserida dentro desse processo." (P.L.)

Neste ponto, é importante que se faça uma reflexão sobre a noção de italianidade reproduzida pelo clube, levando em conta o discurso da abertura e as críticas ao seu caráter elitista e fechado, além da observação direta ou da imprensa.

A rara presença dos jovens, discutida em páginas anteriores, se imbrica com esta questão e se mostra fundamental. Ainda que o *Circolo Italiano* seja obrigado a se abrir para preservar seu futuro e ainda que o título do clube seja bastante concorrido entre pessoas díspares, uma renovação da diretoria e nos grupos decisórios, assim como nos eventos planejados, parece não ocorrer. Dessa forma, a associação quase imediata do *Circolo* à imagem do *italiano all'estero*, comum na colônia, mostra-se incoerente e frustra-se exatamente naquilo que tal noção de italianidade apresenta de particular, ou seja, sua modernidade.

Sem dúvida, muitos dos sócios têm contato com a Itália de hoje. Todos os anos, no período das férias italianas, as atividades são reduzidas ao mínimo porque grande parte dos associados viaja para a cidade de origem ou algum recanto turístico da península. Vários deles, vindos durante a "imigração dos técnicos" (expressão comum indicando a chegada de altos funcionários de multinacionais), nos últimos vinte anos, orgulham-se das glórias da nova Itália:

"A Itália, pela enésima vez, ressurgiu das cinzas e está na vanguarda da economia. Não é por nada que, hoje, não nos cansamos de dizer, estamos entre as quatro potências mundiais. Uma nação muito pequena, de 333201 quilômetros quadrados, portanto, muito menor que a França, soube levantar a cabeça e arregaçar as mangas (...)." (C.P., tradução minha)

No entanto, muitos dos associados, vindos anteriormente, demonstraram seu desprazer em relação ao novo país que encontram a cada viagem. A resposta negativa à pergunta se conseguiriam se adaptar outra vez na Itália também foi quase unânime nas entrevistas (o que, aliás, é natural e previsível). Os trechos escolhidos (um deles é um diálogo entre dois italianos) ilustram estes dois pontos:

"A Itália mudou. Mudou em pior. Não se vê mais a generosidade, o sentimentalismo que conotava o italiano que eu deixei. (...) aqueles que vêm de lá hoje se dão um ar de superioridade que a gente se sente um trapo. Olha, é evidente que eu non falo da generalidade, mas, se a senhora for para a Itália, eles só falam de dinheiro, de griffes. Se você non tem griffe Moschino... (...) Eu estive na Itália o ano passado e a minha impressão foi que a Itália mudou. É uma comunidade européia, non é mais a Itália que nós deixamos, a Itália generosa." (C.Z.)

M- "À parte o fato que a pessoa já fez uma vida, a sua casa, as suas amizades, o seu ambiente... Quando volta à Itália, depois de um mês, se sente uma estranha."

L- "Sim, porque mudamos até a mentalidade!"

M- "Nós aqui somos muito mais simples e à vontade do que lá. Muitas vezes, eles têm uma mentalidade muito provinciana, coisa que nós não temos."

L- "Quando eu os acho agressivos na Itália, acho que nós nos tornamos bons demais. Agressivos não no sentido que te batem, mas na maneira de falar."

M- "São menos condescendentes."

L- "Arrogantes."

M- "Nós somos mais dispostos a tolerar." (tradução minha)

Um entrevistado não-sócio do *Círculo* fez um comentário durante a entrevista que, na época, me provocou dúvidas mas, hoje, posso utilizar para reforçar meu ponto de vista. Contou-me que havia comparecido a uma festa de uma associação regional realizada no clube, onde estavam presentes frequentadores das duas entidades. Na festa, apresentaram-se meninas com roupas típicas dançando a *tarantella*, o que causou um mal-estar visível. Enquanto alguns membros da associação se divertiam batendo palmas, outros participantes mostraram-se incomodados e desgostosos.

O que me perturbou ao ouvir o caso foi o fato que em meu trabalho de campo todos os eventos seguiam o mesmo modelo, ou seja, apesar do desprezo pela italianidade expressa numa dança, além de sofisticação e de um certo comedimento, nada era colocado no lugar. As festas do *Círculo* não trazem músicas novas, por exemplo, por causa da limitação da faixa etária de seus participantes e da ausência de grupos musicais atualizados no mercado. É importante que se diga que esse comentário se aplica à maioria dos acontecimentos culturais e artísticos promovidos, também no que se refere à elite, a não ser que exista a iniciativa explícita de um dos órgãos oficiais.

Portanto, ainda que o Circolo apareça na comunidade como um grupo seletivo de *italiani all'estero* e como via de acesso a uma noção renovada de identidade italiana, características conservadoras são perceptíveis. Assim como a Casalbuono, de outras formas e em outro grau, o clube se encontra pressionado pelo "novo" que não consegue imprimir às suas iniciativas. A crítica de um dos entrevistados resume a ameaça que paira sobre o clube - ou a "gerontocracia" se abre, tentando ganhar espaços políticos, ou "esta italianidade se apagará com o tempo e não deixará lembrança" - e o atinge como um desafio à sua continuidade.

## CAPÍTULO IV

### 4.1. As identidades na teoria

Uma vez que um dos objetivos da pesquisa é se inserir na discussão com a teoria aberta da identidade a partir do caso empírico da italianidade, convém, no início deste capítulo, apresentar em linhas gerais o quadro teórico ao qual faço referência. Tendo optado por fazer a etnografia do momento atual dos italianos da cidade de São Paulo, pareceu-me que não poderia apenas ignorar a questão. Ainda que, nos últimos anos, a disciplina venha sofrendo as conseqüências de uma overdose de trabalhos neste campo, resolvi enfrentá-lo, instigada pelo sentimento de pressão identitária expresso pelos grupos. Obviamente, no âmbito de uma dissertação de mestrado, não me proponho a responder aos problemas apontados nos textos aqui citados, mas pretendo discutir algumas questões sugeridas pelo trabalho de campo.

É significativo que os primeiros estudos ligados à discussão da identidade tenham se desenvolvido nas mãos dos interacionistas preocupados com a marginalidade e comportamentos que fogem às regras sociais. As décadas de 1950 e 1960 foram marcadas por trabalhos como os de Goffman, que se colocavam francamente ao lado dos ditos "desviantes" e consideravam a sociedade como teatro, o sujeito como ator e o desvio enquanto fluido e dependente das regras determinadas pelo jogo teatral. O delinqüente não era visto como um caso patológico dentro de um

sistema sadio - conforme Durkheim - mas a culpa de seu comportamento anti-social era dividida com o grupo impositor de normas. Cabia ao elemento desviante, já que, de certa forma, uma simples vítima, assumir a postura e a identidade de diferente. Nesse sentido, o *self* interacionista tinha como objetivo abrir um espaço, inexistente na teoria funcionalista dominante na época, para uma subjetividade mais livre do indivíduo, que se definiria internamente, a partir de suas condutas (Perlongher, mimeo).

Beyond the Melting Pot, de 1963, de Glazer e Moynihan, foi o estudo pioneiro no campo da etnicidade e, centrando a análise nos grupos étnicos de Nova Iorque, avançou em certas discussões que viriam a ser de grande importância na década seguinte. O livro demonstra como os fatos políticos, econômicos e simbólicos da sociedade americana eram produzidos pelos WASPs, negros, judeus e italianos, entre outros, numa contraposição explícita ao conceito de classe social. Já eram acentuados pelos autores o caráter político destes grupos e o fato de serem configurações absolutamente novas e não meras sobrevivências de épocas passadas, observações que estão presentes até hoje na literatura antropológica.

No entanto, foi a pequena introdução de Fredrik Barth, de 1969, a uma série de textos explorando a discussão da definição e das fronteiras dos grupos étnicos, que marcou o início da generalização do conceito de identidade no campo da etnologia. Barth critica os antropólogos por utilizarem constantemente conceitos por demasiado macroscópicos e, portanto, abstratos,

como o de "sociedade", e propõe uma perspectiva centrada sobre um foco: os grupos étnicos. Define-os como categorias adscritivas e organizacionais e sugere questões trabalhadas de maneira exaustiva no futuro: os limites, a mobilidade, as diferenças no interior do grupo e a alteridade em relação à sociedade em que está inserido.

Além do texto de Barth, que aponta, em especial, para a introdução do caráter relacional do conceito, outra obra, de vertente totalmente diversa, desloca-se na mesma direção. Lévi-Strauss, em seu O Totemismo Hoje, de 1962, mostra como no decorrer da história da Antropologia erroneamente estabeleceram-se relações entre os grupos indígenas e seus totens ou entre os totens e seus referentes. O mestre francês relativiza, baseando-se na linguística estrutural de Saussure, essa vinculação direta e natural entre sistemas totêmicos e sistemas sociais e entre o signo e o seu referente, enfatizando a arbitrariedade da linguagem e desmistificando uma relação naturalizada entre as palavras e as coisas. A partir da afirmação de que a significação se constrói sempre em termos relacionais, Lévi-Strauss fornece elementos novos tanto para a análise do totemismo quanto influencia de forma indireta a questão da identidade.

No Brasil, Identidade, Etnia e Estrutura Social, de Roberto Cardoso de Oliveira, resultado da preocupação de anos com o tema por parte do autor, marca os estudos da identidade étnica. Desde os anos 60, ao pesquisar os Terena, Cardoso de Oliveira vem

analisando a inserção do índio na sociedade brasileira e tenta dar conta do fato de que os grupos mantêm suas características, apesar de um processo avançado de assimilação.

A Antropologia, particularmente a americana, influenciada por Boas e seus discípulos, na primeira metade deste século, inicia um esforço de investigação visando a levantar o maior número possível de dados a respeito dos mais variados grupos, num regime de urgência. Acreditava-se que os objetos antropológicos caminhavam a passos rápidos para a extinção e o antropólogo deveria documentar o que ainda restava do processo. A teoria da aculturação, formalizada por R. Linton, R. Redfield e M. Herskovitz, é o resultado desses esforços (Redfield, Linton & Herskovitz, 1936). No entanto, com o passar dos anos, à medida que se verifica que tais grupos, ameaçados pelo contato, resistem e sobrevivem, a Antropologia vê-se obrigada a alterar radicalmente seus preceitos teóricos. Pode-se dizer que o conceito de identidade formaliza a mudança de rota da disciplina diante do problema. O objetivo não é mais recuperar o que for possível face à inadiável extinção, mas investigar como se dá a sobrevivência e resistência das culturas, apesar do contato. É nesse momento significativo para a Antropologia que se localiza a preocupação de Roberto Cardoso de Oliveira com a questão.

O conceito, ao qual o autor se refere, é eminentemente contrastivo, estabelece-se na oposição entre dois grupos, "ela se afirma "negando" a outra identidade, etnocentricamente visualizada" (Cardoso de Oliveira, 1976:5,6). Por meio desse

processo, o sujeito é definido numa relação e, do ponto de vista formal, pode-se dizer que a categoria determina papéis numa situação dada. A zona de "fricção interétnica" é demarcada e cria-se um conjunto de representações classificando o "eu" e os "outros".

Roberto Cardoso de Oliveira refere-se a Barth e a Leach ao apontar a categoria como uma idéia organizacional encontrada em todas as sociedades, como um padrão matemático. Relaciona-a ao conceito de ideologia de Erikson, tornando-a parte de um "corpo coerente de imagens, idéias (...) que prové os participantes de uma orientação coerente e total..." (Erikson apud Cardoso de Oliveira, 1976:38). Aproxima-a de Durkheim, definindo-a como uma forma de representação coletiva" (Cardoso de Oliveira, 1976).

Desse amálgama teórico, surgiu um conceito bastante sólido, apesar de relativo à intersubjetividade, que marcou fortemente os estudos posteriores. Nos anos 70, a questão da identidade, muito influenciada por Cardoso de Oliveira, dominou a etnologia no Brasil, sendo, inclusive, utilizada politicamente na defesa dos grupos indígenas.

No início da década de 80, quando inúmeros trabalhos já haviam sido escritos utilizando o conceito, o seminário dirigido por Lévi-Strauss sobre o tema foi um marco internacional importante. Alguns de seus participantes e seu próprio organizador apontaram uma possível encruzilhada teórica que influenciou a discussão que se seguiu<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> É interessante observar que, em 1970, na Inglaterra, Cohen e Middleton organizaram um livro com vários trabalhos sobre a

Jean-Marie Benoist, por exemplo, mostra que a Antropologia é questionada em seu cerne pela utilização do conceito pois a definição da disciplina, ciência preocupada com a diversidade, é ameaçada pela colocação da questão identitária. Benoist indica a existência de um campo de tensão que marca a nossa época: de um lado, a valorização de todos os tipos de diferença e, de outro, a insistência sobre a igualdade entre os homens, como resposta ao etnocentrismo. Enfatiza a multiplicidade e a agitação social como elementos complicadores na determinação de uma homogeneidade e na definição do campo de pesquisa.

Diante do problema, que poderia se tornar uma verdadeira armadilha, Benoist propõe uma saída em termos estruturalistas. Sugere que *"una identidad grosera, inmediata, una identidad "de superficie" "* ceda lugar *"a una investigación de las estructuras profundas que moldean la identidad en su aspecto relacional"* (Benoist, 1981:15). Portanto, para Benoist assim como para Lévi-Strauss (que, durante o seminário, reputa ao conceito uma existência meramente teórica, mas importante como limite para a experiência), a questão é passível de fortes críticas, mas não é descartada por completo.

Julia Kristeva, uma linguista, dentro do mesmo seminário interdisciplinar, adota a linguagem poética como ponto de partida para uma análise bastante crítica. Segundo ela, esse tipo de África, onde já se anunciava o mesmo tipo de preocupação crítica. Com a descolonização, surgiram várias nações pluriculturais e tornava-se difícil falar em tribo e tratar de grupos étnicos estanques. Os dois autores questionam a estabilidade de tais grupos, que é vista como um recurso metodológico presente apenas na cabeça do pesquisador.

linguagem denuncia a crise do Ego Transcendental, que se reflete na crise das instituições e na relação do homem com o sentido. A racionalidade é questionada pela autora e o sujeito é visto como incoerente, em processo de ruptura. O domínio do sentido, repressor mas tranquilizador devido à força de sua coerência, não se sustenta mais através de um "yo providencial", já que esse se encontra em plena crise.

Segundo Julia Kristeva,

*"La cuestión de la identidad es hoy la cuestión de la sublimación de una crisis de sentido, o de su fracaso"* (Kristeva, 1981:286)

No Brasil, na década de 80, os estudos de identidade já tinham ultrapassado as fronteiras da etnologia e tomavam parte ativa nos movimentos sociais. Manuela Carneiro da Cunha foi uma antropóloga importante no período que refletiu as preocupações esboçadas durante o seminário francês aqui no país. Em seu livro Negros, Estrangeiros, de uma forma um tanto ambígua, refere-se ao caráter contrastivo e situacional da identidade e problematiza a relação desta com a cultura. Segundo a autora, no processo social do encontro, os traços diacríticos referentes a cada grupo se relacionam, mas em função do contraste, tais traços são cristalizados, tornando-se apenas "simulacros" de uma cultura viva e pulsante. Manuela Carneiro da Cunha, ao discutir a situação de ex-escravos brasileiros em Lagos, utiliza o conceito ao longo de todo o livro, mas, nas páginas finais, mostra-se

bastante cética quanto à sua conveniência e importância epistemológica.

Na filosofia, os trabalhos de Deleuze e Guattari fazem uma forte crítica à identidade. Para esses autores, a sociedade capitalista é armada de máquinas produtivas assim como de dispositivos de controle social e de instâncias que determinam a produção do sujeito. O corpo, os gestos e o terreno da sociabilidade são impregnados de significação, modelados e homogeneizados de acordo com um código dominante e o conceito identitário é produzido e calculado nesse processo. O indivíduo devidamente munido de sua identidade, o que, à primeira vista, pode parecer audacioso, é, na verdade, circunscrito a pontos de referência e enquadrado num rótulo inofensivo.

No entanto, esse processo de subjetivação pode não ser simplesmente recebido, mas recriado, dando origem a um outro processo que os autores chamam de singularização. Portanto, além de existirem elementos de resistência à individuação seriada, existem tentativas de produção do original e singular. Constróem-se inúmeros micro-códigos, a partir da circulação dos corpos, flexíveis às mutações.

Guattari, em Micropolítica - Cartografia do Desejo, afirma que são processos como esse que têm espoucado nas cidades e nos movimentos sociais. Trata-se de singularização e não de identidade alicerçada sobre o par composto de mesmo/outro. Essa relação de bipolaridade tem sido explodido nas ruas, apesar de ainda enfatizada pelo discurso científico. Ao invés da oposição

binária, ao nível macro, espalham-se milhares de "fluxos intensivos", de "devires" fluidos, que podem ser captados por uma análise "molecular". O sujeito, dessa forma, é implodido e deixa de ser mero receptor da subjetividade "capitalística". Atingido e perpassado por "fluxos de intensidade" vindos de várias direções, o indivíduo já segmentado, circula por entre as categorias e classificações.

Claude Meillassoux, a partir de um enfoque teórico completamente diverso, também tece suas críticas à ênfase sobre o conceito, utilizando-se de um caso empírico de repercussão internacional. Segundo ele, tal conceito é manipulado pelo governo sul-africano e pelo Partido Nacionalista da África do Sul na justificação do apartheid. A política de segregação racial utiliza não só a hierarquia das populações, obedecendo ao critério da cor da pele, mas também a manutenção de traços culturais considerados inerentes a uma etnia, como meios ideológicos para sua justificação. Meillassoux afirma que a categorização elaborada sobre o pertencimento ou não a determinado grupo étnico leva as pessoas a se reconhecerem dentro de um sistema de representações inventado pelo poder. Nesse contexto, assumir-se enquanto negro ou índio é aceitar essa categorização e jogar dentro do campo do racismo, permitindo-lhe, por antecipação, a vitória.

*"Vivre et défendre une culture est une affaire privée, un libre choix. Autant il est odieux que ce choix soit dénié, autant il est dangereux pour la liberté de vouloir l'imposer comme étant*

le seul symbole acceptable de la citoyenneté ou de ralliement à une politique (...). Cette "culture", usée comme instrument d'identification politique, est vouée à la nécrose, au bétonnage des monuments, à l'enfermement des frontières, à la religiosité détournée vers des chefs d'Etat, à l'affrontement armé pour "défendre" ces valeurs fantomatiques qui servent désormais à en cacher d'autres bien plus substantielles" (Meillassoux, 1987).

Voltando ao debate brasileiro, no texto "Teoria da Identidade: Uma Crítica", de 1988, Guillermo Raúl Ruben, reportando-se, em parte, ao roteiro bibliográfico aqui apresentado, propõe-se a analisar os limites operativos do conceito para a produção científica. Partindo de Hegel e de George Mead, apresenta o contexto teórico original da identidade: a Alemanha do final do século XVIII, antes de sua consolidação enquanto nação, e os Estados Unidos do início do século XX, perplexos diante da enorme diversidade provocada pelo fenômeno migratório. O autor aponta essa teoria clássica da identidade como responsável pela "minimização das contradições reais, dos conflitos, das diferenças e das desigualdades" (Ruben, 1988:83). Associa o debate presente no interior das ciências sociais a esse mesmo conceito, apesar de, à primeira vista, os textos contemporâneos remeterem ao múltiplo e ao heterogêneo. Coloca como dimensão básica da teoria a existência de um núcleo irredutível em todos os grupos humanos. A identidade de um grupo qualquer se relacionaria a uma "marca" e a "limites" particulares, elaborados socialmente (meramente classificatórios ou complexamente estratégicos), que permitiriam sua continuidade

ao longo do tempo.

O autor faz ressalvas de que existem trabalhos enfatizando o caráter arbitrário e mutante dessas marcas e limites, mas "a tendência geral é o esvaziamento destes modelos de seu sentido histórico, para empregá-los como variáveis classificatórias e organizadoras da diversidade social" (Ruben, 1988:90). Finaliza o texto citando Louis Dumont ao propor a substituição de conceitos por outros mais novos e adequados que possam dar conta da complexidade do real.

George Marcus, num artigo apresentado na reunião da ABA de 1990, tenta demonstrar como os textos referentes à identidade são construídos num momento de tensão entre movimentos locais de autonomia e forças de integração global. Segundo o antropólogo, tanto o observado quanto o observador sofrem mudanças em estudos mais atuais através da problematização do espaço, do tempo e da perspectiva, de um lado, e da proposta de uma relação dialógica e do questionamento da distância etnográfica, de outro. Marcus afirma que, ainda que a identidade atue como um fator de resistência ou de estabilização, esta reage com o momento atual e surge a partir de suas contingências.

*"Yet, identities do seem to stabilize, do resist the modernist condition of migration and dissemination in situations of both great tragedy (racial violence) and liberation (nationalism out of colonialism). (...) The modernist ethnography only asserts that such resistance in the struggle to establish identity does not rest on some nostalgic bedrock of tradition or community, but arises inventively out of the same deconstructive*

*conditions that threaten to pull it apart or destabilize what has been achieved.*" (Marcus, 1990:30)

Levando em conta os textos aqui expostos e o questionamento teórico que implicam, pode-se afirmar que a idéia de que a identidade é construída situacional e contrastivamente, no momento do confronto político, é aceita pela Antropologia em geral. Dela surgiram trabalhos interessantes relacionados às diversas minorias sexuais e étnicas e a grupos formados a partir de movimentos sociais. No entanto, o conceito vem sendo criticado em trabalhos mais recentes, de variados matizes teóricos. A teoria romântica da identidade, com fortes relações com o conceito antropológico, foi considerada responsável pela ocultação de contradições reais na produção científica (Ruben, 1988); a identidade foi criticada por trazer em si uma ênfase na construção de grupos monolíticos nos textos acadêmicos e por perder de vista a multiplicidade do social (Guattari, 1987); foi questionada em sua realidade empírica e julgada como "talvez (...) uma condição supérflua" (Carneiro da Cunha, 1985:209). Portanto, pode-se dizer que, para vários autores, o conceito tenderia a mostrar a cultura e os indivíduos como coerentes e integrados num sistema pouco complexo, relacional ou substantivo.

As conclusões obtidas durante os dezoito meses de trabalho de campo e o momento especial que atravessam a Itália e as comunidades de italianos em todo o mundo podem sugerir, a meu ver, uma discussão interessante, baseando-se em algumas questões apontadas por este roteiro.

A dicotomia imigrantes X *italiani all'estero*, a princípio, mostra-se passível de ser encaixada em qualquer análise tradicional de um grupo étnico. O contraste e a relação de oposição, que operacionalizam a formação do conceito identitário, estão presentes. É evidente que existem na colônia dois estereótipos fundamentais que se enfrentam e se afirmam a partir deste mesmo enfrentamento: uma imagem moderna e europeia, veiculada por uma elite controladora dos eventos e de boa parte das associações, e uma imagem romântica e simplória, promovida pela massa e fortemente marcada pelo passado imigratório.

No entanto, se esta oposição for analisada a partir de certos pontos indicados pelo trabalho de campo, a pesquisa pode se tornar mais eficiente na proposta de diálogo com a teoria aberta da identidade. A existência de uma vertente identitária local e de outra nacional-universalista, facilmente perceptíveis na descrição do universo empírico e nos estudos de caso, nos capítulos II e III, introduz uma novidade e abre caminho para um debate importante na Antropologia hoje. O localismo, o regionalismo e a unidade italiana foram temas recorrentes em todas as entrevistas e não poderiam ser apenas relegados a um arquivo de dados recolhidos no campo.

Ao mesmo tempo, a posição atual da Itália e dos descendentes de imigrantes são questões que dinamizam e desestruturam, de forma sensível, um tradicional par de oposições, típico de qualquer trabalho sobre identidade. Redefinições de supostas características nacionais, propostas pelo governo italiano, e

vantagens oferecidas em troca da aceitação de novos modelos pressionam jovens e velhos, provocando um mal-estar na utilização de antigos códigos de atitudes.

As vertentes identitárias e o papel dos descendentes serão os temas centrais do próximo tópico por serem os elementos empíricos, observados durante todo o trabalho de campo, que me deram subsídios para a discussão. Textos lidos concomitantemente à realização das entrevistas, além de alguns daqueles já citados, foram fundamentais para instigar a reflexão num sentido ainda não previsto durante a elaboração do projeto e receberão referência especial ao longo de minha análise .

#### 4.2. De volta ao campo

George Marcus, em "*Past, Present and Emergent Identities...*", afirma que a Antropologia, hoje, se coloca diante de uma tensão existente no mundo entre forças que promovem a integração global e forças que recriam autonomias locais. No caso da Itália e da italianidade em São Paulo, esta questão é importantíssima e se apresenta como um elemento desestabilizador de estereótipos fixos e opacos. Apesar de a figura do imigrante tradicional e do *italiano all'estero*, influenciadas pelo localismo e pelo cosmopolitismo respectivamente, serem identificadas com facilidade num primeiro contato com os grupos, não se referem a noções estáticas. O fato de a pesquisa ter optado por estudos de caso também não significa que estes tenham sido encarados como núcleos ideais marcados por traços renitentes.

A teoria aberta da identidade, como já foi exposto no item 4.1, apareceu no cenário antropológico em substituição à teoria da aculturação, uma vez que se verificou um descompasso entre preceitos teóricos que previam a destruição completa de grupos indígenas em situação de contato e o comportamento, contrário às previsões, desses grupos, que se mantinham vivos apesar do agressor. Portanto, enquanto a teoria da aculturação explicava o desaparecimento de culturas, a identidade dava conta de suas resistências. Guillermo R. Ruben, em "*La Teoria Antropologica y el Estudio de la Incorporacion ...*", fala em um "desenvolvimento perverso" do conceito. Segundo o antropólogo, complementando as

conclusões de um texto anterior <sup>2</sup>, o reconhecimento da permanência da diversidade social pode conduzir à reificação de uma dimensão privilegiada da sociedade, ou seja, à definição de "marcas" que explicariam o destino e a sociabilidade de um grupo.

No tocante aos italianos, acredito que seria muito fácil incorrer nesse tipo de erro se o estudo se restringisse a repetir o discurso dos imigrantes e *italiani all'estero*, dando voz aos grupos pesquisados, e, em nome de uma pretensa autoria difusa, o que é comum em etnografias ditas pós-modernas, mascarasse o papel do responsável pela compilação das falas. Além de não ultrapassar o mero reconhecimento da pluralidade de discursos, estaria negando a contextualização e a efetividade dos jogos políticos, contribuição indiscutível da Antropologia ao conceito de identidade.

À parte esta questão metodológica, o próprio campo acena para uma ruptura ou, no mínimo, para uma situação de fluidez. Ainda que, há algumas décadas, fosse possível solidificar traços característicos ou um cerne da personalidade da colônia, nos últimos anos, os esforços têm sido grandes e, muitas vezes, compensadores no sentido de destruir a antiga "marca".

O estudo de caso da associação Casalbuono, influenciada por uma vertente identitária local, é um exemplo da debilidade característica de uma italianidade que se choca com um processo social em desenvolvimento na sua contramão e explícita forças que

<sup>2</sup>"Teoria da Identidade: Uma Crítica". Anuário Antropológico/86, Brasília, 1988.

inviabilizam a simples inércia estereotípica.

São comuns em todo o circuito expressões de desprezo por iniciativas de cunho local, aquelas que exatamente, até há pouco tempo, resumiam a figura do italiano. Eventos como a festa de Nossa Senhora da Achiropita são ignorados pela parcela hegemônica da colônia sob a justificativa de uma crítica ao provincianismo e de uma defesa do moderno. As associações locais, apesar do número de participantes, são consideradas menores devido à obtusidade de seus horizontes.

A título de ilustração, transcrevo o trecho da entrevista com um calabrés, ex-morador de Argentina e Uruguai, em que tal postura é clara:

"...no Bixiga, você non encontra nem um 10% de italiano. Aparece a Basilicata (padaria), que faz o pão, a Dona Concetta (restaurante), mas o resto... Todos esses restaurantes non son italiano. E alguno que son italiano, non sabem nada de comida. Nada, nada, nada. Você pode encontrar tudo, meno comida italiana lá. (...) Você prende La Tavola, é um português, Torre di Pizza, é o mesmo português do La Tavola. Hay uns 3 ou 4 filho e neto de italiano, pero italiano italiano non tem ninguém lá. Enton, essa comida que eles fazem es uma comida adaptada a la esigenza, talvez, paulistana."

Quando lhe perguntei a respeito da festa da Achiropita, respondeu:

"Bom, aí es um comércio. Nunca consegui encontrar-me à vontade nessa festa porque es una festa descaracterizada. Somente

visa a lucro. O presidente é neto de italiano. Inclusive, o presidente da festa, uma oportunidade, era um cearense, outra vez, um paulistano. Também brigam entre eles, não consigam botar-se de acordo no Bixiga mesmo. Mas, se a gente, quer dizer, vamos a refletir isso como um pedacinho da Itália... Isso não."

"Se tem algum restaurante que eu acharia, numa cidade como São Paulo, não vejo muito... Quero dizer, tipo cantina... Na Itália já é mais sofisticada. E, como eu estava falando, eles querem manter um certo folclore que é um pouco deturpado, que já não entra no contexto."

Existe a Madonna di Achiripita, mas não se fazem festas. Fazem festa como fazem todos. Acredito que na cidade onde é patroeira, que é Rossano, haverá uma festa, mas vamos imaginar que como se fosse festejar Corpus Christi. Uma coisa do gênero. Mas não em Calábria, isso é somente em Rossano. Eu cheguei a conhecê-la aqui, que, inclusive, não é calabresa, é grega. Logicamente, trouxeram em Calábria os albaneses. Então, não é uma virgem nitidamente calabresa."

Nesse discurso, é fácil perceber a desvalorização atribuída ao local em face de uma realidade nacional ou regional e da modernidade. Esta posição é bastante comum numa certa elite e só não é encontrada com mais frequência por suas implicações políticas. Muitas vezes, obter votos e posições de prestígio na comunidade significa estabelecer contato com a massa, fortemente influenciada por um imaginário que privilegia o país do período emigratório, e, portanto, afirmações mais conciliadoras são esperadas.

Sem dúvida, o que me sensibilizou no estudo da Casalbuono, exemplo da vertente local da italianidade, foi exatamente a pressão que se instaura sobre o grupo diante da análise do

futuro, como se os participantes se encontrassem numa situação de emergência identitária, sendo coagidos numa direção incerta. A integração às iniciativas da política externa italiana e a participação na comunidade apresentam-se como a saída para a crise, mas a própria saída encontrada transforma-se em elemento de pressão e de conflito no interior da associação.

Um dos fundadores me disse que, em outros tempos, quando a Casalbuono fazia questão de caminhar pelas próprias pernas era muito mais respeitada. Hoje, no entanto, segundo o mesmo entrevistado, coloca-se numa situação de inferioridade já que aqueles do norte, os verdadeiros líderes dos eventos, nunca os verão como iguais (esse trecho da conversa não foi gravado; eu já havia dado a entrevista por terminada e tinha desligado o gravador).

Outro fundador, defendendo uma das características do grupo a ser preservada, a simplicidade, lembra-se de um fato que lhes trouxe muito orgulho:

"Quando veio o presidente do senado da Itália, na San Giacomo, ficou meia hora, no Circolo, ficou meia hora, em todas as associações que passou - siciliano, marinheiro, militar... - tutti esses lugares aí, ficou 15 minutos, meia hora. Na nossa, ficou uma hora e meia."

"Tava o embaixador do Brasil a Roma com a família e tava o embaixador italiano in Brasil. Estiveram lá com toda a corriola atrás deles. Foi a primeira vez que nós vimos a polícia na frente da nossa casa."

"... Era uma responsabilidade, foi no 79. Pouco tempo que tinham matado o Aldo Moro. (...) Mas nós tinha preparado

salgadinho, chopps, uma caipirinha brasileira. Até que ele falou: "Volevo bere un bicchier d'acqua." "Tá com sede? Excelência, o senhor não quer provar uma bebida típica brasileira, a caipirinha?" "Qual caipirinha?" Entom, chamou a mulher, chamou a mulher do outro... No fim, ficou uma hora e meia com nós. (...) É o ambiente da casa... A comunidade, agora, de etiqueta... Pra fazer o discurso, eu faço o discurso. Posso errar tanta palavra, todo mundo erra, mas, de prática, eu sei bem. Agora, se você quer inventar, se sai mal, sem prática, sempre sai mal." (N.M.)

O mesmo fundador, tentando preservar o espírito da associação, em 1984, escreveu um histórico contando o início de tudo.

"Io vou lhe contar uma cosa: io tenho um desgosto com a sociedade: esqueceram da origem. Foi quando fez o jubileu de prata. Entom, eu falei: "Eu sou obrigado a escrever porque daqui pra frente parece que tá mudando, que, com os anos, os "gravatinha" penetraram. Os advogado, professor, esses que son esperto ma, no fim, non sabe a cosa come é. Entom, eu disse: "Deixa eu escrever antes que modifica, pra non perder"."

Mas, ao que parece, as mudanças não têm chegado com tamanha rapidez e tranqüilidade. O presidente da associação, durante o período da realização da pesquisa, um defensor da abertura do grupo, queixou-se de que, ao abandonar o cargo, todo seu esforço, talvez, se perdesse. Segundo ele, muitos sócios não reconheceram o seu trabalho ao participar de festas, jantares e reuniões fora da Casalbuono e ao tentar manter conversas em outras rodas a respeito de milhões e grandes propriedades, enquanto ele só tem uma casa e um terreno. Contou-me que eram comuns manifestações de

desagrado quando pensava em convidar pessoas importantes da comunidade para algum evento ("Você vai convidar aquele sem-vergonha? Aquele cara não presta"). Disse-me que, nestes casos, o caráter das pessoas não lhe interessava se, politicamente, eram bem articuladas e podiam promover a associação. Chamou atenção para a crítica que eu já tinha ouvido de outro ex-presidente, hoje distante do grupo, de que os convidados não são integrados nas conversas, por ocasião das festas. Ambos concordaram dizendo que na sociedade não existe uma pessoa disposta a "fazer sala", a sentar-se junto nas mesas e a mostrar que o desejo de abertura é verdadeiro.

Dentro desse contexto ambíguo e conflituoso quanto ao futuro da Casalbuono, as vantagens oferecidas pela política italiana em relação a seus emigrados são um importante atrativo incentivando a integração, além de provocar mutações num localismo tão zelosamente preservado.

As famosas viagens financiadas por várias regiões italianas, sem dúvida, das estratégias mais importantes utilizadas pelo governo para divulgar o novo status internacional do país, são muito concorridas no circuito. A Casalbuono que, apesar dos mais de 30 anos de atividade, não conseguiu se beneficiar de nenhuma dessas iniciativas, em meio a uma série de dúvidas e de falta de informações, se ressentiu de sua posição marginal.

AB- "O Y, não sei se ouviu falar, aquele milionário, veio junto com nós da Itália. Era um mendigo, agora é rico. E outro que non lembro o nome. Se fizeram, ton bem de vida. Por quê? Porque no

Consolato tem muita mamata. Tem passagem pra Itália ida e volta..."

P- "Vocês não tem nada disso, né? Várias outras associações mandam gente pra lá todo ano..."

AB- "É, aí que tá. Ouvi falar agora. Um cabeça precisa estar sempre no Consolato pra ver de onde vem esse negócio. Pra ver se tem alguma coisa pra sociedade. Pelo menos a passagem e vinte mil cruzeiro. A sociedade paga dez, o Consolato paga mais dez. Vamos financiar isso aí. Se financiar, todo mundo vai."

"Tem tanta coisa no meio, ninguém sabe, né. Por isso que tem que ficar no meio pra saber onde é A, onde é B, onde é C. (...) Que nem a moça do patronato falou, o governo manda bastante dinheiro. Ma chi pega? Chi está por dentro."

Na entrevista com três jovens diretores da associação, as mesmas idéias se repetem:

DM- "A sociedade não quer se destacar, a sociedade quer estar ao par do que tá acontecendo. Pra isso que a gente entrou (nas eleições para o COMITES), nós somos candidatos."

EB- "E complementando, se beneficiar também de coisas que vêm do exterior..."

DM- "E também a gente não sabe se vêm. A gente não sabe se realmente vêm. Dizem."

Pesquisa- "Outras pessoas chegam na frente."

EB- "Não digo que chegam antes..."

DM- "Chegam, pelo menos."

Pesquisa- "As viagens, por exemplo."

DM- "Isso não foi bem explicado pra nós."

Pesquisa- "Saem viagens."

DM- "Eu não sei. Sabe que eu nunca vi ninguém, eu nunca vi ninguém... Eu sei dos calabreses lá do Rio de Janeiro. Eles vão mesmo de graça. A região lá da Itália manda o dinheiro, paga as passagens."

Pesquisa- "Aqui em São Paulo, D., qualquer associação que mal funciona manda gente."

DM- "Eu sei, mas você sabe que o pessoal faz uma associação pra ter força. Elas, na verdade, não são associações. Você sabe disso. É que o governo fala: "Vocês têm que representar um x de pessoas". Aqui realmente é uma associação, é uma entidade."

EB- "Tem estatuto, atas registradas, receitas e despesas."

DM- "Desde 59. Tem uma sede de verdade, construída e comprada com o trabalho daqueles primeiros imigrantes. É bem diferente das outras associações."

É de se supor que a partir do momento que a Casalbuono tiver se inserido nas iniciativas da política italiana voltada às comunidades do exterior, algumas mudanças ocorrerão já que, obviamente, o investimento por parte da península não é gratuito. Ainda que, por enquanto, trate-se apenas de um exercício de previsão do futuro, é possível fazer comparações com outros membros da colônia que já tiveram uma experiência do gênero.

Em 1987, por exemplo, quando ainda não havia iniciado o curso de mestrado, mas vinha pensando num projeto de pesquisa, participei com 56 vênets e descendentes de uma visita de um dia à cidade de Pádua. Havia entrado em contato, na Itália, com a sede da *Padovani nel Mondo* e o seu secretário me avisou da chegada dos "brasileiros". Nas conversas com o grupo, fiquei sabendo que eles tinham 15 dias completamente financiados pela região vêneta, com estada e alimentação pagas, além de um ônibus e um guia à disposição. À parte os passeios turísticos convencionais, eram recebidos nas diversas cidades da região por algum representante da administração local, com direito,

inclusive, a discursos emocionados. Lembro-me de que o espírito de todos era de orgulho de seus parentes por terem contribuído com o bem-estar e o desenvolvimento do país, trabalhando e deixando lugar para que outros trabalhassem. Chamavam-me a atenção para as pessoas vestidas elegantemente na rua e para a aparência saudável da população em geral. Um deles havia sido multado no aeroporto por ter acendido um cigarro em área proibida e confessava-se estarecido com a ordem encontrada, por completo diferente das imagens dos italianos conhecidas no Brasil. Apesar de eu não ter revisto ninguém após a volta à casa (continuei na Itália por mais alguns meses), posso afirmar que, com certeza, muitos deles tenham se transformado em entusiastas divulgadores do país renovado de seus avós.

Ao introduzir a questão dos descendentes nesse processo de reformulação da noção de identidade, convém apresentar com mais detalhes as entrevistas com os órgãos oficiais do governo italiano, já citadas e utilizadas como fonte de informação. Meu interesse ao realizá-las era de registrar o discurso modernizante e as estratégias empregadas para a divulgação da nova Itália, mas, por fim, vi enfatizada também a importância de um outro fator que corre paralelo ao esforço destes órgãos. A crise brasileira, empurrando muitos jovens para fora do país, apresentou-se como um elemento que, de certa forma, atropelou as instituições oficiais e a política italiana quanto às suas comunidades no exterior, alterando o quadro. No meu entender, é um fator fundamental que atinge frontalmente essa vertente local

da italianidade e acena para mudanças.

O cônsul-adjunto me disse que, além do afluxo enorme de pessoas ao Consulado todos os dias, chegam cartas pedindo informações e fazendo queixas.

"Dizem: "O Brasil é o país do futuro, mas esse futuro nunca chega". Escrevem em português dizendo: "Sou neto, bisneto, sou descendente, queria a cidadania, não acredito mais no Brasil". Ou ainda: "O Brasil me tirou tudo" e assim por diante." (tradução minha)

O cônsul geral <sup>3</sup>apontou este fenômeno como uma das causas do despertar da comunidade desde sua chegada a São Paulo, em 1984, quando encontrou um grande sentimento de desmobilização por parte de todos. Di Stefano explicou que logo percebeu uma forte relação, no plano sentimental, dos italianos com a Itália, apesar dos anos de emigração, e uma inserção completa na vida brasileira, o que, a princípio, viu com muito bons olhos. Aos poucos, no entanto, notou que esses laços afetivos eram com um país que não existe mais, com uma Itália gastronômica povoada de aspectos folclóricos. Segundo o cônsul, a partir de iniciativas do governo italiano e do Consulado, acrescidas do entusiasmo de filhos, netos e bisnetos, a situação foi se modificando. Porém, seu empenho pessoal na tentativa de pôr fim a essa imagem distorcida foi mal interpretado pela comunidade tradicional, que tomou suas afirmações como descaso pela velha imigração, pelas

<sup>3</sup> A entrevista, a pedido de Di Stefano, não foi gravada.

canções folclóricas" e pela espaguetada (ver transcrição da entrevista com Armandinho do Bixiga, capítulo II, página 51).

Em termos concretos, sua atitude foi sempre a de priorizar o intercâmbio de estudantes e técnicos e incentivar as relações de cooperação entre os dois países. Exemplificou dizendo que ao lhe perguntarem: "Vamos trazer um balé da Calábria?", a resposta era "não" exatamente por privilegiar um outro aspecto desconhecido.

Segundo Di Stefano, essa imagem distorcida da Itália é acompanhada por uma imagem distorcida do Brasil, que é visto, na Europa, como a terra das mulatas, do carnaval e do samba, como se nada mais houvesse por aqui. Enfatizou que, na sua função de cônsul, tem por obrigação promover, de ambas as partes, uma imagem mais justa e realista dos dois países, aproveitando a base sentimental que já existe para construir algo de concreto. Ao incentivar o intercâmbio de estudantes e profissionais, ao enviar filhos de italianos para a Itália, ao convidar equipes de técnicos italianos para visitas, acredita estar formando uma caixa de ressonância dessa imagem moderna e real. Exatamente com esse intuito, em 1988, foi organizado o evento "Italia Viva!" que deveria servir como uma grande vitrine da Itália atual tanto em termos culturais quanto tecnológicos.

Outra das entrevistas realizadas no Consulado foi com G.M., vindo para o Brasil há poucos meses, por ocasião de nosso contato, para desenvolver um trabalho relacionado aos cursos de italiano de toda a circunscrição consular. Segundo G.M., além de não existir a mínima informação sobre os cursos ministrados,

muitos dos professores falam o "portuliano", dada a origem da imigração para o país. Seu trabalho consiste em criar uma central coordenadora desses cursos, fornecendo os subsídios para seu funcionamento e o apoio didático necessário. Tal projeto já vem se desenvolvendo há cerca de 3 anos na Argentina e iniciou-se no Rio, onde o universo é menor, em 1990. G.M. afirmou que, num momento posterior à criação dessa central, seria possível obter o financiamento completo dos cursos por parte do governo. Sem dúvida, esse investimento reverteria numa renda indireta para a Itália através do turismo, do consumo de produtos industriais e culturais italianos, além da divulgação da atualidade da península.

Entre suas primeiras impressões do Brasil, o funcionário consular também enfatizou a questão dos descendentes. Chamou-lhe a atenção a pesquisa das raízes feita pelos brasileiros, algo sem a mínima importância na Itália, onde conversas em torno da origem de avós e bisavós, comuns em restaurantes e bares paulistanos, são inusitadas. Explicou que, em muitos casos, a visão que se tem de seu país é ultrapassada e, em outros, tende-se a mitificar a economia italiana e o nível de vida da população. Ao mesmo tempo que existe desinformação, G.M. disse se impressionar com o interesse tão grande e com o fato de que algumas pessoas saibam coisas que apenas quem mora na Itália poderia saber.

Não é difícil concluir que, apesar das pesquisas das origens familiares, o interesse dos jovens não se restringe ao passado e à realidade dos pequenos *paesi*, como Casalbuono, mas se volta

para a Itália moderna, cuja imagem o governo e os órgãos oficiais se empenham tanto em propagandear.

Ivano Marchi<sup>4</sup>, diretor do *Istituto Italiano di Cultura*, comentou que, surpreendentemente, os sul-americanos não se sentem mais brasileiros, argentinos ou chilenos, mas europeus que vivem fora da Europa. Num discurso bastante forte, o diretor contou que na Argentina, famosa por seu ar de superioridade, os italianos eram chamados de "tanos", ou mesmo "tanos de mierda", palavra calcada sobre "napolitanos", enquanto os espanhóis eram os "gallegos", habitantes da Galícia, região pobre da Espanha. Hoje, ironicamente, os argentinos perdem horas em filas na frente dos consulados, para pedir "a esmola de um passaporte aos mesmos gallegos e tanos de mierda". No Brasil, segundo Marchi, o italiano era o "italianinho" ou o "carcamano", ou seja, assumia a identidade de um homem pela metade e de poucas idéias ("ometto", homenzinho) ou de um enganador ("truffatore") que roubava no peso das mercadorias. Atualmente, a vergonha dos descendentes se transformou em orgulho e todos reivindicam a identidade de italianos.

Marchi apontou a proletarização da classe média brasileira como um fenômeno que veio agilizar essa mudança. Ao invés de exportar produtos industrializados ou matérias-primas, o Brasil, hoje, exporta um "proletariado elegante", composto de travestis, prostitutas e mulatas, e um "proletariado técnico", composto por

<sup>4</sup>A entrevista não foi gravada a pedido do entrevistado. As expressões e frases aqui transcritas foram anotadas durante a entrevista e posteriormente traduzidas.

engenheiros, médicos e universitários em geral. Essa "exportação", aliada à iniciativa de muitos descendentes que decidem fazer a viagem de seus avós às avessas, permite que cada vez mais pessoas entrem em contato com a Itália moderna, povoada por "pessoas magérrimas, muitos vegetarianos, que sabem conjugar o subjuntivo e têm um estilo de vida internacional".

No semanário "*Il Corriere del Sudamerica*", de junho de 1991, o diretor do *Istituto* desenvolve mais ou menos as mesmas idéias expostas durante a nossa entrevista, mas acrescenta uma informação que pode servir como exemplo do assédio dos descendentes. Transcrevo aqui, com tradução minha, parte de suas respostas ao jornal:

"Além de nossos interlocutores ideais, aos quais o nosso trabalho é dirigido - intelectuais, estudantes, associações culturais, editoras - o *Istituto* recebe inúmeros pedidos que definir como insólitos não é suficiente. Aqui no meu escritório, tenho uma coleção de cartas que classifiquei como "Pedidos Impossíveis". Gostaria de mostrá-las, mas algumas são muito pessoais e, de todo modo, não seria ético. Darei somente alguns exemplos: a camisa de Maradona, a foto de Sophia Loren autografada... Uma viagem à Itália paga à avó, sutiãs italianos de *griffe*! Como se o *Istituto* fosse uma sede de fã-clubes de atrizes e jogadores famosos, ou uma agência de viagens, ou representante das últimas tendências da moda íntima italiana." (*Il Corriere del Sudamerica*, 11.06.91)

Esse assédio exagerado talvez seja a causa das reclamações em relação ao atendimento dos interessados em bolsas de estudo e em informações sobre cursos na Itália. O *Istituto* atende algumas

manhãs por semana dezenas de pessoas que se vêem logo interpeladas: "Ma Lei parla l'italiano?" Além de ter ouvido inúmeros comentários, há alguns anos, eu mesma enfrentei uma dessas filas e vi muitos serem rapidamente dispensados, não sem antes ouvirem um pequeno sermão, diante de tal pergunta. Lembro-me de que um rapaz respondeu que o pai falava italiano, tentando explicar que entendia um pouco, a que o funcionário reagiu irritado dizendo que a pergunta não dizia respeito a seu pai. Um amigo me contou que, ingenuamente, questionou a possibilidade da existência de um curso de pós-graduação em economia ministrado em inglês, motivo pelo qual teve que ouvir o que não queria.

Ingenuidade e deslumbramento por parte dos interessados ou falta de cortesia por parte dos funcionários - explicações diversas podem ser encontradas - mas, de toda forma, são fatos corriqueiros que ilustram o momento atual do relacionamento entre a colônia e os órgãos oficiais. O Estado se empenha em divulgar a nova Itália e em arrebanhar esses milhões de pessoas espalhadas pelo mundo, mas corre o sério risco de incentivar uma imigração totalmente indesejada ou pagar caro por isso.<sup>5</sup>

<sup>5</sup>O responsável pelo setor de pensões no Consulado me disse que, enquanto o déficit do INPS italiano é maior que a dívida externa brasileira, ele próprio assina 30 novos pedidos de aposentadoria por semana. O funcionário me mostrou uma listagem de cerca de 100 nomes de combatentes da Primeira Guerra Mundial que ainda estavam vivos e recebendo. Divertido, lendo as datas de nascimento dos velhinhos, calculou que o mais jovem tinha 92 anos. Segundo ele, a situação chegou a um ponto tão insuportável que já apareceram casos de filhos de italianos que, após terem obtido a cidadania, trabalharam na Itália por um mês (antes da alteração da lei; ver página 40), acrescentaram seus anos de trabalho no Brasil e entraram com o pedido de aposentadoria italiana.

Mauro Peressini, antropólogo canadense, num estudo sobre os descendentes de italianos de Montréal, mostra que no Canadá, na década de 80, aconteceu um processo semelhante a este que vem começando a se delinear no Brasil. O entusiasmo dos jovens pela Itália é interpretado a partir de uma reformulação da própria noção de italianidade. A noção dos anos 60 e 70 teria sido bastante diferente da atual, tendo havido a passagem de um tipo de identidade local para um tipo de identidade nacional.

Segundo Peressini, o desenvolvimento econômico da península e as mudanças ocorridas no paese provocaram a falência do projeto imigratório da maioria dos italianos no Canadá. O enterro da figura do "tio da América" e a constatação de que aqueles que ficaram estavam bem ou melhor do que aqueles que enfrentaram a experiência da emigração deram origem a uma espécie de "mal estar identitário" por parte dos imigrados, no fim dos anos 70. Os descendentes, por sua vez, descomprometidos com uma identidade marcadamente local, à qual não tinham conseguido se adaptar, viram-se livres para reivindicar o status de cidadão nacional e o pertencimento à Itália do Renascimento e de Dante, mas também da Copa do Mundo e dos grandes designers. O antropólogo fala de uma troca de papéis no processo de formação de uma noção identitária, que se configura como uma herança às avessas.

*"Comme si ces années avaient dû aboutir à l'ultime et étrange paradoxe de ces enfants ne recevant plus de leurs parents leur appartenance à une filiation ascendante, mais héritant, au contraire, la tâche d'inscrire leurs parents dans une filiation à venir. Comme si le propre de cet après-guerre avait dû être de*

*célébrer ces étranges retrouvailles entre parents devenus enfants et enfants devenus parents, n'ayant pour lieu aucune terre connue, aucun territoire vécu, mais tout simplement un territoire fictif, une Italie imaginaire, inventée par les désirs de chacun et par une nostalgie du future partagée.*" (Peressini, 1988:15)

No entanto, o fato de a Itália poder investir junto aos seus emigrados numa nova imagem, a qual, sem dúvida, atrai os descendentes, não significa que a vertente nacional-universalista goze de uma tranqüila predominância. Os localismos e os regionalismos fortíssimos ainda não são questões resolvidas pelo governo italiano dentro do próprio país. Ao contrário, à medida em que a Itália se transformou em país de imigração, notaram-se uma radicalização e uma maior divulgação dos movimentos regionais. A *Lega Lombarda*, por exemplo, nas últimas eleições italianas, em abril de 1992, teve um aumento nas suas votações, e, o que é mais importante, vem conseguindo, há alguns anos, colocar no centro do interesse de todo o país temas que lhe são caros. As ligas são um exemplo perfeito de como o regionalismo exacerbado pode conduzir ao desprezo pelos valores nacionais e, evidentemente, o governo central sente-se ameaçado por esse fenômeno que tem como alvo as formas convencionais de política exercidas pelos partidos desde o pós-guerra.

Como já foi dito no capítulo III, em minhas entrevistas com associados do *Circolo*, ainda que estes pertencessem a uma instituição de prestígio, ouvi muito pouco sobre o clube ou sobre o significado do pertencimento a ele. Alguns, sendo presidentes de associações regionais, obviamente, preferiam enfatizar o

próprio trabalho, mas isso não me parecia suficiente para explicar o fato. Gilberto Bonalumi, senador italiano, presidente da comissão organizadora da II Conferência Nacional da Emigração, em 1988, fez uma constatação relacionada às vertentes identitárias apontadas pela pesquisa, tentando definir uma "política das comunidades externas", que pode esclarecer a questão:

"O redescobrimento e a manutenção da identidade cultural passam freqüentemente pela cultura regional e local. Mesmo porque o Estado deve reconhecer que, às vezes, as regiões e os entes locais são muito mais próximos que o próprio Estado dos "lugares" onde se produz a cultura, e, portanto, deve se guardar da ilusão de poder conduzir uma política cultural centralizada, destinada a permanecer um corpo sem alma porque privo da linfa que as regiões e os entes locais podem lhe dar." (Bonalumi, 1988:31,32; tradução minha)

Giuseppe De Rita, secretário geral do Centro Studi *Investimenti Sociali* (CENSIS), num artigo publicado por ocasião da mostra "*Italia Viva!*", em 1989, afirma que essa ênfase à esfera local ou regional, além de fundamental para a Itália e para os italianos, é a característica que distingue o próprio modelo econômico da península daqueles de outros países desenvolvidos do Ocidente. Segundo De Rita, em porções reduzidas do território, existem iniciativas de pequena escala que acabam interferindo na economia como um todo pela importância de seus

resultados. Essas iniciativas locais se desenvolveram a partir dos anos 70 como uma tentativa de flexibilização da economia diante do impasse criado pela crise do petróleo e pela queda do sistema de câmbio baseado na relação ouro-dólar. As fortes tradições familiar e municipalista associadas à existência de uma "aristocracia operária", treinada em moldes não-tayloristas, e de agricultores acostumados à pequena propriedade (especialmente no norte) deram origem a este modelo econômico caracterizado por micro-unidades produtivas.

"... a realidade das economias locais na Itália marca precisamente o papel que o mundo dos valores, o mundo da cultura, as tradições históricas do país tiveram no seu processo de desenvolvimento. E é em tais tradições que se pode continuar a ver alguns elementos da força destes microsistemas econômicos. Com efeito, é exatamente das marcadas tradições culturais do país que podem ser gerados os recursos imateriais que cada vez mais começam a fazer parte dos processos produtivos e contribuem a dar a estes força e flexibilidade, duração e complexidade de organização." (De Rita:1989,30)

No artigo "A Itália dos Localismos e das PME (Pequenas e Médias Empresas)", que me foi fornecido pela Câmara de Comércio, alguns números ilustram a questão: em 1987, cerca de 70% da ocupação se concentravam em empresas com menos de 100 empregados e apenas 14% em empresas com mais de 1000 trabalhadores; além disso, mais de 99% das empresas tinham menos de 49 empregados. O artigo elaborado por uma instituição italiana acrescenta:

"Este modelo de desenvolvimento afirmou-se sem muito suporte por parte da intervenção pública central, mas graças à interação com as administrações locais, capazes de contrapor a uma demanda proveniente de uma multidão de empresários que criava uma "rede de relações econômicas" uma oferta articulada nas mesmas características."<sup>5</sup>

David Harvey aponta um processo em escala mundial semelhante a este pelo qual passa a economia italiana, num livro cuidadosamente estruturado, tendo em vista a crítica ao pós-modernismo, tanto em termos teóricos quanto políticos. Segundo o geógrafo, a partir da década de 70, o capitalismo internacional vem sofrendo um rearranjo marcante acompanhado por mudanças na concepção de tempo e espaço. A tendência natural do capitalismo à superacumulação, a entrada de novos países no âmbito da economia mundial, a concentração de dólares na Europa e, finalmente, a crise do petróleo introduziram novidades com as quais o fordismo pouco flexível não conseguiu lidar. Esse abalo no quadro econômico, gerando uma crise de representação, segundo Harvey, levou à configuração de um regime de acumulação flexível e a um novo modo de regulação social e política. Simultaneamente à crise do fordismo, houve um processo de compressão do tempo e do espaço, características da chamada pós-modernidade, que o

<sup>5</sup>O título deste texto é "A Itália dos Localismos e das PME (Pequenas e Médias Empresas)". Consta da capa que foi "elaborado pelo Istituto G. Tagliacarne para a promoção da cultura econômica", sob o patrocínio da UNIONCAMERE (União Italiana das Câmaras de Comércio, Indústria, Artesanato e Agricultura), não havendo informações quanto ao autor ou paginação.

autor prefere considerar uma fase do período modernista. Portanto, essas forças conjugadas teriam levado à exacerbação de um dos lados da ambígua modernidade, marcada pela regionalização, pelo irracionalismo e pelo pastiche pós-modernos.

Independente de concordarmos ou não com a análise de Harvey quanto ao estatuto do pós-modernismo, é preciso admitir que, nas últimas duas décadas, mudanças acentuadas ocorreram, colocando num impasse a produção antropológica do período e atingindo frontalmente os estudos de identidade.

É importante acentuar que o processo que pretendi explicitar nessas páginas tem um sentido duplo - regionalização/internacionalização - e vice-versa. A exportação de uma imagem moderna e europeia e, ao mesmo tempo, a necessidade de manter um aparato de cunho regional como forma de atrair seus emigrados marcam a política italiana relacionada às suas comunidades no exterior. Por outro lado, o arraigamento a valores locais e a mobilização dos descendentes para a obtenção da cidadania italiana dividem uma grande parcela da comunidade de São Paulo. Todos esses elementos atravessam o universo empírico em direções opostas e, como demonstrei, têm papel fundamental na dinâmica da italianidade. O investimento na definição de uma noção mais moderna de identidade italiana, que, de certa forma, não apresenta uma sustentação muito sólida, reage com a italianidade tradicional, provocando uma mudança de registro de ambas as partes.

As imagens do imigrante e do italiano do exterior, portanto,

possuem dimensões conflitivas que devem ser consideradas. Tanto uma quanto outra, movidas por diversas influências e contradições internas, podem conduzir a uma nova noção étnica, assim como à transformação daquela já existente. Tais dimensões conflitivas levadas ao limite instigam um questionamento quanto à própria conveniência da análise no prisma da noção tradicional de identidade, como parecem indicar alguns autores citados no início do capítulo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início deste estudo, sabia dos intrincados problemas empíricos e teóricos com os quais teria que lidar. À medida que avançava no conhecimento da colônia de São Paulo, percebia que as linguagens da identidade encontravam-se no centro das discussões ou eram onipresentes nos bastidores dos conflitos entre os grupos. A tentativa dirigida pelo governo da Itália no sentido de alterar a definição do italiano trouxe à baila diferenças antigas e reavivou o campo de lutas das representações identitárias. Aqueles que compartilham os valores da primeira imigração, assim como as elites que mantêm contatos com os modos europeus que pretendem assumir o país de origem reagiram diante da introdução de um novo modelo. Ignorar tais reações, para mim, significava, sem dúvida, fechar os olhos para o que de mais importante vinha ocorrendo.

No entanto, não pretendia apenas fazer uma análise de pares de oposições interagindo a partir do contraste, mostrando as estratégias dos imigrantes na reconstrução de Itálias particulares. Ao mesmo tempo, não me agradava a idéia de ignorar a questão ou tratá-la de acordo com um enfoque teórico como o de Deleuze e Guattari (Guattari e Rolnik, 1986) onde "identidade" é substituída por "subjetividade" ou "devir" e o diálogo só parece

possível no interior da própria teoria.

Devido à minha formação e à proposta de uma dissertação de mestrado, acreditava que deveria "resolver" a questão dentro de certos parâmetros acadêmicos e referindo-me à determinada bibliografia no momento justo (após o campo, ao longo do trabalho de redação). Porém, não foi surpresa, terminadas essas etapas da pesquisa, que não tivesse conseguido dar uma resposta definitiva ou, ao menos, uma solução temporária ao problema. O campo não operara nenhum milagre tranquilizador, segundo expectativas empiricistas: de certa forma, alargara a questão, apontando possibilidades e tendências, mas, em absoluto, solucionando minha dúvida teórica.

A contribuição deste estudo, portanto, deve ser procurada na análise empírica dos mecanismos de produção e reformulação de uma noção étnica. Obviamente o trabalho não foi escrito para afirmar que as identidades mudam, o que seria um lugar-comum, um mero ponto de partida para qualquer pesquisa na área. O que pretendi foi demonstrar como as identidades, historicamente datadas e situadas, se transformam, utilizando-me do caso particular das noções nativas de uma comunidade de estrangeiros no Brasil.

Como demonstrei ao longo do texto, quando chegam, como chegam e de onde chegam os imigrantes são fatores fundamentais na produção das noções de italianidade, além da distância em relação ao poder, à sociedade local e ao país de origem. As diferenças quanto a classes sociais, proveniência regional e história migratória resultam, portanto, em práticas sociais diversas e

representações até mesmo contraditórias. Os estudos de caso da Casalbuono e do *Circolo* foram escolhidos exatamente com o intuito de exemplificar esse processo. A forma como se configura a luta política por ocasião das eleições para o COEMIT/COMITES e a divisão do circuito em espaços étnicos diferenciados (festas, associações e eventos que são frequentados ou não) são outros exemplos que tornam evidentes os mecanismos atuantes na definição do italiano.

Quanto às mudanças sofridas por esse processo, procurei enfatizar, através das observações do chamado "despertar" da italianidade, que não possuem um sentido único. As vertentes identitárias apontadas, a pressão sofrida tanto pelo *Circolo* quanto pela Casalbuono diante do novo e a preocupação constante no que se refere ao futuro dos grupos expõem a fragilidade dos estereótipos em jogo. O fato de inúmeros jovens brasileiros se aventurarem na terra de seus avós reforça uma representação europeia e modernizante, dado que o choque e a posterior apreensão da realidade italiana do fim do século XX reagem com a italianidade do *paese* e da pizza, preservada por muitos nos países de emigração. Mas, como demonstrei, a identificação regional e local são exploradas de forma paradoxal pelo próprio Estado italiano que incentiva a europeização. Os sentimentos localistas que também atravessam a península como ameaça ao poder central de Roma estão entre os valores dos imigrantes que são enfatizados aqui no Brasil. Trata-se de manter um equilíbrio delicado entre um fim e uma estratégia, perigosa por sua

ambigüidade, para atingi-lo. O *paese* é resgatado com o intuito de aproximar os italianos, vivendo fora da Itália, da nação membro da Comunidade Econômica Européia - população que por suas dimensões representa dividendos políticos.

Assim, em minha análise, tentei demonstrar que tanto as conjunturas do Brasil e da Itália, nas esferas macroscópicas da política, quanto as práticas que envolvem as populações que para aqui migraram e seus descendentes, produzem momentos diversos da definição do italiano e definições contemporâneas diferentes. A dúvida encontrada na fala de alguns casalbuneses quanto ao futuro da associação e na própria opção por uma italianidade por parte do *Circolo Italiano* explicitam a fluidez dessas noções constituídas a partir da tensão entre o projeto e a história dos diversos grupos.

De um prisma mais amplo, o painel a que se refere David Harvey, em *The Condition of Postmodernity*, e a reivindicação do local, sugerida por experimentos pós-modernistas, estão presentes na pesquisa, remetendo à transnacionalidade e ao destaque, paradoxal, dos regionalismos. A efervescência cultural e as rápidas modificações político-sociais dos últimos vinte anos, constituindo um quadro inédito no capitalismo internacional e na vida dos povos e nações, foram acentuadas no processo de reformulação da italianidade.

Ao focalizar um momento especial de grupos de imigrantes no Brasil, penso ter abordado processos recorrentes a várias nacionalidades e identidades no mundo. Ao investigar a colônia de

São Paulo, estabeleci relações com elementos externos à mera identidade pessoal ou comunitária, saindo de um campo fechado de reminiscências e tradições. Ainda que meu universo empírico mostre-se bastante reduzido, fenômenos ligados à unificação européia, ao esfacelamento da União Soviética e aos movimentos de independência no Leste, que compõem o que vem sendo chamado de "a nova ordem mundial", direta ou indiretamente, vêm à tona. A meu ver, por interferirem na configuração das identidades, revelam-se interlocutores obrigatórios destes estudos, já que cabe à teoria interpretar tais mudanças.

Portanto, se, por um lado, este é mais um trabalho sobre identidade, por outro, é um trabalho sobre uma identidade sob condições determinadas. Ou seja, ao expor os mecanismos de produção e reformulação de uma noção étnica particular, exponho processos em atuação no interior de uma categoria empírica, ou melhor, constituintes dessa própria categoria, a italianidade, que geralmente não são evidentes nas categorias analíticas.

Ainda que as mudanças na academia e no domínio do teórico não ocorram atreladas ao desvendamento de situações e dados etnográficos, algumas observações podem ser feitas. Assim como a identidade antropológica tem sua consolidação relacionada a uma preocupação em enfatizar a permanência, conforme explicitiei no capítulo IV, a apreensão de um novo momento no plano etnográfico tende a conduzir, num processo lento, a reformulações na teoria. Parece-me fundamental nesses períodos de crise da narrativa, crise de paradigmas, crise de ideologias políticas ou quaisquer

outras mais que se possa pensar, que um verdadeiro estoque etnográfico seja montado fotografando o momento. Talvez, numa visão otimista, em algum tempo, caiba ao antropólogo encontrar o elo de ligação, uma categoria mediadora, entre análise e empiria nessa massa ansiosa de registros.

ANEXO I

LISTAGEM DAS ASSOCIAÇÕES

- \*CIRCOLO ITALIANO-SAN PAOLO**  
Av. São Luiz, 3 - 1º and. Ed. Itália  
01040 - San Paolo  
Presidentes: Sr. Cesar Balzano  
Tel: 257.1040
- SOCIETÀ ITALIANA LEGA ITALICA**  
Pça Almeida Junior, 86  
01510-San Paolo  
Presidente: Sr. Egidio Soffa  
Tel: 278.1920
- \*PATRONATO ASSISTENZIALE IMMIGRANTI ITALIANI**  
Pça Almeida Junior, 86  
01510-San Paolo  
Presidente: Sr. Guerrino Tolomeo  
Tel: 278.1259 - 825.5222  
*278-6944*
- ASSOCIAZIONE EX ALUNNI DANTE ALIGHIERI**  
Alameda Itú, 623  
01421-San Paolo  
Presidente: Dr. Marco Formicola  
Tel: 283.4147 - 222.5522
- ASSOCIAZIONE ABRUZZESI**  
Rua Carlos Batista de Magalhães, 47  
04648-San Paolo  
Presidente: Sr. Marjo Blasioli  
Tel: 523.8034 - 543.7120
- \*ASSOCIAZIONE CALABRESI**  
Rua Paim, 420 - C/2  
01306-San Paolo  
Presidente: Sr. Gaetano Cario  
Tel: 231.0836
- \*CIRCOLO LAZIALE**  
Rua Antonio Gomide, 344  
04071 - San Paolo  
Presidente: Sr. Vincenzo Di Reda  
Telefona: 275.1583  
*Eduardo Cesar*
- ASSOCIAZIONE ITALO-BRASILIANA GLADIUM**  
Rua 4 de Agosto, 19  
04053-San Paolo  
Presidente: Sr. Nilo Lucchetti  
Tel: 443.2979  
*101426-2111*
- ASSOCIAZIONE LUCCHESI NEL MONDO**  
Rua Veneza, 647  
01429-San Paolo  
Presidente: Sr. Claudio João Pieroni  
Tel: 275.3433-R/233
- ASS. SAN MARCO VENETO**  
Rua Matheus Leme, 488-Mandaqui  
02408-San Paolo  
Presidente: Sr. Stanislao Vecchiato  
Tel: 266.9166
- \*ASSOCIAZIONE SICILIANI IN BRASILE**  
Rua Vergueiro, 263, apt. 82  
01504-San Paolo  
Presidente: Ing. Giuseppe G. Pagano  
Tel: 270.8476 - 223.8577  
*(270.8476)*
- COMITATO VENETO - SAN PAOLO**  
Rua Marques de Valença, 410/414  
03110-San Paolo  
Presidente: Sr. Giuseppe Ugo  
Tel: 264.2545
- \*ASSOCIAZIONE PIEMONTESE NEL MONDO**  
Rua Minerva, 336, apt. 112  
05007-San Paolo  
Presidente: Dr. Claudio Pezilli  
Tel: 627629 - (residência)  
contato - (011) 701-9763
- CIRCOLO E ISTITUTO CULTURALE TOSCANO**  
Rua Veneza, 647 - 01429-San Paolo  
Presidenti: Avv. Vivaldo Pagni (Cir-  
colo) Loriano Labarchi  
(Istituto)

ASS. CAMPANI CAMPANI NEL MONDO  
Rua Glória, 77, apt. 84  
01440-San Paolo

Presidente: ~~Secundino~~  
Tel: 224.1854

ASSOCIAZIONE SAN GENNARO  
Rua da Mooca, 950  
03104-San Paolo

Presidente: Eliaçõ Gonçalves  
Tel: 279.0544

ASSOCIAZIONE CAMPANIA NEL MONDO

Presidente:

FILEF-FEDERAZIONE ITALIANA LAVORATORI  
EMIGRATI E FAMIGLIE  
Rua Bartolomeo Feio, 248  
04580-San Paolo

Presidente: <sup>Carmelo Distanti</sup> Prof. Demo-Ghidelli  
Tel: 533.8554

\*ASSOCIAZIONE LIGURE  
Rua Frei Caneca, 1071  
01307-San Paolo

Presidente: Prof. Amedeo Bubbio  
Tel: 285.6933 - 852.6076

CIRCOLO GIULIANO FRIULANO SAN PAOLO  
Av. Angelica, 688 - 01228-San Paolo

Presidente: Fabio Tateo  
Tel: 669499-53 # 119

\*ISTITUTO ITALIANO DI CULTURA  
Rua Frei Caneca, 1071  
01307-San Paolo

Direttore: Prof. Rodolfo A. Manenti  
T: 285.6933

CAMERA ITALIANA DI COMMERCIO DI S.P.  
Av. Paulista, 509, 6º - Cj. 602 a 607  
01311-San Paolo

Presidente: Ing. Giorgio A. Gras  
Tel: 285.3205/5952  
Techint: 881.1422

\*ISTITUTO ITALIANO "EUGENIO MONTALE"  
Av. Angelica, 688  
01228-San Paolo = 6681.99

Coordinatrice: Prof. Nicoletta A.  
Mattoli

\*SOCIETÀ CIVILE COLLEGIO "DANTE ALIGHIERI"  
Alameda Jaú, 623  
01028-San Paolo

Presidente: Dr. Giannicola Matarazzo  
Tel: 287.7411

CLUBE ESPERIA  
Av. Santos Dumont, 1313  
02012-San Paolo

Presidente: Sr. Montano Magniozi  
Tel: 267.2188

CLUBE ATLETICO JUVENTUS

Presidente: José Ferreira Pinto  
Fº  
Tel: 273.7388

Rua Com. Roberto Ugolini, 152  
03124-San Paolo

CLUBE REGATAS TIETÉ  
Av. Santos Dumont, 843  
01101-San Paolo

Presidente: Durval Ferreira  
Guimarães  
T: 228.5244





- SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS**  
Rua Turuçu, 1840  
05005-São Paulo  
Presidente: Nelson Ducas  
Tel: 263.6344
- BRASITALIA**  
Rua Dr. Faeta Neves, 232  
09700-São Bernardo do Campo  
Presidente: Carlo Pega  
Tel: 448.7344
- CLUB ITALIANO PRO DEO ET PATRIA**  
Rua Sta Erotildes, 483  
06000-Osasco - SP  
Presidente: Antonio Martino  
Tel: 701.8761
- ASSOCIAZIONE NAZIONALE CARABINIERI D'ITALIA**  
Av. Goiás, 150  
09500 São Caetano do Sul  
Presidente: Giovanni Pega  
Tel: 442.1214
- \***CIRCOLO EMILIA-ROMAGNA**  
Rua dos Autonomistas, 140  
09500-São Caetano do Sul-SP  
Presidente: Cav. Bruno Masotti  
Tel: 453.5820
- SOCIEDADE CULTURAL ITALO BRASILEIRA**  
Rua Senador Flaquez, 38  
09000-Santo André- SP  
Presidente: Paulo Piagentini  
Tel: 444.3707
- COLONIA ITALIANA DI S. CAETANO DO SUL**  
Rua Visconde de Inhauma, 952, 1º  
09500-São Caetano do Sul-SP  
Presidente: Francesco Amendola  
Tel: 459.5947
- ACCADEMIA ITALIANA DELLA CUCINA**  
Av. São Luiz, 50, 8º-C/82-A  
01046-São Paulo  
Presidente: Dr. Renato Cecchi  
Tel: 257.5977
- \***PAROCCHIA NOSSA SENHORA DI CASALUCE**  
Rua Caetano Pinto, 608-03041-São Paulo  
Presidente: Pdre Antonio Fusan  
Tel: 279.6051
- CIRCOLO ITALIANO DI OSASCO**  
Rua João Teixeira Machado, 160  
06000-Osasco-SP  
Presidente: Giovanni Palma  
Tel: 701.0508
- PATRONATO ITALIANO UIL**  
Av. São Luiz, 50, 31º-C/312-A  
Presidente: Loris Arealdi  
Tel: 255.3988
- PATRONATO INCA**  
Rua Bartolomeu Feio, 248  
04580-São Paulo  
Presidente: Giuseppe Cascar  
Tel: 533.8554 *C. J. Cascar*<sup>do</sup>
- CIRCOLO SOCIALE SARDO "SUMURAGHE"**  
Av. Goiás, 1191-09500-São Caetano do Sul-SP  
Presidente: Francesco Bacchere  
Tel: 453.7846  
Tel: 344634 (0132)
- ASS. CULTURALE BRASILE ITALIA**  
Av. Ana Costa, 372-11.100 Santos  
Presidente: Claudio Capurso  
Tel: (0132) 355227
- SOCIETÀ ITALIANA DI SANTOS**  
Av. Ana Costa, 311-11.100-Santos

*Il dito nell'occhio*

## E la storia si ripete

di EDOARDO COEN

*"I nostri maggiorenti parlano molte volte dell'Italia, dell'italianità, del patriottismo, della colonia; molte volte anzi pontificano in suo nome; ma alla fine, la massa, che rappresenta la coscienza italiana in Brasile, è da loro lasciata da parte e la sua quantità considerata trascurabile. Più che uno sbaglio è una colpa, più che una colpa è un crimine. Arriva il nuovo console? Va via il precedente? S.E. Andreotti ci fa una visita? Succede allora un fatto straordinario, che commuove chi ha respirato al momento della nascita le aure dell'italica terra? Eccoli subito incravattati, giacca a doppio petto, accorrere all'aeroporto, agitarsi, farsi in quattro per ben rappresentare il ruolo di persone prominenti della colonia italiana di San Paolo. E dopo? Le società rachitiche; l'ospedale, testimone eterno della nostra impotenza; la beneficenza illusoria e irrisoria; l'organizzazione, che dà forza, lasciata da parte e abbandonata".*

*Prima che si inizi lo sciorinamento delle giaculatorie contro il "Corriere del Sudamerica" e che si tramino le "tremende vendette", precisiamo che non è farina del nostro sacco. Difatti non siamo stati noi a scrivere ciò che avete letto sopra. Abbiamo cambiato qualche cosa; lo dobbiamo confessare, ma solamente "il conte Antonelli" con "Andreotti", "stazione" con "aeroporto" e "marsina, cravatta bianca e cilindro brillante" con "incravattati e giacca a doppio petto", questo per tentare di svecchiare un po' il testo che è stato scritto ne "Il Tribuno" con il titolo "Maggiorenti e colonia" a San Paolo il 15 maggio 1898, quasi un secolo fa, ma disgraziatamente ancora di lampante attualità.*

*Sono passati oramai 92 anni, n'è passata di acqua sotto i ponti del Tieté, l'Italia è diventata la quarta potenza industriale nel mondo, noi ci proclamiamo non più emigranti, già che il termine suona male, ma "italiani all'estero", ma le cose in seno alla nostra colonia-comunità sono rimaste statiche e immutate, congelate nello spazio e nel tempo. Cambia l'abito e la forma, ma la sostanza, quella che vale, rimane la stessa, abbarbicata come edera su di una struttura decrepita ed arcaica. E pensare che ci avviciniamo all'anno 2000, al terzo millennio.*

*Ma di chi è la colpa di tutto questo? Logico della massa che, cafona e ignorante non vuol farsi dirigere e, principalmente della stampa che sa solamente criticare e senza mai decidersi a crepare e levarsi dai piedi una buona volta per sempre.*

*"Nihil sub sole novum" (Non vi è nulla di nuovo sotto il sole) Ecclesiasta, cap. 1, 10.*

E a história se repete - de Edoardo Coen

"As nossas autoridades falam muitas vezes da Itália, da italianidade, do patriotismo, da colônia; ou melhor, muitas vezes pontificam em seu nome; mas, no final, a massa, que representa a consciência italiana no Brasil é por elas deixada de lado e o seu número é considerado irrelevante. Mais que um erro, é uma culpa, mais que uma culpa, é um crime. Chega o nosso cônsul? Vai embora o precedente? Andreotti nos faz uma visita? Acontece, então, um fato extraordinário que comove quem respirou no momento do nascimento a brisa da itálica terra? Ei-los, de paletó e gravata, acorrendo ao aeroporto, agitando-se, desdobrando-se para bem representar o papel de pessoas proeminentes da colônia italiana de São Paulo. E depois? As sociedades raquíticas, o hospital, testemunha eterna de nossa impotência; a beneficência ilusória e irrisória; a organização, que dá força, deixada de lado e abandonada."

Antes que se dê início ao rosário de críticas contra o "*Corriere del Sudamerica*" e que se tramem as "terríveis vinganças", precisemos que não é farinha de nosso sacco. De fato, não fomos nós que escrevemos o que vocês leram acima. Mudamos algumas coisas, temos que confessar, mas somente "o conde Antonelli" por "Andreotti", "estação" por "aeroporto" e "fraque, gravata branca e cartola brilhante" por "paletó e gravata", isso para tentar atualizar um pouco o texto que foi escrito no "*Il Tribuno*" com o título "Autoridades e Colônia", em São Paulo, em

15 de maio de 1898, há quase um século, mas infelizmente ainda de evidente atualidade.

Já se passaram 92 anos e muita água sob as pontes do Tietê, a Itália se tornou a quarta potência industrial no mundo, nós nos proclamamos não mais emigrantes, já que o termo soa mal, mas "italiani all'estero", mas as coisas no solo de nossa colônia-comunidade permaneceram estáticas e imutáveis, congeladas no espaço e no tempo. Mudam-se a roupagem e a forma, mas a essência, aquela que vale, permanece a mesma, agarrada como hera a uma estrutura decrépita e arcaica. E pensar que nos aproximamos do ano 2000, do terceiro milênio.

Mas de quem é a culpa de tudo isso? Lógico que da massa que, bronca e ignorante, não quer se deixar dirigir e, principalmente, da imprensa que sabe apenas criticar, sem nunca se decidir a desaparecer de uma vez por todas.

---

"Nihil sub solem novum" (Não há nada de novo sob o sol)  
Eclesiastes, cap. I, 10.

(Corriere del Sudamerica, nº 19, 16.07.90)

CENTROCALABRESE

Noi, fondatori - nel lontano 1975 - del CENTRO CALABRESE, primo sodalizio della nostra Regione a San Paolo (Brasile) e, poi, fondatori, assieme ad altri corregionali, dell'Associazione Calabrese, alla quale, dal momento della sua costituzione, dedicammo tutti i nostri sforzi:

VISTO l'allontanamento - causato da questa situazione anomala - di molti soci fondatori e attivi;  
 VISTA la violazione dello Statuto sociale quando in una riunione di Consiglio direttivo - e non in un'assemblea generale straordinaria come stabilito dalle norme statutarie - invece di sostituire il presidente defunto con il vicepresidente in carica, è stata designata a occupare tale carica una socia non appartenente al Consiglio Direttivo;

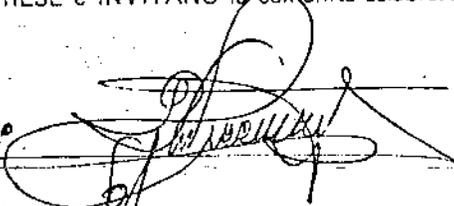
VISTO che tale presidente "de facto" ha poi convocato ad assemblea generale i soci mediante la sola pubblicazione di un avviso su un periodico di collettività, e non personalmente, senza includere nell'ordine del giorno l'esame del consuntivo morale e del bilancio finanziario, e avvertendo che avrebbero potuto partecipare solo quelli al giorno con la quota sociale, senza chiarire - come di norma - che potevano regolarizzare la loro mora all'atto di presentarsi all'assemblea stessa;

VISTO che tale presidente "de facto" si è fatta nominare "Consultrice" della Regione Calabria, in rappresentanza della comunità calabrese in Brasile introducendo nel verbale di detta riunione del Consiglio Direttivo una sua designazione a tale fine che, nella realtà non è mai esistita;

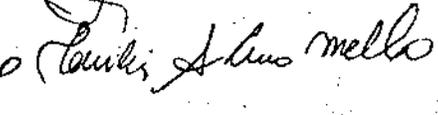
VISTO che non può essere "Consultrice" essendosi naturalizzata mentre l'articolo 19 delle norme che reggono la Consulta stabilisce che lo possono essere solo i cittadini italiani;

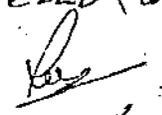
CONSIDERANDO che sono stati violati gli articoli dal No. 19 al 30;

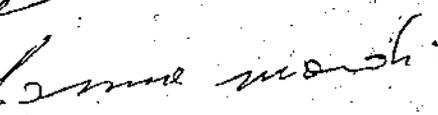
CONSIDERANDO tutte queste irregolarità che contraddicono lo spirito che animò i primi soci e che hanno provocato, dopo la scomparsa del compianto Presidente, una gravissima crisi istituzionale, HANNO DECISO di ridare vita al CENTRO CALABRESE e INVITANO la comunità calabrese di San Paolo a stringersi attorno ad esso.

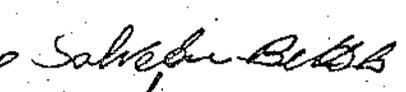
RENALDO PIZZIMENTI 

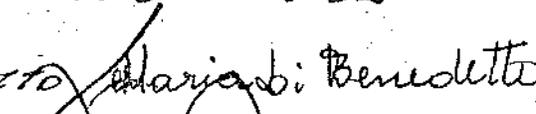
FRANCESCO PASSAVANTI 

EMILIA CAIRO MELLO 

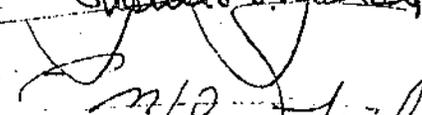
DOMENICO RUSSO 

COSMO MARADEI 

SALVATORE BETTOLO 

MARIA DI BENEDETTO 

NORMA MARADEI 

ENZO PALERMO 

SAN PAOLO, 13 GENNAIO 1992

## CENTRO CALABRES

Nós, fundadores - no distante ano de 1975 - do "Centro Calabrês", primeira associação da nossa região em São Paulo (Brasil) e posteriormente fundadores, junto a outros da mesma região, da Associação Calabresa, a qual, desde o momento de sua constituição, dedicamos todos os nossos esforços:

VISTO o distanciamento - causado por esta situação anômala - de muitos sócios fundadores e ativos;

VISTA a violação do Estatuto social quando em uma reunião do Conselho diretor - e não em uma assembléia geral extraordinária, conforme o estabelecido pelas normas estatutárias - ao invés de substituir o presidente falecido pelo vice-presidente, foi designada a ocupar tal cargo uma sócia não-pertencente ao Conselho diretor;

VISTO que tal presidente "de facto" convocou posteriormente os sócios à assembléia geral mediante apenas a publicação de um aviso em um periódico da coletividade, e não pessoalmente, sem incluir na pauta do dia o exame do balanço financeiro, e advertindo que poderiam participar somente aqueles que estivessem em dia com a cota social, sem esclarecer - como de norma - que podiam regularizar os atrasados ao se apresentarem à assembléia;

VISTO que tal presidente "de facto" se fez nomear "Consultor" da Região da Calábria, como representante da comunidade calabresa no Brasil, introduzindo na ata da reunião do Conselho Diretor sua designação para tal fim, que, na realidade,

nunca existiu;

VISTO que não pode ser "Consultor" por ter se naturalizado, enquanto o artigo 19 das normas que regem a "Consulta" estabelece que só são admitidos cidadãos italianos;

CONSIDERANDO que foram violados os artigos do número 19 ao 30;

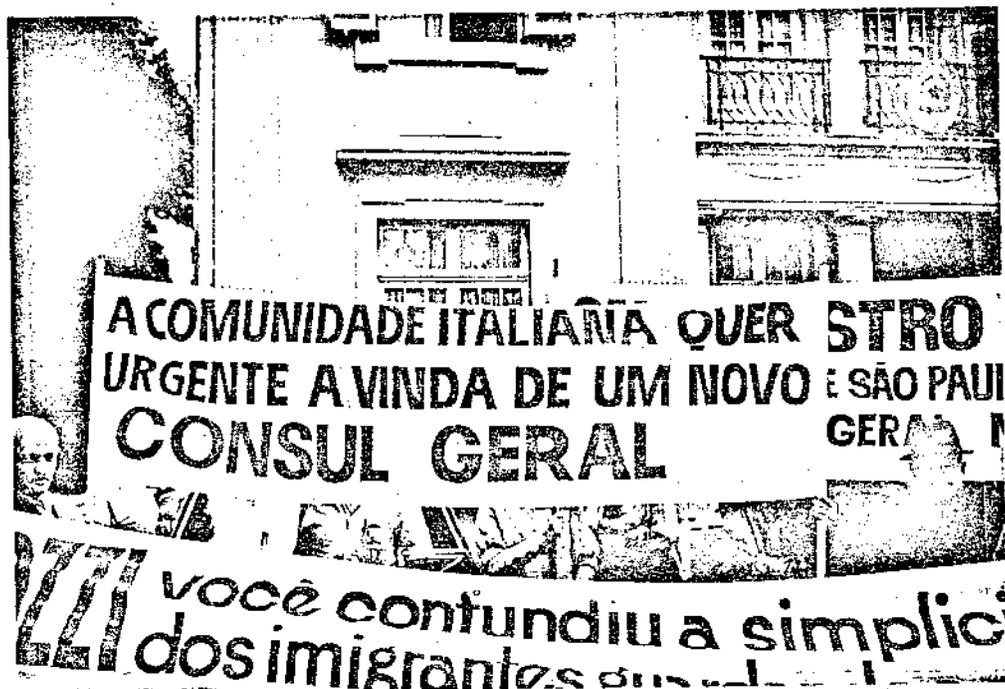
CONSIDERANDO todas estas irregularidades que contradizem o espírito que animou os primeiros sócios e que provocaram, depois do desaparecimento do querido Presidente, uma gravíssima crise institucional, DECIDIRAM recriar o CENTRO CALABRÉS e CONVIDAM a comunidade calabresa de São Paulo a se unir em torno dele.

São Paulo, 13 de janeiro de 1992.

(*L'Italia del Popolo*", 6 de fevereiro de 1992)

ANEXO IV

(Fotos cedidas por um dos entrevistados)



ANEXO V

CAMPANHAS PARA AS ELEIÇÕES DO COMITES

# **ITALIANO IN BRASILE**

*Per il Comites*

**VOTA la lista n.1**



***Entra col tuo voto  
nell'Italia di Oggi !***

### OS OBJETIVOS DA UNIÃO REGIONAL

- 1) Promover atuações conjuntas com os outros COMITES, do Brasil e do Mundo, destinadas ao reconhecimento do exercício do direito de voto dos italianos no exterior, solenemente prometido pelo Governo italiano, durante a 2ª Conferência Nacional da Emigração (Roma, 1988);
- 2) Apoiar e fomentar os programas das Associações Regionais locais, relativos à organização de viagens à Itália para jovens e idosos, assim como aos cursos de especialização linguística, profissional e para bolsas de estudo;
- 3) Ao mesmo tempo, difundir em maior grau, no Brasil, as tradições artísticas e históricas, o folclore e as conquistas tecnológicas italianas. Para tanto, - serão incentivadas a promoção e realização de exposições técnicas e culturais e de eventos desportivos, recreativos e tradicionais dirigidos à comunidade ítalo-brasileira ao mundo empresarial local;
- 4) Promover e apoiar iniciativas no campo da assistência médica e social em favor dos compatriotas carentes, cuja primeira e importante meta, além do almejado Hospital italiano, é uma Casa de Repouso para idosos;
- 5) Exercer controle sistemático sobre a aplicação das contribuições italianas e locais em prol dos nossos emigrantes;
- 6) Potenciar com a maior intensidade os valores passados e presentes da Comunidade italiana, sobretudo em relação às outras comunidades.

### PELA UNIÃO DOS EMIGRANTES E PELA SOLUÇÃO DE SEUS PROBLEMAS

Vote na lista Nº União Regional.

# PROGRAMA "ITALIAUNA" CHAPA 3

A CHAPA 3 ITALIAUNA e um grupo formado de italianos aqui residentes, profundos conhecedores dos problemas da comunidade.

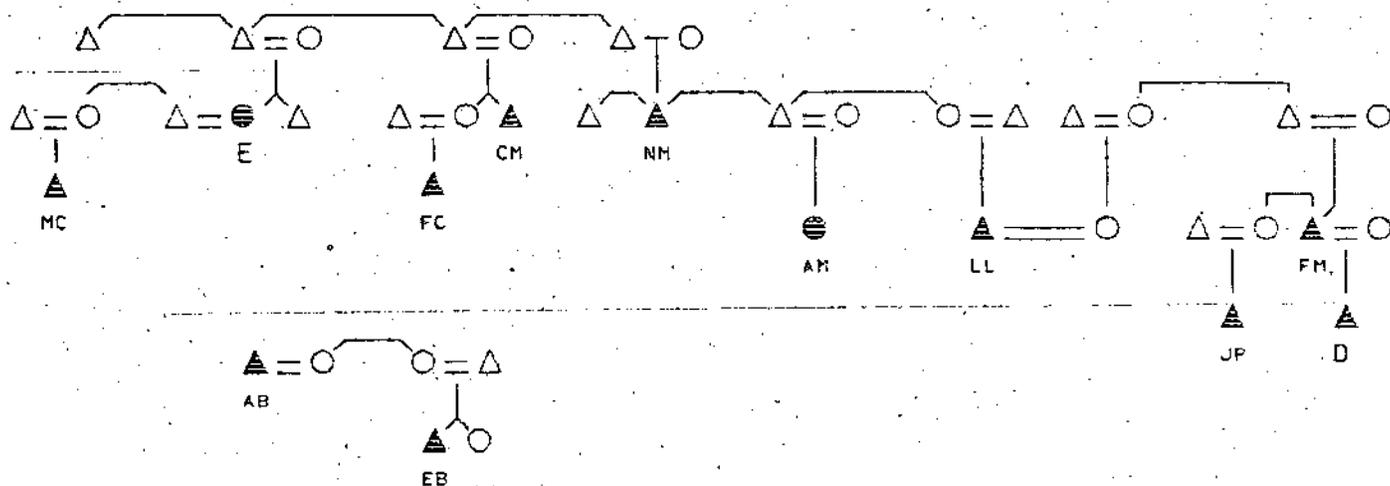
Eles se propoem em desenvolver o que segue:

- 1) Conduzir os comites dentro dos parametros impostos pela lei italiana exigindo o respeito das resolucoes de carater consultivos adotados nas reunioes.
- 2) Estimular e dar apoio as iniciativas das associacoes e dos consultores das regioes para uma maior integracao com a comunidade.
- 3) Promover atividades tais como: sociais, culturais e desportivas.
- 4) Exigir das autoridades o respeito da constituicao italiana que preve ESCOLA GRATUITA ate o grau medio para os filhos de italianos no exterior, com metodos de equivalencia com a Italia.
- 5) Promover junto as entidades competentes, empresas e grupos italo-brasileiros a formacao e instalacao de um Hospital e formacao de convenios.
- 6) Estimular a criacao de fundos especiais para a instituicao de casa de repouso para idosos.
- 7) Colaborar com o consulado geral da Italia para conseguir junto ao Governo Italiano a desburocratacao dos documentos melhorando a qualidade do atendimento ao publico italiano e seus descendentes.
- 8) Exigir do Governo Italiano o cumprimento da resolucao adotada na segunda conferencia da emigracao realizada em Roma em 1988. Particularmente no que diz respeito a dupla cidadania e a concessao do cheque especial destinado aos italianos necessitados.

# "ITALIAUNA" CHAPA 3

ANEXO VI

REDE DE PARENTESCO DA CASALBUONO (As iniciais correspondem aos entrevistados)



## BIBLIOGRAFIA

ALVIM, Zuleika

Brava Gente! Os Italianos em São Paulo. São Paulo:  
Brasiliense, 1986

ANDERSON, Benedict

Nação e Consciência Nacional. São Paulo: Ática, 1989

BARTH, Fredrick

Ethnic Groups and Boundaries - The Social Organization  
of Culture Difference (Introduction). Bergen Oslo:  
Universitets Forlaget, 1969

BASSIT, Ana Zahira, Antonio da C. Ciampa e Márcia R. da Costa (orgs.)

Identidade: Teoria e Pesquisa. São Paulo: EDUC (Série  
Cadernos PUC:20), 1985

BOSI, Ecléa

Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos. São Paulo:  
F.A. Queiroz, 1979

BENOIST, Jean-Marie

"Facetas de la Identidad" e "Conclusiones" in Claude  
Lévi-Strauss (org.), 1981, cit.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues

Identidade e Etnia. São Paulo: Brasiliense, 1986

BRUNETTA, Gian P.

"Immagini dell'Emigrato nel Cinema" in Emilio Franzina  
(org.), 1983, cit.

CABRINI, Angiolo

Il Maestro degli Emigranti - Guida per Lezioni e Conferenze a Preparazione degli Emigranti Italiani, Imola: Paolo Galeati, 1912

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio

"A Presença do Autor e a Pós-Modernidade em Antropologia". *Novos Estudos Cebrap* 21, 1988

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto

Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Pioneira, 1976

"A Categoria de (Des)Ordem e a Pós-Modernidade da Antropologia". *Anuário Antropológico* 86, 1988

CARDOSO, Ruth C.L.

A Aventura Antropológica - Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

CARELLI, Mario

Carcamano e Comendadores - Os Italianos de São Paulo: da Realidade à Ficção (1919-1930). São Paulo: Ática, 1985

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela

Negros, Estrangeiros - Os Escravos Libertos e sua Volta à África. São Paulo: Brasiliense, 1985

"Etnicidade: da Cultura Residual mas Irredutível" in Antropologia do Brasil. São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1986

COHEN, Ronald e John Middleton

From Tribe to Nation in Africa (Introduction).

Pennsylvania: Chandler, 1970

DE RITA, Giuseppe

"A Itália dos Cem Municípios". Sistema Itália  
(publicação do Instituto Italiano per il Commercio  
Estero), 1989

DI LORENZO, Giulio C.

"Gli Italiani nel Mondo - Nuove Iniziative per Nuove  
Esigenze". Affari Sociali Internazionali 1, Milano:  
Franco Angeli, 1987

DUMONT, Jean-Paul

The Headman and I. Austin: University of Texas Press,  
1978

DURHAM, Eunice R.

Assimilação e Mobilidade - A História do Imigrante num  
Município Paulista. São Paulo, Publicações do Instituto  
de Estudos Brasileiros, 1986

ECO, Umberto

Como se Faz uma Tese. São Paulo: Perspectiva, 1989

FAUSTO, Boris

Historiografia da Imigração para São Paulo. São Paulo:  
Sumaré, 1991

FELDMAN-BIANCO, Bela (org.)

Antropologia das Sociedades Contemporâneas - Métodos.  
São Paulo: Global, 1987

FRANZINA, Emilio

Merica! Merica! Emigrazione e Colonizzazione nelle  
Lettere dei Contadini in America Latina (1876-1902).

Milano: Feltrinelli, 1979

La Grande Emigrazione - L'Esodo dal Veneto durante  
il Secolo XIX. Padova: Marsilio, 1978

Un Altro Veneto (org). Padova: Francisca, 1983

GOMES, Angela M. C.

"A Construção do Homem Novo: O Trabalhador Brasileiro"  
in A. M. C. Gomes et alii, Estado Novo - Ideologia e  
Poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982

GLAZER, Nathan e Daniel P. Moynihan

Beyond the Melting Pot. Cambridge: Harvard University  
Press e MIT Press, 1963

Ethnicity, Theory and Experience (Introduction).  
Cambridge: Harvard University Press, 1975

GUATTARI, Felix e Suely Rolnik

Micropolítica - Cartografia do Desejo. Petrópolis:  
Vozes, 1986

HALL, Michael

"The Origins of Mass Immigration in Brazil, 1871-1914",  
Tese de Doutorado. Columbia University, 1969

HARVEY, David

The Condition of Postmodernity - An Enquiry into the  
Origins of Cultural Change. Oxford: Basil Blackwell Ltd.,  
1989

IANNI, Constantino

Homens Sem Paz - Os Conflitos e os Bastidores da Emigração Italiana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972

KRISTEVA, Julia

"El Tema en Cuestión" in Claude Lévi-Strauss, 1981, cit.

LENHARO, Alcir

Sacralização da Política. Campinas: Papirus, 1986

LÉVI-STRAUSS, Claude

La Identidad - Seminario Interdisciplinario Dirigido por Lévi-Strauss. Barcelona: Petrel, 1981

LUPI, Cecilia

"Partano Pure, ma senza Imprecare: Le Ideologie e Consigli Pratici (1855-1927)" in Emilio Franzina (org.), 1983, cit.

MARAM, Sheldon L.

Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920). Rio De Janeiro: Paz e Terra, 1978

MARCUS, George

"Past, Present and Emergent Identities: Requirements for Ethnographies of Late Twentieth Century' Modernity Worldwide". Apresentado na XVII Reunião da ABA, 1990

MARSAL, Juan F.

Hacer la America. Buenos Aires: Editorial del Instituto, 1969

MARTINELLI, Franco

San Paolo: Gli Italiani - Integrazione Sociale e  
Diffusione Culturale. Roma: Bulzoni, 1988

MEILLASSOUX, Claude

"L'Ethnicisme, Prolongement de l'Apartheid en Afrique du  
Sud" (manuscrito). Paris, 1987

PASSIGLI, Stefano

Emigrazione e Comportamento Politico. Bologna: Il  
Mulino, 1969

PEREIRA, João Baptista

Italianos no Mundo Rural Paulista. São Paulo: Pioneira,  
1974

PERESSINI, Mauro

"Les Territoires Mouvants de l'Identité: Migrations des  
Parents et Ethnicité des Enfants chez les Italiens de  
Montréal". Culture VIII (1), 1988

PERLONGHER, Nestor

"Desvio e Identidade: Roteiro para uma Abordagem  
Crítica" (mimeo)

RABINOW, Paul

Reflections on Fieldwork in Morocco. Berkeley:  
University of California Press, 1977

REDFIELD, R., R. Linton e M. Herskovitz

"Memorandum on the Study of Acculturation". American  
Anthropologist 38, 1936

RIBEIRO, Maria Therezinha Janine

"Desejado e Temido - Preconceito contra o Imigrante Italiano em São Paulo na Primeira República". Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985

RÍOS, José Arthur

Aspectos Políticos da Assimilação do Italiano no Brasil.  
Publicações avulsas da revista Sociologia número 4, São Paulo: Fundação Escolar de Sociologia e Política, 1959

RUBEN, Guillermo R.

O Que é Nacionalidade. São Paulo: Brasiliense, 1984

"Teoria da Identidade: Uma Crítica". Anuário Antropológico 86, 1988

"La Teoria Antropologica y el Estudio de la Incorporacion de la Mano de Obra Campesina-Indigena al Mercado Capitalista". Apresentado na LASA, 1990

"A Teoria da Identidade na Antropologia: Um Exercício de Etnografia do Pensamento Moderno" in Mariza Corrêa e Roque Laraiá (orgs.), Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1992

THOMPSON, Paul

The Voice of the Past - Oral History. Oxford: Oxford University Press, 1978

TRENTO, Angelo

Do Outro Lado do Atlântico - Um Século de Imigração Italiana no Brasil. São Paulo: Nobel/Instituto Italiano di Cultura di San Paolo/Instituto Cultural Italo-Brasileiro, 1989

VANGELISTA, Chiara

Le Braccia per la Fazenda - Immigrati e "Caipiras" nella Formazione del Mercato del Lavoro Paulista (1850-1930). Milano: Franco Angeli, 1982

#### JORNAIS

"La Settimana del Fanfulla" - São Paulo, 1990, 1991 e 1992

"Il Corriere" - São Paulo, 1988, 1989

"L'Italia del Popolo" - São Paulo, 1990, 1991 e 1992

"Il Corriere del Sudamerica" - São Paulo, 1990, 1991 e 1992

"Folha de São Paulo" - São Paulo, 10.05.89, Suplemento